

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE

DISSERTAÇÃO

SITIANTES E CHACAREIROS DO RIBEIRÃO VERMELHO,
ALVORADA DO SUL - PR: SOCIABILIDADE, DISPUTAS E
TRANSFORMAÇÕES DE UM BAIRRO RURAL

PAULA DANIELA MUNHOS

2007



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E
SOCIEDADE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE

SITIANTES E CHACAREIROS DO RIBEIRÃO VERMELHO,
ALVORADA DO SUL - PR: SOCIABILIDADE, DISPUTAS E
TRANSFORMAÇÕES DE UM BAIRRO RURAL

PAULA DANIELA MUNHOS

Sob a orientação da Professora

Dr^a Maria José Carneiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Rio de Janeiro, RJ
Outubro de 2007

305.563098 Munhos, Paula Daniela.
1 Sitiantes e chacareiros do
M963s Ribeirão Vermelho, Alvorada do Sul
T - PR: sociabilidade, disputas e
transformações de um bairro rural /
Paula Daniela Munhos - 2007.
87 f.

Orientador: Maria José Carneiro
Dissertação (mestrado) -
Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Instituto de Ciências
Humanas e Sociais.

Bibliografia: f. 84-87

1. Bairro rural - Brasil -
Teses. 2. Sitiantes - Brasil -
Teses. 3. Sociabilidade - Brasil -
Teses. I. Carneiro, Maria José II.
Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Instituto de Ciências
Humanas e Sociais. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS EM DESENVOLVIMENTO,
AGRICULTURA E SOCIEDADE

PAULA DANIELA MUNHOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, área de concentração em Estudos de cultura e mundo rural.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: ____ / ____ / _____

Prof.^a Dr.^a Maria José Carneiro CPDA/UFRRJ
(orientadora)

Prof.^a Dr.^a Emilia Pietrafesa de Godoi IFCH - UNICAMP

Prof.^o Dr.^o John Cunha Comerford CPDA/UFFRRJ

AGRADECIMENTOS

À Deus, minha fonte de fé e esperança.

À Dr.^a Maria José Carneiro, pela orientação íntegra, paciente, desafiadora e estimulante.

À CAPES e à FAPERJ, pela concessão da bolsa de estudo. Sem esse apoio não teria sido possível permanecer no Rio de Janeiro durante o primeiro ano do curso.

À ActionAid/NEAD, pelo auxílio financeiro recebido para a realização do trabalho de campo.

Aos meus pais, pelo incentivo, por sempre respeitarem minhas decisões e acreditarem em mim.

Às famílias do Ribeirão Vermelho, pelo afeto estabelecido nestes quase dois desde o início de minha pesquisa e pelos momentos de acolhida.

Aos professores e funcionários do CPDA, que tornaram o ambiente o melhor possível.

Ao IAPAR, especificamente às áreas de Socioeconomia e Recursos Humanos pelo apoio, incentivo e amizade.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, guardo na memória e nos meus sentimentos cada situação compartilhada, principalmente em sala de aula e na Rua do Ouvidor. Sem contar as acolhidas física e espiritual, de abrigo e de emoções. Cada palavra, gestos, detalhes e delicadezas que recordarei com muito carinho.

A todos os meus amigos, que sempre estiveram presentes e compartilharam comigo sentimentos nobres e momentos de felicidade.

RESUMO

MUNHOS, Paula Daniela. **Sitiantes e chacareiros do Ribeirão Vermelho, Alvorada do Sul** - **PR**: sociabilidade, disputas e transformações de um bairro rural. 2007. 87 p. Dissertação (Mestrado em Ciências). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

A presente dissertação objetiva analisar as transformações em um bairro rural desde sua colonização, cuja peculiaridade central é a manutenção de um modo de vida sustentado na agricultura camponesa e sua inserção em um contexto recente de ocupação desse espaço por citadinos, interessados na *terra de lazer*. Temos como objeto a relação entre a organização familiar e as estratégias de reprodução social face às mudanças nas condições de produção e na configuração espacial do bairro. O local escolhido como objeto empírico de estudo é o bairro rural Ribeirão Vermelho, localizado no município de Alvorada do Sul, norte do Paraná. Nos últimos 70 anos o bairro passou por profundas alterações em sua configuração espacial ocasionadas pelos seguintes acontecimentos: a construção da Represa Capivara (1975), dois processos de parcelamento da terra através da divisão de herança e, mais recentemente, o loteamento de dois sítios para a construção de chácaras de lazer. Seleccionamos alguns temas centrais para recortar nossa análise: no primeiro capítulo discutimos as representações que os sitiantes têm sobre as principais mudanças do bairro e sobre os espaços dos sítios e das chácaras (neste item também incluímos as representações dos chacareiros); no segundo capítulo apreendemos o processo de transmissão do patrimônio entre os sitiantes; e, finalizamos a discussão com a análise da sociabilidade e das disputas acionadas entre as famílias, assim como seus contextos e significados.

Palavras-Chave: bairro rural, sitiantes, sociabilidade.

ABSTRACT

MUNHOS, Paula Daniela. **Peasants and chacareiros of the Ribeirão Vermelho, Alvorada do Sul - PR: sociability, disputes and transformations in an rural settlement.** 2007. 87 p. Dissertation (Master Sciences). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

This dissertation analyzes the transformations in a rural settlement since its settling, whose central peculiarity is the maintenance in a supported way of life in peasant and its insertion in a recent context of occupation of this space for city dwellers, interested in the leisure land. We have as object the relation between the familiar organization and the strategies of social reproduction face to the changes in the conditions of production and the space configuration of the locality. The chosen place as empirical object of study is the rural settlement Ribeirão Vermelho, located in the city of Alvorada do Sul, North of the Paraná. In last the 70 years the place passed for deep alterations in its space configuration caused by the following events: the construction of the Represa Capivara (1975), two processes of parcelament of the land through the division of inheritance and, more recently, the land division of two small farms for the construction of leisure mansions. We select some subjects central offices to cut our analysis: in the first chapter we argue the representations that the besiegers have on the main changes of the rural settlement and on the spaces of the small farms and the mansions (in this item also we include the representations of the *chacareiros*); in as the chapter we apprehend the process of transmission of the patrimony between the besiegers; e, we finish the quarrel with the analysis of the sociability and the disputes set in motion between the families, as well as its contexts and meanings.

Key-words: rural settlement, peasants, sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Estado do Paraná, com destaque para o município de Alvorada do Sul	09
Imagem 1 – Alvorada do Sul e Rio Paranapanema	10
Gráfico 1 – População residente em Alvorada do Sul – PR, 1952/2000.....	11
Quadro 1 – Percepções dos sitiantes em relação às mudanças ocorridas no bairro.....	21
Quadro 2 – Significações dos sitiantes e chacareiros em relação ao espaço do sítio e da chácara.....	23
Foto 1 – Imagem da casa de um sitiante do bairro Ribeirão Vermelho.....	24
Foto 2 – Casa de Seo Tão e Dona Rosa, construída com a ajuda dos filhos	25
Foto 3 – Casa construída por José Amâncio, sua esposa e seus dois filhos.....	25
Tabela 1 – Faixa etária do casal responsável pela chácara.....	28
Tabela 2 – Cidade onde reside o chacareiro e sua família.....	28
Tabela 3 – Procedência do casal em relação à origem rural ou urbana.....	28
Tabela 4 – Ocupação principal dos chacareiros	29
Tabela 5 – Principais interesses que os chacareiros atribuem às chácaras.....	29
Foto 4 – Chácara em que um dos interesses principais é o cultivo de hortas e plantações	30
Foto 5 – Chácara em que um dos interesses principais é a realização de festas.....	30
Quadro 3 – Geração, divisão de herança e estratégia familiar.....	37
Foto 6 – Venda do bairro Ribeirão Vermelho. Detalhe para os troféus adquiridos pelos antigos times de futebol Vermelhão e Vermelhinho, os enfeites do período da Copa de 2006 e Seo Waldemar, dono da venda	60
Foto 7 – Momento de desenterrar a garrafa de cachaça para ser servida aos convidados	62
Foto 8 – Altar de Santo Antônio preparado para a celebração da festa junina.....	63
Foto 9 – Encontro de algumas pioneiras durante o Almoço do Vermelho.....	67

Foto 10 – Preparo dos alimentos pelos homens, responsáveis pelo porco no tacho, torresmo e churrasco.....	68
Foto 11 – Preparo dos alimentos pelas mulheres, responsáveis pelo arroz temperado, macarronada, maionese e salada.....	68
Foto 12 – Preparo dos pães para serem servidos com o “picadinho”	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Instrumentos de pesquisa.....	02
A experiência etnográfica e a escolha do bairro.....	05
O dia do almoço.....	06
Situações embaraçosas da pesquisa de campo	07
CAPÍTULO I – RIBEIRÃO VERMELHO: UM BAIRRO EM TRANSFORMAÇÃO ...	09
1.1 Notas históricas sobre o município de Alvorada do Sul – PR.....	09
1.2 As transformações do bairro e os nomes dos lugares.....	12
1.2.1 De <i>Sertão</i> a <i>Bairro</i>	12
1.2.2 Contextos socioeconômicos e as transformações do Ribeirão Vermelho	14
1.2.3 <i>Sítios</i> e <i>chácaras</i>	21
1.2.4 As categorias das pessoas: <i>sitiante</i> e <i>chacareiro</i>	25
Considerações.....	30
CAPÍTULO II –TRABALHO, HERANÇA E SUCESSÃO	31
2.1 Organização social da produção: o sítio como espaço de trabalho	31
2.2 Estratégias familiares de transmissão do patrimônio	34
2.2.1 A manutenção do patrimônio familiar como unidade produtiva e econômica.....	37
2.2.2 Terra como produção e meio identitário e terra como mercadoria	42
2.2.2.1 Terra como produção e meio identitário	42
2.2.2.2 Terra como mercadoria.....	46
2.2.3 Sítio como espaço de moradia: saem os jovens, ficam os pais	51
2.2.4 O papel da mulher na herança e na renda familiar	52
2.2.5 Casamento e herança	53
Considerações.....	54
CAPÍTULO III – DIMENSÕES DA VIDA NO SÍTIO: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E DISPUTAS	56
3.1 Espaços de convivência e de participação: a casa, a venda e as festas	56
3.2 “Em casamento e velório é todo mundo junto, no tempo da política é cada um pro seu lado”	63
3.2.1 “Tudo é motivo de festa”.....	63
3.2.2 Fofoca: “falo da vida dos outros porque sei que falam da minha”.....	71
3.2.3 O “tempo da política”.....	73
3.3 Sítiantes e chacareiros: uma nova relação	78
Considerações.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

INTRODUÇÃO

O conhecimento de um bairro rural com traços de um modo de vida sustentado na agricultura camponesa e inserido em um contexto recente de ocupação desse espaço também por cidadãos, orientou o direcionamento desta pesquisa. Objetivo compreender as principais transformações ocorridas no interior da comunidade desde sua colonização, tendo como objeto a relação entre a organização familiar e as estratégias de reprodução social frente às mudanças nas condições de produção e na configuração espacial do bairro. Estou interessada em verificar a permanência da agricultura frente ao movimento que podemos chamar de “competição” pela ocupação de um espaço agricultável por um espaço de lazer.

O bairro escolhido foi o Ribeirão Vermelho, localizado no município de Alvorada do Sul, norte do Paraná, ele foi colonizado na década de 1930 por italianos e descendentes, os quais trabalhavam anteriormente como colonos¹ em fazendas de café no estado de São Paulo. Este bairro apresenta duas peculiaridades: a capacidade de manutenção do modelo de *campesinidade* (Woortmann, 1990) frente à chegada da moderna agricultura na década de 1970²; e, a convivência entre este modo de vida com outro vindo da cidade através das chácaras de lazer na década de 1990. Além disso, outras transformações afetaram o cotidiano das famílias e interferiram na organização da estrutura familiar, as quais serão relatadas nos três capítulos que compõem esta dissertação. A escolha do bairro é apropriada visto que, ainda hoje os sitiantes preservam traços importantes da condição camponesa, como por exemplo, a relação com a terra e com trabalho.

No primeiro capítulo analiso as principais transformações que o bairro Ribeirão Vermelho passou em sua configuração espacial e nas relações sociais entre os sitiantes nestes últimos 70 anos, a partir dos depoimentos e das representações que os moradores têm em relação aos acontecimentos. Dois processos podem ser destacados neste período. O primeiro ocorrido na década de 1970 através da construção da Represa Capivara, e o segundo na década atual com o loteamento de dois sítios para a construção de chácaras de lazer.

Ainda neste capítulo, verifico as representações que os sitiantes e os chacareiros têm sobre os dois espaços que configuram o bairro atualmente: as chácaras de lazer e os sítios produtivos através da identificação dos sentidos que cada um desses espaços têm para as pessoas que o utilizam como lugar de trabalho e moradia (os sitiantes) ou como espaço de lazer (os chacareiros). Parto do princípio de que essas representações são decorrentes da alteração da configuração do espaço, tanto física como sócio-econômica. Porém, de outro lado, reconheço que a mudança do espaço é promovida também pelas transformações das representações em relação a ele. Assim, procuro apreender o sistema de representações simbólicas através do qual, os sitiantes realizam uma leitura desse espaço em dois momentos: no passado e no presente.

No segundo capítulo abordo as transformações a partir de um tema central: a transmissão do patrimônio entre os sitiantes. Percebo a importância deste assunto, visto a diversidade de arranjos que as famílias sitiantes podem adotar no processo de herança. Além disso, constatei que a falta de recursos e de terras não permitiu a maioria delas continuarem trabalhando e vivendo no bairro. O processo de transmissão igualitária entre esses sitiantes

¹ A categoria *colono* diz respeito às famílias de trabalhadores e residentes das fazendas de café.

² A manutenção deve ser entendida também como um processo de adaptação ao novo modelo de relação com a terra e trabalho que estava sendo levado ao campo através da Revolução Verde (modernização, mecanização, insumos industrializados, *commodities*).

diminuiu significativamente o tamanho dos sítios desde a colonização do bairro. Até o momento foram realizadas duas divisões da herança: uma entre as décadas de 1950 e 60 e a segunda entre as décadas de 1980 e 90, sendo que se for realizada uma terceira, a manutenção do patrimônio familiar poderá ser inviabilizada definitivamente, ao menos para algumas famílias. Antes de iniciar a discussão sobre o processo de herança, traço um panorama da organização social da produção, especificamente analiso o sítio como espaço de trabalho e as alterações no sistema de produção através das gerações de moradores.

No último capítulo, a discussão concentra-se na identificação dos locais que são essenciais para a sociabilidade entre os sitiantes e na análise das relações sociais acionadas em cada um deles. Com o olhar centrado nas relações presentes, recorro constantemente ao passado para compreender as disputas e alianças que são efetivadas entre os moradores no cotidiano e nos eventos especiais. Os locais selecionados foram a casa, a venda e as festas; cada um destes locais apresenta regras de comportamento específicas e concretizam a sociabilidade entre as famílias. Num universo em que “todo mundo é parente” as relações sociais, por vezes, escondem rivalidades, quase sempre dissimuladas.

Instrumentos de pesquisa

Para esta dissertação optei em recorrer à história de vida e à observação e análise do cotidiano. A história de vida foi acionada para auxiliar a compreensão das transformações ocorridas no bairro desde sua colonização. Trata-se do relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, na tentativa de reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu (Queiroz, 1988). Através da história de vida, tenho a intenção de reconstruir e interpretar os significados que os sitiantes atribuem às principais mudanças ocorridas no bairro.

A análise do cotidiano permite que seja traçado o hiato entre a situação passada e a presente. Além disso, o cotidiano é um espaço privilegiado para análise sociológica porque nele perpassam processos reveladores do funcionamento, da transformação e dos conflitos que engendram ações sociais. Conforme Tedesco (1999; 31), “o cotidiano é o espaço por excelência de percepção de formas, do significado e das redefinições da historicidade e da dinâmica das representações sociais. As tarefas cotidianas são ritualísticas, seu grau de repetição é correspondente ao estágio do conhecimento, aceitação e repercussão ou influência das representações sociais do objeto ou da ação”.

Seguindo o mesmo recorte de Carneiro (1998), selecionei a família como unidade de análise e observação. Ela é percebida como um espaço de produção e reprodução de valores que ultrapassam a lógica do parentesco e da racionalidade econômica. Através da família, é possível identificar, por exemplo, a influência do valor familiar sobre o comportamento dos indivíduos em suas práticas econômicas e sociais fora da unidade doméstica.

Durante a pesquisa de campo fiquei hospedada por um período de duas semanas em uma família de sitiantes entre os meses de maio e junho de 2006. Posteriormente, realizei mais nove visitas ao bairro para participar de festejos locais ou investigar questões que ainda encontravam-se não respondidas, dessa vez, cada estadia não passava de dois dias. Participei de várias festas organizadas no bairro e no município, entre elas: duas festas juninas, dois almoços do Vermelho, bodas de casamento, aniversários, festa de ano novo, etc. Foram realizadas mais de 15 entrevistas com os sitiantes e 10 com os chacareiros. No primeiro grupo tive o cuidado de dividir a quantidade de entrevistas de acordo com as gerações de moradores (pioneiros, segunda, terceira e quarta geração).

Algumas categorias analíticas são operacionalizadas neste trabalho, entre elas: representações sociais, campesinato e bairro rural. A análise das representações sociais fornece a possibilidade da compreensão no “modo de nomear e definir conjuntamente os

diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (Jodelet, 2001: 17).

As representações compreendem sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo, com os outros e suas classificações. Diferente da ciência trata-se do conhecimento ‘outro’, mas que é adaptado à ação sobre o mundo e mesmo corroborado por ela. Sua especificidade, justificada por formação e finalidades sociais, constitui-se em objeto de estudo epistemológico não apenas legítimo, mas necessário para compreender plenamente os mecanismos do pensamento, além de ser pertinente para tratar do próprio saber científico.

Membros de um grupo que compartilham definições comuns podem construir uma visão consensual da realidade vivida por esse mesmo grupo. São estas visões que guiam as ações e trocas cotidianas, ou seja, tratam-se das funções e das dinâmicas sociais das representações. Sendo elas comuns a um determinado grupo, mas não idênticas entre os indivíduos que o compõem, podem diferenciar das de outros e neste caso, a ocorrência do conflito entre as distintas visões e conseqüentemente, entre os grupos.

O tratamento das representações constitui um objeto de estudo complexo para as ciências sociais, pois ela tem relação tanto com processos da dinâmica social, como psíquicos. Sendo assim, elas devem ser estudadas articulando-se elementos “afetivos, mentais e sociais e integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir” (2001: 26).

Para Jodelet, a abordagem social das representações trata de uma matéria concreta e diretamente observável, para analisá-la é necessário seguir duas orientações, não excludentes. No primeiro caso, considerar os constituintes das representações, entre eles: imagens, crenças, valores, opiniões, informações, elementos culturais etc. Em segundo, pesquisar o princípio de coerência que estrutura os campos de representação, neste caso: atitudes, modelos normativos, organizadores socioculturais.

No que diz respeito ao bairro rural, o sentimento de pertencimento à localidade constitui o elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social. Este sentimento é acionado por meio de duas possibilidades: o trabalho rural em comum torna-se a primeira maneira de congregar os habitantes do bairro; a segunda forma dá-se através da associação para organização dos festejos lúdicos-religiosos (Candido, 1975; Queiroz, 1973).

O bairro rural é delimitado também pelas relações de sociabilidade e pelo modo como se efetiva as relações com a cidade e com a região, a existência de um forte sentimento de pertencimento à localidade que se expressa na convivência, nas relações de parentesco e de vizinhança, nas práticas coletivas de ajuda mútua, na organização de atividades festivas e pela origem comum.

O último conceito é o de campesinato e por tratar-se de uma categoria importante para esse estudo, visto que utilizo esta categoria para classificar e entender os sítiantes do Ribeirão Vermelho. As teorias do campesinato foram difundidas, principalmente, a partir das décadas de 1960/70 com contribuições de antropólogos, economistas e sociólogos, os quais analisaram os camponeses sob aspectos econômicos, de produção, organização familiar, relação com o mercado, entre outros fatores.

O tratamento generalizado do campesinato como conceito não implica a homogeneidade dos camponeses em todo o mundo. Shanin (1980) chama a atenção para a idéia de que o campesinato se reproduz num processo que faz parte da história social mais ampla, que ele não está cristalizado. Trata-se de verificar a extensão da especificidade dos padrões de seu desenvolvimento, dos períodos significativos e das rupturas estratégicas que dizem respeito aos camponeses. Estou interessada em analisar os sítiantes do Vermelho através do processo de reprodução e produção nestes últimos 70 anos. Conforme a descrição

de Shanin, é necessário verificar os padrões de continuidade e rupturas desse campesinato ao longo do tempo.

Outras características das sociedades camponesas são identificadas por Mendras, a saber: “uma relativa autonomia face à sociedade global; a importância estrutural dos grupos domésticos, um sistema econômico de autarquia relativa, uma sociedade de interconhecimentos e a função decisiva dos mediadores entre a sociedade local e a sociedade global” (Mendras citado por Wanderley, 1998: 26).

Chayanov (1974), no seu estudo clássico sobre a organização familiar determina que o estímulo básico da família em relação à atividade econômica é satisfazer as demandas de seus próprios consumidores, ou seja, é em torno da família que reside a organização interna do camponês, entretanto, sua obra não considera os aspectos exteriores que influenciam a relação entre trabalho e consumo.

A maior parte das características citadas por estes estudiosos são utilizadas para o entendimento atual do campesinato e da agricultura familiar, sobretudo no que se refere à tradição, ao modo de vida, à autonomia relativa e sua relação com outros setores da sociedade.

É possível entender o campesinato atualmente em dimensões diferenciadas, porém complementares. Em primeiro lugar, o campesinato se constitui historicamente como uma civilização, uma cultura e um modo de vida. Nesse sentido, o camponês tradicional não consiste num mundo à parte, ao contrário, ele mantém laços de integração com a sociedade englobante, fundamentalmente os vínculos mercantis.

Em segundo lugar, o campesinato pode ser visto de uma maneira mais restrita, como uma forma social de organização da produção gerida pela família, a qual se expressa nas práticas sociais que orientam a lógica de funcionamento baseada na associação entre patrimônio, trabalho e consumo (Wanderley, 2003).

Ao invés de simplesmente considerar o agricultor familiar moderno como uma evolução irreversível e absoluta do camponês tradicional, é necessário considerar simultaneamente os pontos de ruptura e os elementos de continuidade entre as duas categorias sociais para então conceituá-las.

De um lado, o campesinato brasileiro corresponde a uma das formas de agricultura familiar que apresenta características particulares, as quais representam resultados do enfrentamento de situações próprias da história social do país (dificuldade de acesso à terra, por exemplo) e que servem hoje de fundamento para a preservação de um patrimônio sociocultural, com o qual deve adaptar-se às exigências e condicionamentos da sociedade moderna. Por outro, o agricultor familiar moderno não produz uma ruptura total e definitiva com as formas anteriores, mas antes disso, ele é portador de uma tradição camponesa, a qual também lhe permite adaptar-se às novas condições da sociedade contemporânea.

“No agricultor familiar há um camponês adormecido” (Marcel Jollivet citado por Wanderley, 2003: 47) e é justamente a partir da preservação de uma tradição (centralizada na família, formas de produzir e modo de vida) associada à adequação relativa às condições modernas de produzir e viver em sociedade que o agricultor familiar moderno deve ser analisado, ou seja, é necessário considerar a capacidade de resistência e de adaptação dos agricultores aos novos contextos econômicos e sociais. Na medida em que a família continua sendo o objetivo principal que determina as estratégias de produção e de reprodução, esse agricultor familiar, de certa forma, permanece camponês. É através dessas características: da importância que a família tem no âmbito das decisões domésticas, das formas de produção e reprodução de um modo de vida tradicional, da relação com a terra e com o trabalho que emprego a categoria *sitiante*, com o mesmo sentido da categoria *camponês*.

Além da existência de uma herança histórica da tradição camponesa no agricultor familiar moderno, é possível constatar a presença de um campesinato no meio rural brasileiro,

ainda que tenha perdido a significação e a importância que tinha nas sociedades tradicionais, continua a se reproduzir nas sociedades atuais integradas ao mundo moderno. O campesinato no Brasil pode ser definido através de suas lutas para conseguir um espaço próprio na economia e na sociedade (Wanderley, 1998: 34).

Portanto, o que se pode constatar através das análises apresentadas por Maria de Nazareth Baudel Wanderley é que o camponês está presente na sociedade contemporânea tanto, como um “tipo” de agricultor familiar, quanto como uma herança sociocultural preservada nos agricultores familiares modernos, a qual é possível ser percebida por meio da sua capacidade de resistência e de adaptação aos novos contextos econômicos e sociais que surgiram para estes agricultores.

O conceito de camponês tem que ser compreendido com base nas rupturas e continuidades e situado de acordo como os novos elementos da sociedade contemporânea, para o qual se faz necessário resgatar a literatura produzida nas décadas de 1960/70 sobre o campesinato, mas ao mesmo tempo é preciso não desconsiderar a complexidade atual do mundo rural. A constatação da existência do campesinato e de suas características tem de ser analisadas levando em conta situações específicas, em localidades regionais e locais, já que sua generalização certamente incorrerá ao erro, principalmente devido à diversidade da população rural.

A experiência etnográfica e a escolha do bairro

Freqüente o município de Alvorada do Sul, especificamente a chácara de um tio, desde 1996. Esse lugar se tornou o local de encontros da família e de amigos. Em qualquer período do ano, de preferência nos feriados prolongados nós viajamos para a chácara a fim de fazer comidas, beber, descansar, ouvir música, pescar e nadar no verão. As vésperas de escrever o projeto para o mestrado, em 2004, surgiu a idéia de investigar as chácaras. Procurei um funcionário da prefeitura e obtive algumas informações que possibilitaram dar início ao projeto.

Em fevereiro de 2006 voltei para Alvorada com a intenção de começar a pesquisa de campo. Na temporada de 10 dias fiquei hospedada no chalé da chácara do meu parente. Durante essa “pré-pesquisa” de campo fui até a prefeitura, Emater e na Vila Esperança do Norte (distrito que dá acesso à chácara onde estávamos). Por estes dias comecei tomar conhecimento do bairro Ribeirão Vermelho e logo me interessei em conhecer o local, pois ele sempre era apontado por ser um bairro de sitiantes, onde parte de sua área havia sido loteada para chácaras recentemente. No oitavo dia, já no final da tarde, anotei os nomes de alguns moradores que me foram indicados por Dona Cida (moradora da Vila Esperança) e fui para a venda do bairro.

Nesta ocasião conversei bastante, mencionei minha pesquisa, fiz alguns contatos e tive abertura para voltar no dia seguinte e visitar a casa de um sitiante, Seo Oswaldo Martin. E foi exatamente o que fiz. Fui até sua casa e conheci sua esposa, Dona Madalena, foi uma visita rápida, ficamos na frente da casa. Marquei uma entrevista para o sábado, quando voltei ao bairro. Dessa vez recebemos o convite para almoçar. Deixei meu telefone para que me avisassem o dia do “almoço do Vermelho” que os moradores do bairro realizam duas vezes por ano. Neste dia aproveitei para conhecer alguns chacareiros. Com eles tive conversas informais sobre seus interesses em relação ao lugar e minha pesquisa.

Passado um mês recebi um telefonema da filha do Seo Oswaldo para ser avisada que no mês de abril seria realizado um jantar no barracão da capela do bairro promovido pela creche de Alvorada. Nesta ocasião, os moradores a quem fui apresentada por Dona Madalena, como uma mistura de jornalista e estudante, faziam comentários sobre as diferenças entre aquele jantar, organizado pela creche e o almoço que eles organizam no domingo. Através de

suas comparações procuravam demonstrar os aspectos positivos do almoço em relação ao jantar: maior quantidade de pessoas, comida mais saborosa, a refeição era servida na mesa, a festa durava mais tempo e era mais animada. Entretanto, não deixavam de enfatizar o feito de ser um jantar beneficente. No final da conversa sempre enfatizavam que eu deveria participar do almoço. Também destacavam sua capacidade de organização e como conseguiram construir o barracão, ganhar as mesas e cadeiras de um deputado. Levaram-me até a cozinha para que eu pudesse “ver com meus próprios olhos” todos os equipamentos que compraram após a realização de cada almoço: pratos, talheres, copos, panelas, fogão industrial, frízeres, bacias. Tudo para fazer comida e servir mais de 500 pessoas.

Um mês depois, em maio voltei para o bairro, desta vez para o “almoço do Vermelho”. No sábado, dia anterior à festa e já no fim de tarde, fomos buscar o convite. Tudo estava encaminhado para o dia seguinte, os moradores que ajudaram organizar a festa estavam sentados juntos, provavelmente conversando sobre o dia de trabalho do sábado e do próximo, considerado o mais puxado.

Convidaram-me para visitar a cozinha (mas dessa vez foram outras pessoas) queriam me mostrar os equipamentos e as comidas que estavam semi-prontas: as carnes de boi e porco temperadas, o torresmo com a primeira fritada pronto para pururucar, o arroz lavado e os legumes e verduras picados.

O dia do almoço

Cheguei mais cedo, pois estava interessada em tirar umas fotos e ver a organização da festa. Os homens eram responsáveis pela preparação do churrasco, do porco no tacho e do torresmo. As mulheres ficavam na cozinha e respondiam pelo arroz temperado, macarrão, salada e maionese. Tinha um caixa e um bar, ambos cuidados por homens.

Aproximadamente 50 pessoas trabalharam na festa, entre elas: moradores (a maioria), parentes que se mudaram para a cidade, filhos de moradores que estudam em outras cidades, uma senhora de Alvorada que ajuda em toda festa, um casal da vila Esperança que também participa sempre.

Estavam presentes na festa, aproximadamente, 500 pessoas, vindas de Alvorada, Porecatu, Florestópolis, Londrina, Rolândia e Bela Vista do Paraíso. Também percebi a presença de chacareiros. O almoço durou o dia todo, estava muito bem organizado, além da fartura de comida, tanto que algumas pessoas aproveitaram para jantar.

Na festa, aproveitei para me apresentar aos moradores. No fim da tarde fui informada por um sitiante que ele tinha uma casinha para me alugar. Quando a Dona Madalena ouviu essa informação, me chamou num canto e disse que eu não deveria ficar nessa casa, pois não era bom ficar sozinha. Como saída ela me ofereceu a própria casa, o quarto da filha. “A casa é simples, mas dá para ficar, é melhor do que ficar sozinha”. A fim de evitar algum conflito, a melhor alternativa era dizer que ela havia me convidado anteriormente.

No domingo da semana seguinte, dei início ao meu primeiro dia da pesquisa e aproveitei para entrevistar os chacareiros. Dona Madalena e Seo Oswaldo resolveram me acompanhar pelas chácaras. Sua família é a que mora mais próxima dos loteamentos, nos dias em que estive em sua casa era constante o movimento de chacareiros atrás de ovos, leite, queijo, galinha, do pomar, das capivaras e dos jacarés. Algumas coisas para comprar, outras para ganhar e outras para olhar.

Voltando a pesquisa, neste dia entrevistei 4 famílias. Através da presença dos dois parece que as entrevistas foram melhores e os chacareiros mais receptivos. Pois ambos são conhecidos: Dona Madalena, de dentro da casa, na hora da venda e Seo Oswaldo de fora, pois com frequência ele é convidado para visitar as casas dos chacareiros para conversar, tomar uma cervejinha e contar histórias.

Os entrevistados enfatizaram como era bom ficar ali, segunda casa para alguns, casa principal para outros. Lugar de descanso, de segurança, de sossego, de ficar a vontade, poder respirar e dormir melhor. Lugar de bons vizinhos, de gente boa, de família. Lugar de passar uns dias, de viver depois da aposentadoria, de pescar, fazer churrasco, beber cerveja, levar os amigos. Lugar de plantar, ver a planta crescer, colher, provar e doar aos conhecidos.

Durante a semana foi a vez dos sitiantes. A minha estadia ali, mesmo antes de eu chegar já era fato conhecido por todos. Tudo é para ser observado, comentado e julgado constantemente. Mas deixo para descrever isto em outro momento. Por enquanto vou me reter a alguns aspectos principais sobre a opção pelo bairro e a orientação final da pesquisa.

A pesquisa de campo forneceu elementos importantes para a discussão de questões referentes aos bairros rurais, como sociabilidade, transmissão do patrimônio, transformações na estrutura familiar e na configuração espacial. Assim, optei em recortar e centralizar a discussão em torno das relações sociais entre sitiantes e dos significados simbólicos de suas práticas, pois o bairro com seus moradores é um importante referencial para estudos sobre o campesinato nos dias atuais. Ainda que as chácaras seja um processo mais recente de ocupação do espaço rural por citadinos, o bairro, com toda sua riqueza de detalhes e de história sobre a vida dos sitiantes fascinou-me e estimulou a escrita das páginas seguintes.

Situações embaraçosas da pesquisa de campo

Deparei-me com duas situações durante a pesquisa que me causaram um certo constrangimento perante os moradores, nada que não pudesse ser relevado: em primeiro lugar, todos queriam ser entrevistados e, em segundo, a ocorrência de ciúmes por parte de algumas famílias. Embora eu tivesse dito desde o começo de minha estadia que entrevistaria somente algumas famílias, acabei percebendo que todas queriam ser entrevistadas. Eles me paravam na rua e diziam: “quando você vai lá em casa?” ou “você já foi na minha mãe?”. Eu insistia que provavelmente não era necessário entrevistar todos os moradores, mas que tentaria entrevistar algumas famílias dos diversos sobrenomes e gerações. Eu não via necessidade metodológica para entrevistar todos, mas, ainda assim, me senti um pouco constrangida, pois tive a impressão que para eles era importante minha presença, afinal eles gostariam de atestar seu estado de morador do bairro perante a pesquisadora.

Outra situação embaraçosa foram os ciúmes gerados por algumas famílias em relação às visitas que realizava durante a pesquisa de campo e nos períodos posteriores. Heredia (1979) também vivenciou esta situação em seu trabalho de campo através dos convites para almoçar e da censuras recebidas por fazer mais visitas a uma família do que outra.

Não posso negar que durante minha estadia fiz amigos, fui convidada para festas e recebi afeto. Mas, também não posso deixar de mencionar que fui alvo de fofocas e provoquei ciúmes entre algumas famílias. Jantar na casa de uma família e recusar o convite de outra, afinal não poderia ficar nos dois lugares ao mesmo tempo, foi motivo para o seguinte tipo de comentário: “nossa! A Paula não sai mais da casa da fulana”. Acredito que a intensidade da relação permitiu isso. As “impressões deixaram de ser controladas” (Berreman, 1975) em um determinado momento. Principalmente, na casa onde fiquei, o relato de histórias pessoais passaram a fazer parte do cotidiano. Estes fatos chamaram minha atenção durante a pesquisa de campo. Percebi os comentários como um elemento importante no relacionamento entre as famílias, um meio para incluir e excluir pessoas, tanto que o tema será tratado no último capítulo.

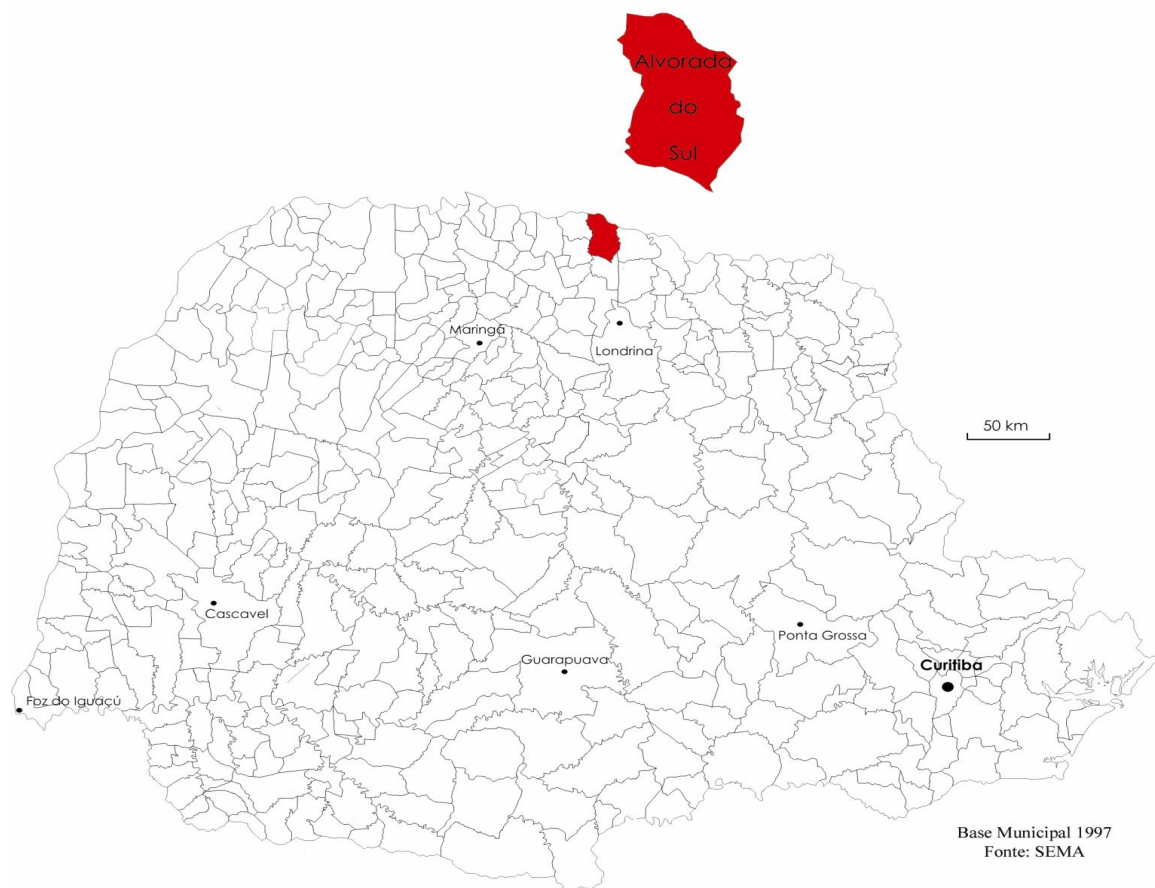
Neste sentido, muitas situações do dia-a-dia são vivenciadas pelos sitiantes com um grande sentido de dramatização perante fatos corriqueiros e sem muito significado, ao menos para a pesquisadora. Em todas idas e vindas do bairro voltava sempre surpresa pelos motivos das disputas (futebol, política), não exatamente os motivos, mas sim, pelas situações em que

essa luta, com um sentido de arte – pois é preciso equilibrar a tensão na vivência – ganhava seus contornos. Minha presença foi uma delas e isso me causava muito embaraço. Com o tempo compreendi, que minha presença, como qualquer outra visita é objeto de reconhecimento e reputação entre os sitiantes do Vermelho, receber visitas é um fato social importante para a família acolhedora e isto demonstra o quanto ela é conhecida e tem contatos externos ao bairro.

CAPÍTULO I – RIBEIRÃO VERMELHO: UM BAIRRO EM TRANSFORMAÇÃO

1.1 Notas históricas sobre o município de Alvorada do Sul - PR

O município de Alvorada do Sul está situado no Norte do Paraná, na região do Vale do Paranapanema. Ele faz limite ao Norte com o Rio Paranapanema (estado de São Paulo), Bela Vista do Paraíso, Primeiro de Maio e Porecatu. A distância entre Alvorada e Londrina é de aproximadamente 70 km. Conforme o mapa abaixo é possível visualizar a localização do município.



Mapa 1 – Estado do Paraná, com destaque para o Município de Alvorada do Sul.

Até 1920, Alvorada do Sul era praticamente inabitada e composta de matas fechadas (Cerezini, 2004). Mas, neste período o Paraná já era reconhecido pela fertilidade de suas terras o que impulsionou a colonização das cidades com a chegada dos primeiros pioneiros. As imobiliárias tiveram um papel fundamental nesta fase. Após a aquisição de terras, a empresa responsável media e dividia a área em lotes urbanos e pequenos sítios, sendo estes últimos destinados principalmente ao cultivo de café.

“A firma Lima, Nogueira, Comercial Exportadora, com sede na cidade de Santos, estado de São Paulo, adquiriu vasta área de terras na região, onde se encontra a cidade de Alvorada do Sul, na qual estava localizada a Fazenda Alvorada, onde foram lançados os alicerces do povoado” (IBGE, s/d). Em parte da Fazenda Alvorada, conhecida pelos sitiantes como “Fazenda Lima” encontra-se hoje o bairro Ribeirão Vermelho.

Em 14 de novembro de 1947 foi criado o distrito de Alvorada do Sul, antes pertencente ao município de Porecatu. Em 4 de novembro de 1951 Alvorada foi elevada a município pelo decreto de Lei n.º 1951. No ano seguinte, tomou posse o primeiro prefeito do município, Sr. Antônio Abreu.

De 1935 a 1970 predominava a cultura de café na região. Nesta fase o município tinha uma área equivalente a 435 km². Após a década de 70, Alvorada do Sul sofreu grandes transformações desde a alteração do tipo de cultivo até a extensão de sua área. O café cedeu lugar às lavouras de grãos: soja, milho (e posteriormente o trigo) até os dias atuais. Em 1977 foi finalizada a construção da Usina Hidrelétrica Capivara. Essas duas mudanças acarretaram um forte êxodo em todo o município. A Usina alagou 86 km², o equivalente a 20% da área total de Alvorada. A imagem a seguir ilustra Alvorada do Sul e o Rio Paranapanema, como podemos observar uma vasta área do município é margeada pelas águas da represa.



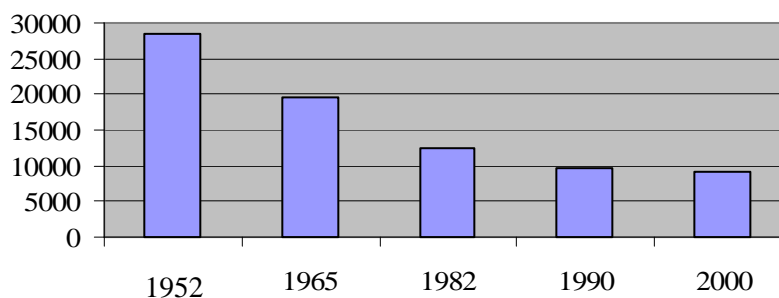
Imagem 1 – Alvorada do Sul e o Rio Paranapanema.

Fonte: Google Earth – imagem de satélite acesso em agosto de 2007.

No início da colonização, a cidade era composta por pequenas e grandes propriedades rurais. Essas últimas abrigavam um grande contingente de colonos trabalhadores nas lavouras de café, os quais partiram para outras cidades da região após o fim do ciclo do café e após a chegada das águas.

Conforme Cerezini (2004), no ano de 1952 – auge do cultivo de café – o município contava com 28.500 habitantes. 30 anos depois, com o declínio do café e a construção da represa, a cidade passou a ter apenas 12.500 hab. Desde então, a população vem caindo sistematicamente, sendo que de acordo com o último censo demográfico o município contava com apenas 9.260 habitantes. O gráfico a seguir apresenta o declínio da população desde o ano de 1952.

Gráfico 1 – População residente em Alvorada do Sul – PR, 1952/2000.



Fonte: Cerezini, 2004.

A partir do final da década de 1990, a iniciativa privada e alguns proprietários de terras situadas nas margens da represa promoveram o início de um intenso processo de loteamento de chácaras de lazer. Embora a ação tenha sido originada pela iniciativa privada, o poder público percebeu a possibilidade das chácaras contribuírem para o desenvolvimento socioeconômico local, através do incremento na geração de emprego e renda para a população. Além disso, também considerou a oportunidade de aumentar a arrecadação de IPTU, pois as chácaras, localizadas nas áreas rurais, assim que loteadas são transformadas em áreas urbanas, conforme lei municipal 1.053/99 e 1.054/99. O que de fato ocorreu, pois no ano de 2001 foi arrecado R\$ 169.358,88, já no ano de 2005 o valor foi de R\$ 380.517,21, ou seja, um acréscimo de 55% em quatro anos.

De acordo com informações fornecidas pelo Sr^o. Anestaldo Albuquerque Fernandes (Chefe da Divisão de Tributação e Cadastro da Prefeitura Municipal de Alvorada do Sul), até o ano de 1997 existiam dois loteamentos, atualmente estão registrados na prefeitura mais de 30 com um total de, aproximadamente, 2.000 chácaras nas margens da Represa com áreas que variam entre 1.000 a 2.500 m².

A partir dessa década, em Alvorada do Sul, ocorreu o aumento da oferta de chácaras em função, principalmente, da valorização do preço das terras para esta finalidade. Ao mesmo tempo em que houve o crescimento da demanda pelas chácaras, sobretudo pelo descontentamento em relação à vida na cidade, especialmente com a violência e o barulho e motivado por distintos interesses como, por exemplo, o retorno ao rural, a busca pelo sossego e esquecer os problemas do cotidiano, conforme indicam os estudiosos sobre o assunto (Carneiro, 1998a; De Paula, 2005; Cristóvão, 2002; Pires, 2004; Paulino, 2005).

Em 2003³, um sitiante do bairro Ribeirão Vermelho, aproveitando a procura por chácaras e motivado por uma necessidade particular, loteou parte do seu sítio localizado no final do bairro e próximo à represa. Foram construídos dois loteamentos: Búfalo I e Búfalo II, com 78 lotes, desses, atualmente, 40 têm casas construídas⁴. Os chacareiros vêm de diversos municípios situados ao redor de Alvorada do Sul: Londrina, Cambé, Rolândia e Bela Vista do Paraíso.

No próximo tópico descrevo o processo histórico de ocupação do bairro a partir dos depoimentos dos informantes, utilizando como referência o sistema de classificação empírica dos sítiantes, entre eles alguns pioneiros. Conforme será relatado, existe uma memória coletiva em relação aos principais acontecimentos do bairro Ribeirão Vermelho. Ainda neste capítulo apresento a representação que os chacareiros (novos atores sociais que passaram a dividir o bairro com os sítiantes) têm sobre os espaços dos sítios e das chácaras, com a finalidade de compreender as motivações que orientam pessoas da cidade a procurarem o rural como espaço de lazer.

1.2 As transformações do bairro e os nomes dos lugares

1.2.1 De Sertão a Bairro

Optei em recorrer aos informantes para descrever o processo histórico e as principais transformações ocorridas no bairro Ribeirão Vermelho desde sua origem, pois muitos dos pioneiros encontram-se no bairro. Seus relatos são embutidos de detalhes significativos e que dificilmente encontraria nos livros de história. Aproveito para apresentar, juntamente com a história do bairro, alguns sistemas de classificação do lugar e das pessoas fornecidos pelos sítiantes. Também acrescentei neste capítulo algumas representações que os chacareiros, recém-chegados ao bairro, têm sobre o espaço.

Em 1935, chegaram as primeiras famílias para ocupar o espaço que viria a ser o bairro Ribeirão Vermelho. Eram formadas por ex-colonos oriundos do interior do estado de São Paulo em busca de terras no Norte do Paraná, na expectativa de tornarem-se proprietários e, segundo o relato de um dos pioneiros, Seo João Búfalo, “ver se conseguia um futuro”.⁵ As cidades de origem dos pioneiros foram Pederneiras (bairro rural de Sertãozinho) e Itapuí. Lá eles eram parentes e amigos uns dos outros. As famílias conseguiram juntar um pouco de dinheiro o que lhes permitiu comprar terras mais baratas no norte do Paraná. A gleba de 300 alq foi dividida em 4 partes de 50 alq, somente uma família, os Pilvezana compraram 100 alq.⁶ As “famílias-nome” (Comerford, 2003) que compõem a rede de parentesco atual do bairro são: Vertuan, Bazoni, Picolo, Pilvezana, Sperandil, Búfalo e Martin. Alguns anos depois, uma dessas famílias vendeu parte de suas terras para uma família de portugueses, os Nóbrega. Hoje em dia, outras famílias também compõem o tecido social do bairro, são caseiros e proprietários das chácaras loteadas.

“Aqui era o *sertão*”, o “Paraná, naquele tempo, era *sertão*”, ao menos é essa a resposta que recebia dos moradores mais antigos quando perguntava como era o lugar quando eles chegaram. *Sertão* é uma categoria nativa utilizada para designar um lugar afastado, com muito mato, perigoso e ainda sem ter sido transformado pelo trabalho do homem. As primeiras casas construídas foram de palmito, tabuinha e chão batido. Os maiores perigos do

³ Descrevo este fato posteriormente, por ora basta dizer que embora a venda de terras pareça representar um elemento negador da condição camponesa e orientada por uma lógica material, a venda, nesta situação está relacionada com valores como honra e hierarquia familiar.

⁴ Um número elevado considerando que o loteamento existe há 4 anos.

⁵ A expressão “Seo” que antecede o nome dos sítiantes é uma categoria comumente empregada na região.

⁶ O alqueire paulista é uma medida da região equivalente a 24.200 m².

sertão eram os *peões* e as onças, embora nenhuma família lembre de ter sido assaltada ou de ter visto a fera⁷.

O *sertão* foi conquistado e cedeu lugar ao mundo onde vivem e trabalham os *sitiantes* do Vermelho. Os *sitiantes* estudados por Brandão em São Luiz do Paraitinga também dominaram o *sertão*, mas diferentemente do Vermelho aquele espaço foi ocupado, conforme sua descrição: “por não ser ainda lugar de domínio do senhor de terras, ou por ser justamente a sobra de seus domínios, o **sertão** eram as terras que podiam ser apossadas por atos de uma conquista lenta, quase invisível, único meio de os homens pobres e livres terem a sua terra” (1995; 64). No caso de Alvorada, a terra considerada *sertão* tinha dono, ela foi comprada, mas justamente pelo fato de ser desabitada e ser “só mato” foi que possibilitou a esses ex-colonos tornarem-se *sitiantes*, adquirindo terras com preços inferiores se comparados com o lugar de onde eles vinham⁸.

O nome Ribeirão Vermelho atribuído ao bairro deve-se a cor avermelhada da água do rio que o banhava. De acordo com Seo Oswaldo Martin (*sitiante* e morador) quem dá nome ao lugar é o *caçador*, pois conforme sua explicação é ele quem “conhece e desbrava” os lugares. O Bairro é dividido e classificado de acordo com três *corgos*⁹ que o separam: Água da Pintada, Água do Chapéu de Couro e Água do Limoeiro ou do Meio. A primeira recebeu esse nome pelas onças que lá “existiam”; a segunda em função da grande quantidade da planta chapéu de couro; a última água, alguns chamam de Limoeiro e outros do Meio, àquele por causa da fruta e este por estar localizado entre as duas águas. Cada nome representa um sentido para os moradores.

A classificação do espaço de acordo com os temas da natureza parece ser comum entre as sociedades camponesas. Além deste aspecto, Brandão (1995; 67) identifica mais três características que auxiliam na nomeação do lugar: nomes de incorporação da cultura (ex. chapéu, pinga, flores), nomes de santos ou de objetos sagrados e nomes de grupos familiares. Os sistemas de classificação, de acordo com Durkheim e Mauss “tem como objeto, não facilitar a ação, mas fazer compreender, tornar inteligíveis as relações existentes entre os seres (...) tais classificações são, pois, destinadas, antes de tudo, a unir idéias entre si, a unificar o conhecimento” (1981; 451). Ora, se formos relacionar os quatro elementos apresentados por Brandão ao que Durkheim e Mauss concebem como o propósito dos sistemas de classificação, é possível constatar que a natureza, os objetos da cultura camponesa, nomes de santos ou coisas sagradas e nome de famílias são intimamente próximos das pessoas que classificam o lugar.

Os primeiros moradores que habitaram o *sertão* nomearam-lhe e o transformaram em *sítios*; o conjunto destes formou o *bairro* Ribeirão Vermelho. O “bairro é um lugar ainda plenamente rural, mas já não é selvagem, e é o lugar da vida para onde converge o trabalho camponês” (Brandão op cit.; 66).

Em relação ao bairro rural, Candido (1975) o apresenta sob dois aspectos, o primeiro é econômico (trabalho coletivo), o segundo, religioso. Pela primeira característica; “um bairro, poderia (...) definir-se como o agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua”. (Candido, op cit.; 67). Sob o aspecto religioso, o bairro pode ser caracterizado “como o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores

⁷ *Peão* é uma categoria nativa utilizada para designar a pessoa que não tinha família e vivia viajando a procura de trabalhos temporários como, por exemplo, derrubada de matas e busca de gado em outros lugares. “Peão é o cara que fica trabalhando para a pessoa, uns fala camarada. Naquele tempo, peão é a pessoa que não tem família, mas hoje tem. Aquele Zé Roxinho que fica andando pelas estradas, ele é peão. Ele não tem família, ele vive na família dos outros” (Madalena Búfalo Martin, 59, *sitiante*).

⁸ Os próprios pioneiros fazem essa declaração nas entrevistas.

⁹ *Corgo* é uma categoria nativa utilizada para nomear um pequeno riacho que atravessa o bairro.

nos festejos locais” (op cit.; 71). As duas dimensões apresentam em comum a participação dos moradores, tanto pelo trabalho coletivo, quanto, pela participação coletiva nas festas religiosas.

Essa coletividade de que fala Candido é um fator bem característico no Vermelho. Os moradores se organizam para realizarem almoços coletivos, festas juninas, celebrações na capela e outras comemorações religiosas, como via sacra e rezas de terço. Desta forma, o bairro é um agrupamento com certa unidade, por meio da qual se dá a sociabilidade entre os sitiantes, pelas formas de funcionamento estabelecidas conforme os aspectos do trabalho coletivo e da participação nas cerimônias e festas religiosas. O Ribeirão Vermelho apresenta uma especificidade em relação à definição proposta por Candido, como parte dele foi transformado em loteamento para chácaras, além dos sitiantes, ele é composto por chacareiros, os quais, atualmente, também participam dos festejos¹⁰.

1.2.2 Contextos socioeconômicos e as transformações do Ribeirão Vermelho

Neste tópico apresento os principais fatores socioeconômicos que acarretaram as mudanças na configuração do bairro estudado. Para tanto, optei em recortar o período referente à colonização do bairro, realizada na década de 30 até os dias atuais. Assim, por opção metodológica e para facilitar a análise, associo as principais mudanças com as quatro gerações distintas de moradores do Vermelho.

A 1ª e 2ª geração correspondem à chegada dos pioneiros e seus filhos adultos no Ribeirão, alguns desses últimos casados e com filhos pequenos. Este grupo desbravou o *sertão* e fincou raízes que perduram por mais de 70 anos, o período que compreende esta fase inicia-se na década de 30 e encerra-se no final dos anos 40, momento em que os jovens (filhos da segunda geração) começaram a se organizar para estruturar os espaços de sociabilidade do bairro. Este é o período da *terra de conquista*, é preciso derrubar a mata, construir as casas, preparar o solo para o plantio e iniciar uma nova vida em novo lugar.

De acordo com Wanderley (1999) a busca de um território familiar, um lugar de vida e de trabalho supõe uma mobilidade extrema provocada por duas situações distintas: pressão direta da grande propriedade e migração para a fronteira. A migração tem aqui duas faces: a esperança e o fracasso. “Seja como um lugar de refúgio e reconstrução, seja como um lugar de desilusão e fracasso, a fronteira é o lugar da utopia” (p. 48).

O casal João Búfalo (93) e Érica Vertuan Búfalo (92) é exemplo de sitiantes representantes da 2ª geração, além de serem pioneiros; a descrição da chegada do casal e dos primeiros anos de moradia no bairro correspondem ao padrão de fixação no lugar recém povoado. Eles eram provenientes do município de Pederneira, bairro de Sertãozinho (SP) e trabalhavam como colonos em fazendas de café, vieram casados para o bairro em 1937 acompanhados de dois filhos pequenos. Quem adquiriu as terras foi o pai de Dona Érica, mas este veio para o bairro após a instalação da filha e do genro. A maioria dos sítios foi adquirida nestas condições. Esta estratégia visava garantir para os filhos um pedaço de terra e a possibilidade de reprodução em um lugar em que o sitiante deixa de ser colono para se transformar em proprietário. Seo João Búfalo tece alguns comentários sobre a viagem:

- Seo João: Nós viemo de caminhão, de Pederneira aqui foi três dias de viagem, três dias de caminhão. E outra, eu sai de Sertãozinho onde que eu trabalhei sem dinheiro, eu vim aqui sem dinheiro nenhum, cheguei aqui sem dinheiro.

¹⁰ Inclusive pude participar da celebração de uma missa realizada por um diácono que tem chacara no bairro. No ato da celebração o diácono destacou que sua comunidade, de Bela Vista do Paraíso, não gostou que ele realizasse missa em outro lugar, mas que ele considerava importante estar ali, pois o Vermelho também é sua comunidade, é sua segunda casa.

- Pesquisadora: E como o senhor fez?

- Seo João: Ai depois meu sogro ficou aqui com nós pra fazer o rancho, pra nos morar dentro. Ai ele ficou aqui uns três meses. Tinha eu e meu cunhado, o Adelino, que casou com a irmã dela. Ai meu sogro chegou e falou “como é que vocês estão de dinheiro?”, eu falei “eu não tenho nada”. Ele falou “agora eu vou embora e daqui uns dias eu volto de novo e vou trazer um dinheiro pra vocês”. Ai ele trouxe um dinheiro pra nós passa ao menos até colher o mantimento. Ele trouxe dinheiro pra gente passar o ano, ai começamo abrir mato pra plantio (João Búfalo, 93, sitiante e pioneiro).

O auxílio do sogro foi fundamental para o primeiro ano de moradia, o dinheiro oferecido possibilitou a contratação dos peões e o início do plantio. Com a ajuda de outros parentes que também vieram, Seo João construiu a antiga casa de palmito. O processo de colonização do bairro foi semelhante a outros bairros do norte do Paraná, como por exemplo, o do Hemital, Londrina (Almeida, 1997). O primeiro passo após a chegada das famílias foi a construção da casa, o segundo a derrubada da mata e o último o plantio. Seo João, como os outros sitiante, tinha a prática do plantio, mas não da derrubada de mata, serviço considerado difícil e extenuante. Para a execução desta tarefa, Seo João derrubou um pouco, mas também contratou alguns *peões*.

A ida para o bairro Ribeirão Vermelho implicou algumas transformações na vida das pessoas que optaram por deixar o Sertãozinho e ir para um novo lugar no estado do Paraná. A primeira dessas mudanças foi a possibilidade de transformarem-se em proprietários e “poder trabalhar no que é seu”. Esse era o objetivo dos imigrantes que deixaram sua terra natal para virem para o Brasil trabalhar na agricultura. Neste sentido, a migração interna dos colonos visava garantir a aquisição de terras e a reprodução destas famílias. Conforme ressalta E. Woortmann (1995) para as colônias do Rio Grande do Sul:

Na minha perspectiva a migração interna dos colonos, assim como a emigração de seus antepassados alemães, obedece a uma mesma lógica, decorrente da mesma condição camponesa e de uma ideologia que privilegia a terra como requisito de reprodução social, isto é, de uma reprodução camponesa (p. 115-116).

Outro aspecto dessa mudança é a saída de um lugar povoado, com escola, festas, igreja, parentes e amigos em direção a um lugar desconhecido, praticamente desabitado e sem as mesmas condições de vida do bairro anterior. Uma pioneira relata que no antigo local de moradia frequentava a escola e ia para os bailes e que tudo acabou depois da chegada no Vermelho.

Essa mudança parece ter afetado mais as mulheres no que concerne à sociabilidade. Essas se limitavam ao contato com outras poucas mulheres que viviam no bairro e a ida esporádica para a cidade, geralmente para fins médicos ou alguma visita. Já os homens tinham mais opções de relacionamentos e diversão do que as mulheres. Assim, os espaços de “intimidade” (esfera da casa) são destinados às mulheres e os espaços públicos aos homens¹¹. Em primeiro lugar os homens são responsáveis pelas negociações de compra e venda de alimentos, em segundo, todos os domingos eles se reuniam e iam para as vendas de Porecatu (cidade vizinha) a cavalo.

Após a fase de derrubada, a família iniciou o processo de plantio. Este período é lembrado como um momento intenso de trabalho. O primeiro cultivar para a venda foi o do café, cultura típica da época. Além dele, a família Búfalo plantava mamona e algodão. Para o consumo eram plantados arroz, milho, feijão, mandioca e hortaliças. As famílias dependiam da criação e venda de porcos caipiras para obtenção de renda. O processo de trabalho era

¹¹ Esta relação pode ser verificada em Carneiro (1998). Para Damatta (1991) casa e rua é um par estrutural constituído e constituinte na própria dinâmica de sua relação, ambos espaços permitem leituras e construções diferenciadas, mas que são cúmplices e complementares. No último capítulo realizo uma leitura destes espaços.

rudimentar e com poucos instrumentos, desta forma, era necessário ajuda dos membros da família, pois as atividades eram consideradas muito extenuantes.

Além do trabalho manual, outros fatores traziam dificuldades para a vida no bairro recém colonizado: poucos habitantes no início, o medo de assaltos, a falta de água que tinha de ser buscada na mina, falta de escola para as crianças e de atividades lúdico-religiosas. Todos esses obstáculos foram superados pela terceira geração, ou seja, os netos e filhos dos pioneiros. Um fator interessante na fala de Seo João é a contradição entre tempo passado e tempo presente. Sua memória ressalta que o tempo de antigamente era melhor que o de agora, mas sua experiência destaca o contrário. A simplicidade da vida antiga era melhor que a de hoje, mas o conforto da vida atual também faz com que atualmente a vida seja mais fácil.

- João: O tempo que eu entrei aqui tava melhor do que agora.

- Pesquisadora: Por que?

- João: Porque não tinha muito luxo, tudo trabalhava na roça, já hoje é diferente né. A gente morava num rancho de palmito, não tinha tanta limpeza. Agora hoje, gasta mais. Tá melhor porque tem de tudo né, não falta nada. (...) É minha filha não era fácil que nem agora não, agora é tudo fácil. Agora nós não sai de casa sem ter uma condução. Naquele tempo era mais difícil.

- Pesquisadora: Mas qual tempo que era melhor, o de hoje ou o de antes?

- João: Numa parte hoje é melhor. Não falta nada, inclusive no tempo em que eu entrei aqui de noite era uma lamparina, acendia uma lamparina e ficava ai na lamparina com querosene.

Seo João e Dona Érica tiveram 7 filhos criados e casados no Vermelho. Florindo, Natal, João Búfalo Filho e Adéssio moram atualmente em Alvorada. Os três primeiros trabalham no sítio do pai e arrendam terras no Mato Grosso em parceria com o cunhado. Adéssio é o atual vice-prefeito do município. Alice vive em Porecatu (cidade vizinha) e Jair e Alzira moram no bairro.

Os filhos de Seo João, representantes da 3ª geração, participaram ativamente das transformações do bairro em sua fase de *auge*. Os homens participavam do futebol no time do Vermelhão, dos bailes e das rezas, assim como as mulheres, inclusive indiretamente no futebol, pois uma das filhas de Seo João foi eleita a miss Vermelho e representante do time.

O período de transição desta fase para a posterior se dá no final da década de 40. Neste momento os representantes da 3ª geração já estão adultos e solteiros e passam a movimentar o bairro através da criação dos espaços de sociabilidade. O bairro atinge seu *clímax*, ele recebe infra-estruturas como escola, igreja, armazém, campo de futebol e organização de dois times, além da grande quantidade de bailes, rezas e festas. Separei este período em duas fases: o *auge* e o *esvaziamento*. No período de *auge* (final dos anos 40 a 1975), os jovens movimentaram o bairro intensamente, além da grande quantidade de moradores que o Vermelho tinha nesse momento. Na fase de *esvaziamento* (1975 até década de 90), alguns fatores importantes interferiram na vida social do bairro, os quais foram responsáveis pelo declínio da população, eles são os seguintes: a construção da Represa Capivara, a divisão das terras pela herança, a geada de 75, o início da produção modernizada e individualizada através da tecnificação do trabalho, a utilização de insumos químicos e cultivo de grãos (período da Revolução Verde).

Foi entre as décadas de 1950 a 70 que os moradores consideram a melhor fase do bairro. Antes da represa, no bairro passava a estrada que ligava Porecatu a São Paulo. Nela formavam filas de caminhões quando chovia a espera do chão secar para poder seguirem viagem. “Quantas vezes minha mãe fazia comida para eles”, lembra Dona Cida, 75. “Quando o tempo estava seco tudo era poeira. Era preciso fazer procissão para pedir chuva, andar de pé descalço até o Santuário cantando e rezando para que a chuva viesse” (Lúcia, 49, sitiante).

No bairro existiam dois times de futebol: Vermelhão e Vermelhinho. No começo era somente um, mas as rivalidades políticas o separaram em dois. Baile também eram dois: um

do lado do Vermelhão e outro do Vermelhinho. Não faltava animação e também disputas: disputa pelas taças do time, disputa para construir a igreja e disputa política. Hoje em dia não tem mais time e também não tem mais baile, mas as rivalidades ainda continuam, principalmente, no “tempo da política”.¹²

De lá pra cá, ocorreram duas mudanças importantes no Vermelho, as quais foram significativamente destacadas pelos sitiantes nas entrevistas. A primeira delas foi a construção da represa Capivara em 1975; a segunda foi a criação do loteamento para chácaras por uma família local de sitiantes em 2003. Além dessas mudanças, outros aspectos são assinalados pelos mais velhos e adultos para a representação da situação passada, presente e futura do bairro. Uma delas é a saída dos jovens para a cidade e a diminuição do tamanho dos sítios através da divisão de herança.

No período de *auge* foram construídos a escola, a igreja, os campos de futebol e o armazém. Estes espaços possibilitaram a organização de bailes e encontros entre os sitiantes da 3ª geração e conseqüentemente o arranjo dos casamentos preferenciais¹³. A grande quantidade de moradores e a periodicidade constante das festas são mencionadas por todos os entrevistados representantes desta fase. Ocorre então, uma intensidade das relações sociais através dos espaços de sociabilidade.

A fase de *esvaziamento* é marcada essencialmente pelo declínio da população do bairro. A partir da década de 1970 o café perdeu importância na produção agrícola entre os sitiantes por três fatores principais: em 1975 o Paraná teve uma das piores geadas de sua história, responsável pelo declínio de sua hegemonia como produtor de café, esta geada foi definitiva para que os sitiantes optassem pela substituição dessa lavoura por outras que representassem menores riscos. Em segundo lugar, o fim da cultura do café já havia sido anunciado através do plano governamental de erradicação desta lavoura, promovido entre 1962 e 1967, neste período vários moradores aderiram ao plano e extinguiram suas lavouras¹⁴. Em último lugar, surge no cenário outras culturas consideradas promissoras e com a possibilidade de maior rentabilidade, tratam-se das *commodities* de soja e milho.

Outro acontecimento deste período que tem uma estreita relação com a diminuição da quantidade de moradores do bairro foi a construção da Represa Capivara. Em 1975 foram fechadas as comportas da usina e dois anos depois inaugurada. Embora os sítios do bairro não tenham sido atingidos plenamente os moradores atribuem a saída das pessoas à chegada das águas, pois a Fazenda Lima, onde viviam os caboclos¹⁵ trabalhando como colonos, foi amplamente ocupada pelas águas o que levou a saída de grande parte das pessoas que freqüentavam o bairro e o fim da ponte que ligava Porecatu à São Paulo.

Neste período ocorreu a segunda divisão da herança, este fator também contribuiu para a queda da população. A indisponibilidade de terras não permitiu que todos os herdeiros continuassem morando no bairro, somente conseguiu permanecer o filho escolhido como *sucessor* e o filho que recebeu apoio do pai ou do sogro para conseguir comprar a parte de

¹² No último capítulo descrevo sobre os espaços de sociabilidade, as disputas acionadas entre os sitiantes e o “tempo da política”.

¹³ No próximo capítulo apresento esse modelo de matrimônio.

¹⁴ O plano de erradicação do café foi orientado pelo governo com a finalidade de diminuir e substituir esta lavoura pelas culturas de *commodities*.

¹⁵ As famílias do bairro, principalmente as mais velhas, se reconhecem como “italianos”, eles criaram essa identidade para se diferenciarem dos “caboclos” ou “brasileiros”, geralmente de origem mineira ou paulista, que viviam como colonos nas lavouras de café, hoje coberta pelas águas. Em várias situações eles me perguntavam se eu era “brasileira”.

- Quem era o caboclo?

- O caboclo era os brasileiros de um tempo, sabe. Eles conversavam diferente da gente. Ué ali tem um que mora que é, ele é baiano, ele não conversa que nem nós, é diferente. Os caboclos moravam lá para baixo, aqui era só minha cunhada que casou com meu irmão. Aquela lá que você conversou. (Aparecida Vertuan Bazoni, 75, sitiante).

terras de seus irmãos ou cunhados. Além disso, terminou a fase dos namoros, pois a maioria dos sitiantes que ajudaram a construir e consolidar os espaços de sociabilidade estão casados e com filhos pequenos. Ninguém mais se dispõe a jogar futebol e os times acabaram, assim como os bailes. As únicas festas tradicionais que permaneceram até hoje foram as festas juninas e o Almoço do Vermelho.¹⁶

Desta forma, a substituição de uma cultura que demanda o trabalho de todo o grupo doméstico – café – por uma mecanizada e que pode ser realizada por apenas uma pessoa – soja e milho – retira o sentido do trabalho para aqueles que não foram escolhidos como *sucessor* e não tem condições de adquirir terras. Esta situação está relacionada com a transmissão igualitária do patrimônio e a descapitalização desse campesinato, pois a “expulsão” daqueles que não podiam mais colaborar para o trabalho não foi acompanhada de uma acomodação destes sitiantes em outras áreas. A saída foi comprar uma casa na cidade com algum dinheiro acumulado durante o trabalho no sítio ou recebido pelo irmão *sucessor* através da compra da parte da herança.

A 4ª geração é composta pelos jovens e possíveis herdeiros do período atual. Alguns fatos marcam esta fase como, por exemplo, o loteamento de sítios no bairro, a chegada de novos atores sociais (os chacareiros) e a saída de parte dos jovens para a cidade. Além da percepção dos moradores mais velhos que o bairro, ou melhor, a vida social do bairro, fundada nas relações entre os sitiantes encontra-se em declínio em função do envelhecimento da população local e da saída dos jovens.

Esta percepção está relacionada, principalmente, com a redução da quantidade de moradores, essencialmente os jovens, e a possibilidade do fim das festas, pois se eles saírem e os moradores atuais envelhecerem a ponto de não conseguirem mais organizar os festejos do bairro, este espaço de sociabilidade está seriamente comprometido e conseqüentemente o bairro como espaço de moradia e de um modo de vida sustentado na agricultura familiar. Queiroz apresenta a seguinte consideração sobre o assunto:

A festa religiosa [...] que é o meio por excelência de promover uma reunião entre vizinhos, só é possível quando todos os habitantes do bairro se congregam e reúnem suas dádivas (isto é, assumem coletivamente a responsabilidade pela realização econômica da festa), a fim de realizá-la; à medida que os habitantes do bairro vão se eximindo dessas obrigações, ou são forçados a renunciar a ela, a festa não é mais possível, e o bairro entra em decadência, como bairro. (Queiroz, 1973; 133).

Por outro lado, a chegada de novos atores sociais ao bairro por meio da compra de chácaras na localidade pode alimentar a sociabilidade e promover um “processo de reestruturação dos sistemas sociais a partir da incorporação de novos elementos econômicos, culturais e sociais que engendram relações mais ou menos conflituosas e ambíguas” (Carneiro, 2004; 22). As novas experiências resultantes dessa relação entre os valores da cidade e do campo podem enriquecer o tecido social da localidade, um exemplo dessa revitalização é apresentada por Gonçalves (2001) para o arraial de Conceição do Ibitipoca após a chegada de turistas na região.

Atualmente a agricultura representa uma entre outras formas de obtenção de renda, mas ela ainda continua sendo o principal meio de trabalho entre os sitiantes da região estudada. O trabalho na terra, ao menos no plano simbólico, é o principal elemento classificador do sitiante, visto que, no plano material, a renda não é exclusiva das atividades praticadas no sítio. Portanto, o caráter definidor da condição camponesa é o trabalho realizado na terra em posse da família. Esta associação é fortemente empregada pelas 2ª e 3ª geração.

¹⁶ No terceiro capítulo descrevo as duas festas.

A passagem para esse modelo foi gradativa e está relacionada com a transmissão igualitária do patrimônio, uma vez que as terras ficaram menores, com a aposentadoria da segunda e em certos casos terceira geração, as atividades não-agrícolas realizadas principalmente pelas mulheres, renda obtida através do aluguel de casa na cidade, o arrendamento de terras no Mato Grosso, a venda de produtos para os chacareiros e ocupação de cargos na prefeitura (eleição ou nomeação).

A aposentadoria e a venda de produtos do sítio para os chacareiros são as principais fontes de renda atual dos sítiantes. O recurso da aposentadoria associado à vida no sítio garante as famílias a quantidade mínima para sua reprodução. A produção de alimentos para subsistência permite um ganho financeiro ao garantir que determinados produtos não precisam ser comprados. Essa contabilidade é mencionada pelas famílias, “aqui eu tenho de tudo, ovo, leite, verduras, se quiser um porco ou uma galinha tenho, não preciso comprar”. Já a venda de produtos do sítio para os chacareiros e para alguns comerciantes da cidade garante uma renda mensal de até 250,00. São comercializados: ovos, leite, queijo, pão, lingüiça, galinhas, banha, entre outros.

Devido a esse processo de transição pelo qual passa o bairro na fase atual trato este momento como a fase de *incertezas*, pois alguns indícios apontam para o declínio do bairro, entretanto a chegada de novos atores sociais pode culminar em um novo tipo de relação com a terra, principalmente dos jovens que podem perceber essa terra não mais como um espaço da concretização do trabalho agrícola, mas com um local de moradia e de lazer.

Questionei sobre as mudanças percebidas pelos moradores após duas situações que afetaram diretamente a configuração espacial do bairro e o cotidiano das famílias. A primeira delas foi a construção da Represa Capivara na década de 70, através da ocupação de parte das áreas dos sítios e da Fazenda Lima onde viviam os caboclos. A segunda, na década atual, através da divisão espacial dos sítios loteados para chácaras de lazer e da vinda das pessoas “de fora”, bem como das construções das novas residências dos chacareiros. Numa relação paradoxal, primeiro chega a água e, por causa dela, saem as pessoas (principalmente os caboclos), tornando o bairro “sem movimento” e 30 anos depois chegam as pessoas justamente por causa da água. A mesma água que um dia expulsou, hoje atrai. O espaço de trabalho cedeu lugar ao espaço de lazer e agora o bairro ganha “movimento” de novo.

Não posso deixar de mencionar que um dos entrevistados associa o acontecimento da represa com a diminuição do tamanho dos sítios. No final desta fase iniciou-se o segundo processo de divisão da herança entre os sítiantes através da doação com usufruto. As famílias cresceram neste período e nem todos os filhos tiveram condições de permanecer na terra devido a sua insuficiência e a falta de recursos para a aquisição de terras em outras regiões.

No mesmo sentido que o anterior, outro entrevistado associa o loteamento de chácaras com a saída dos jovens para a cidade. A saída dos jovens nos dois períodos (de agora e da década de 70) está relacionada com a perda da importância da agricultura para aqueles que optaram por sair, seja pela ausência de condições para manter uma unidade produtiva, seja pela falta de interesse dos jovens em permanecer na agricultura. Os trechos abaixo foram extraídos das entrevistas e fornecem uma dimensão da percepção dos sítiantes em relação às mudanças

- Depois da represa:

- Mudou muito porque tinha bastante gente e foram embora. Porque quanta gente que morava ali pra baixo e precisaram se mandar. (...) Tinha uns brasileiros que moravam lá pra baixo. E hoje, coitados, morreram tudo. Depois veio a barragem, a barragem não faz muitos anos, mas agou tudo a roça deles. Muitos largaram isso aqui e foram pra Alvorada. Esses caboclos que eu falo, foram embora daqui porque a água tomou conta do sítio deles (Aparecida Vertuan Bazoni, 75, sítiante).

- Tinha 200 famílias antes da represa, muitos sítios hoje estão debaixo d'água (...) As famílias eram maiores, os filhos viviam no sítio logo quando casavam, depois que foram para a cidade. (...) depois a sítiaida foi ficando pequenininha e as famílias foram crescendo. Aqui nós éramos em oito irmãos e o casal de velhos, hoje tem só eu. (Mauro Martin, 59, sitiante).

- Depois das chácaras

- Ah, ficou diferente. Para nós não tá *estrovando* nada, mas parece que ficou mais bonito. (Aparecida Vertuan Bazoni, 75, sitiante).

- Ah, hoje tá bem parado, né. Não tá mais como era. Ficou com mais movimento devido às chácaras. Mas no bairro mesmo você quase não vê ninguém. Uns casaram e foram pra fora, uns rapazes estão estudando fora. Então já tem pouca gente, só tá ficando mesmo umas pessoas que nem nós, mas a rapaziada nova não tá ficando mais no sítio (Madalena Búfalo Martin, 59, sitiante).

- Cleuza: Eu percebi que melhorou.

- Pesquisadora: Melhorou como?

- Cleuza: No financeiro. Se você quer vender as coisas e trabalhar eles compram mesmo.

- Pesquisadora: O que vocês vendem?

- Cleuza: De tudo, leite, queijo, carne de porco. Tudo que tiver aí eles compram. Mexerica eu dou pra eles. (Cleuza Búfalo Martin, 53, sítiantes).

Todas as unidades de chácaras foram vendidas logo após o anúncio do loteamento e no decorrer de dois anos algumas chácaras já contavam com as casas de final de semana, muitas delas construídas pelos próprios donos. A vinda semanal para o bairro fez com que certas famílias de chacareiros se tornassem conhecidas pelos sítiantes.

Outro aspecto interessante em relação ao bairro é perceber as representações que os sítiantes têm sobre o futuro dele. Amparados por um processo histórico de esvaziamento da população, a imagem que eles projetam é do fim do bairro para os sítiantes e do aumento de pessoas “de fora” no lugar e até mesmo da compra das pequenas propriedades pelas usinas, pois Alvorada do Sul está situada numa região de produção de cana-de-açúcar.

- Percepção sobre o futuro:

- Mauro: Ah! Isso aqui vira tudo deserto.

- Cleuza: Eu acho que vira chácara.

- Mauro: Chácara! Você vai ver entra a usina aí.

- Cleuza: Porque o povo da cidade vem comprando.

- Mauro: Aqui vira tudo canavial igual virou lá a nossa terra [em Itapuí, SP]. Você vai lá no sítio onde meu pai e meu avô administrava era isso aqui em vida, mas hoje não. Antigamente, igualzinho você ia lá parecia que você tava aqui. Chega lá é só cana, só cana. Você vai pra Porecatu e Centenário tudo é cana. O que nós conhece aqui, as fazendas tá pulando, hoje virou cana, só dá usina (Mauro Martin, 59 e Cleuza Búfalo Martin, 53).

O quadro a seguir resume as representações dos sítiantes em relação às mudanças ocorridas no bairro:

Quadro 1 – Percepções dos sitiantes em relação às mudanças ocorridas no bairro.

Antes da represa	Depois da represa	Após as chácaras	Futuro
- Muito “divertimento” e “animado” - Muitos moradores - Dois times de futebol - Dois bailes por sábado - Rezas nas casas - Movimento de carros e caminhões (estrada São Paulo – Porecatu)	- Bairro ficou “parado” - Muitas famílias foram embora - Acabou o futebol - Almoço duas vezes por ano e festas religiosas - Construção da Capela - Fechamento da estrada	- Bairro ficou mais “movimentado” - Chegada de pessoas “estranhas” pra passear ou morar - Chacareiros participam das festas do bairro - Participação e celebração da missa (diácono - chacareiro) - Consumo de produtos dos sitiantes	- Fim dos sítios - Esvaziamento da população de moradores - Aumento das chácaras - Aquisição de terras pelas usinas

Fonte: dados da pesquisa de campo.

De acordo com Brandão (1995) o mapa imaginário coletivo ao mesmo tempo em que constrói aos poucos direções e relações que unem diferentes lugares e opõe primeiro, a natureza à cultura e, a seguir, um modo de vida que habita esta cultura; depois, modifica em pouco tempo esta cultura e a opõe ao local e ao modo de vida onde se acredita que o mundo camponês irá desaparecer um dia, no caso do Vermelho: as chácaras e a usina.

Assim, a natureza representada pelo *sertão* cedeu lugar à cultura representada pelo bairro. Agora, o modo de vida dos sitiantes está sujeito a outro que vem da cidade, através das chácaras e que vai para a cidade através dos filhos dos agricultores. Ou ainda, pela chegada das usinas de açúcar que já dominam quase toda região. Se isto irá ocorrer ou não, somente o tempo poderá demonstrar alguma tendência. Entretanto, a chegada dos chacareiros pode até mesmo revitalizar o bairro, conforme evidenciam alguns estudos sobre o tema (Gonçalves, 2001).

1.2.3 Sítios e chácaras

Sítio é o espaço onde vivem e trabalham os moradores do Vermelho e *chácara* é o lugar freqüentado por pessoas vindas da cidade, geralmente nos finais de semana¹⁷. Ambas são categorias nativas utilizadas tanto pelos *sitiantes*, como pelos “chacareiros”. Esses termos não são exclusivos do bairro por mim pesquisado. Sítio é uma categoria muito utilizada no interior do estado de São Paulo e do Paraná e o uso da palavra chácara vem crescendo a cada dia através da chegada das pessoas da cidade nas áreas rurais (Brandão, 1995).

É interessante perceber as representações que os sitiantes e os chacareiros têm destes espaços. Muitas são comuns, afinal eles convivem juntos e trocam opiniões sobre o trabalho, a vida na cidade e a vida no sítio. Os moradores observam as ações das pessoas “de fora” e vice-versa. Assim, quando questionava se eles achavam que existia diferença entre sítio e chácara a resposta era afirmativa e na seqüência eles apresentavam o que consideravam distintos entre um espaço e outro. Para os sitiantes:

- Sítio é uma coisa que você vai produzir. Você vai vender hoje o que você vai colher, que nem você vê, por exemplo, eu vendo frango, eu vendo queijo, eu vendo leite, na chácara não, eles vem comprar e eu não vou comprar deles. Mesmo que eles tenham um pé de mandioca, eu também tenho. Ele tem um lugarzinho lá ele vai plantar um pezinho de cebola, um canteirinho de almeirão e eu não vou comprar

¹⁷ As chácaras têm 1.000 m² e os sítios têm em média 12 alq. Um lote que dá para beira da represa custa aproximadamente R\$20.000,00 e um lote seco R\$10.000,00 (valores parcelados em 36 vezes).

dele porque eu vou ter. Uma fruta eu vou ter e eu vou dar, eu não vou vender porque você vê tá estragando, se fosse o caso de vender, mas ninguém dá valor. Mas a diferença do sítio e da chácara é isso aí, você planta e você pode vender. Vassoura mesmo, eu já cheguei vender vassoura. Então como se diz, os chacareiros vêm aqui e compra, eu não vou comprar deles. (Madalena Búfalo Martin, 59)

- Cleuza: A chácara, a diferença é que é uma coisa pequena, não tem tanto espaço.
- Mauro: Pra morar não tem. É a mesma coisa. Por que que eles vem comprando e se enfiando aí naqueles pedacinhos e fica tudo feliz?
- Cleuza: Porque tudo gosta de sítio e eles diz: “bastante eu não posso comprar”.
- Mauro: Você vê que eles vem, eles trabalham a semana inteira. Tem vez que chega aí sábado e eles carpem, domingo trabalham o dia inteiro.
- Cleuza: Eles plantam de tudo, mandioca, cebola...
- Mauro: Eles ficam tudo doido.
- Cleuza: Eles quer a natureza, ver a natureza.
- Mauro: A cidade é uma cadeia, ficam tudo preso. (Mauro Martin, 59 e Cleuza Búfalo Martin, 53).

Alguns aspectos podem ser realçados das entrevistas acima. O primeiro deles é a relação venda – compra / sítio – chácara, o sítio é o local do trabalho e através dele as famílias garantem seu sustento por meio da venda, inclusive para chacareiros. A diferença principal está na produção para o mercado, no caso dos sítios e a produção como lazer e consumo no que diz respeito às chácaras.

Ocorre uma ressignificação do trabalho nas atividades agrícolas que é realizado pelos chacareiros, uma vez que esta atividade, quando feita pelas pessoas de fora, é percebida como uma forma de lazer. Assim, carpir, plantar e colher estão mais próximos de uma jardinagem agrícola realizada no dia de domingo, do que de uma atividade considerada como trabalho (De Paula, 2005). No caso dos sítiantes, o sítio tem o sentido do trabalho, as atividades nele realizadas designam uma profissão, uma inserção do indivíduo na sociedade como agricultor.

Já a chácara pode ser entendida como um lugar secundário na identidade do indivíduo, ela é um anexo, um complemento da vida do chacareiro que a utiliza para o lazer, sendo que a produção que ocorre nas chácaras, acontece com o objetivo de proporcionar um “descanso mental”, um “descansar carregando pedras”. De acordo com a fala de um dos sítiantes: “domingo eles trabalham o dia inteiro (...) eles ficam tudo doido”; para os chacareiros essa atividade tem o sentido de lazer e até mesmo de descanso. Para o sítiante essa atividade tem o sentido de trabalho, assim, é possível considerar que há um contraste entre as duas significações.

Neste sentido, os chacareiros estão no caminho de serem residentes, tornaram-se “neo-rurais”, eles podem ou não desenvolver atividades agrícolas para comerciar no futuro ou mais provável ainda plantarem para o autoconsumo e depender de outras rendas (aposentadoria). Necessariamente, eles podem não se tornar produtivos como os “neo-rurais” analisados por Giuliani (1990).¹⁸

Seo Mauro e Dona Cleuza chamam a atenção para dois aspectos importantes, em primeiro lugar a procura da “natureza” pelas pessoas da cidade, algo pouco citado nas entrevistas, e em segundo a comparação do local em relação à área urbana como um espaço

¹⁸ Os “novos-rurais” de Teresópolis, RJ tratam-se de moradores urbanos que procuram o campo baseado na idéia dos valores de um rural tradicional, expressos pelo contato com a natureza, meios de trabalho menos rígido, ar puro, tranquilidade, relações sociais mais profundas, etc, mas que ao mesmo tempo trazem consigo sua maneira urbana de ser, de consumir, de se relacionar, para o autor eles são “simples capitalistas que se cansaram da cidade”, pois continuam com o velho e surrado sistema de exploração, diferenciação e exclusão. O autor chama a atenção para as contradições entre um modelo idealizado de rural e as práticas dessas pessoas no local (1990; 66).

de moradia. Neste caso, não haveria diferença entre o sítio e a chácara, pois ali os chacareiros também podem plantar e ter um “pedacinho” de terra.

No caso dos chacareiros do bairro Vermelho, o que sobressai em suas falas é possibilidade de ter uma chácara, o que seria inviável se fosse uma área do tamanho de um sítio, pois esse exigiria meio de trabalho, além da terra ser mais cara. Todos os entrevistados abaixo têm pequenas plantações em seus lotes como pomares, hortas, pés de mandioca, milho, entre outras. As classificações são semelhantes a dos sitiantes, conforme um dos relatos selecionado para ilustração:

- Edílson: Se eu tivesse condições eu teria um sítio. O sítio é mais que chácara.
- Célia: O sítio produz. Tem que plantar, colher.
- Edílson: Você tem mais espaço para tudo.
- Célia: Você tem mais terra, tem mais opção. Agora chácara não, é mais um lazer mesmo. Um lugar de descanso.
- Edílson: Apesar de aqui dá para fazer bastante coisa. Agora se você tiver um sítio você tem que morar nele. Agora aqui é um negócio mais rápido, você vem num sábado e domingo e já vai embora. A diferença para mim é isso aí: no sítio você tem mais opção de tudo, de plantio (Célia Terezinha Teixeira, 42, auxiliar de escritório e Edílson Jose Teixeira, 40, cobrador externo).

Sítio é o lugar do trabalho, chácara é o lugar do lazer, do descanso, essa é a classificação principal que distingue os dois espaços na concepção dos chacareiros. Eles não estão preocupados em estabelecer uma relação de “compromisso” com a terra. Suas pequenas plantações são percebidas como alternativa de lazer, portanto o *trabalho* e a *relação com a terra* são as principais categorias acionadas, tanto pelos sitiantes, como pelos chacareiros para a elaboração de suas representações sobre os espaços. Através das falas dos sitiantes e chacareiros foi elaborado o seguinte quadro de classificação das diferenças entre os sítios e as chácaras:

Quadro 2 – Significações dos sitiantes e chacareiros em relação ao espaço do sítio e da chácara.

Sítio	Chácara
- Moradia	- 2ª moradia, lugar de morar um dia
- Fixação	- Mobilidade
- Trabalho como compromisso	- Lazer, descanso mental
- Dá despesa e lucro	- Só dá despesa
- Produção para venda	- Produção para o autoconsumo (lazer)
- Família depende do sítio para sobreviver	- Atividades urbanas como fonte de renda
- Espaço maior	- Espaço é pequeno
- A terra custa mais	- Acessível para compra
- Diversidade da produção	- Pode plantar pouca coisa
- Precisa de várias pessoas pra cuidar	- Uma pessoa consegue cuidar

Fonte: dados da pesquisa de campo.

O quadro acima expressa os significados que os diferentes espaços têm para cada tipo de ocupação ou para cada grupo. Todas estão intimamente relacionadas com as práticas sociais de cada grupo, ou seja, com a ação que cada um realiza sobre o espaço. No caso dos sitiantes, o espaço é utilizado essencialmente para o trabalho e moradia, além disso, também é um local de sociabilidade expressa principalmente no ambiente da casa. Já os chacareiros utilizam o espaço durante os finais de semana para a prática do lazer e do descanso.

As significações dos chacareiros e dos sitiantes estão intimamente relacionadas com as ações que eles têm sobre o espaço. Além disso, elas apresentam algumas semelhanças entre si, pois, conforme já dito anteriormente, eles convivem juntos, freqüentam os mesmos espaços e em certos casos têm uma relação muito íntima de amizade. Tanto o sítio, como a chácara, são locais de viver e de plantar, mas com intensidade e lógicas distintas. O primeiro é *terra de trabalho e de história de vida* e o segundo é *terra de lazer e de viver um dia*.

A maioria das chácaras possui casas bem simples, em determinadas situações os próprios chacareiros a construíram com a ajuda da família. Isto demonstra que a procura pelo espaço rural para área de lazer não está restrita às camadas de classe alta da sociedade. Entre os chacareiros, alguns possuem profissões consideradas de baixa renda como, por exemplo, pedreiros, empregadas domésticas, costureiras, aposentados, caminhoneiros e pequenos comerciantes.

O fato de os chacareiros pertencerem a um extrato da sociedade entre aqueles que têm uma faixa baixa e média de renda pode inclusive aproximar os dois grupos sociais, visto que a diferenciação econômica entre eles não é tão grande. Existe assim, uma possibilidade maior de interação entre os dois. Aqui, os chacareiros não fazem uma representação negativa do agricultor como acontece em outros lugares onde os chacareiros pertencentes à classe média alta vêem os agricultores como aqueles que estragam a terra (Paulino, 2005). Muito pelo contrário, alguns chacareiros vão para o bairro interessados no modo de vida dos sitiantes e os procuram para ouvir histórias do lugar e da produção agrícola.

As fotos a seguir são da casa de um sítio e de duas chácaras. Através delas percebemos a utilização do espaço e o modelo de construção das casas.



Foto 1 – Imagem da casa de um sitiante do bairro Ribeirão Vermelho.



Foto 2 – Casa de Seo Ton e Dona Rosa, construída com a ajuda dos filhos. Como podemos visualizar a casa tem um tipo de construção simples, semelhante a dos *sitiantes*. O casal pretende mudar-se para a *chácara* no ano de 2008.



Foto 3 – Casa construída por José Carlos Amâncio, sua esposa e seus dois filhos. A construção ainda está inacabada, mas a família já anunciou sua mudança para o bairro após o término da casa.

1.2.4 As categorias das pessoas: *sitiantes* e *chacareiros*

As categorias *sitiantes* ou “*situante*” e *chacareiros* ou “*chacreiros*” são utilizadas e reconhecidas tanto pelos moradores locais como pelas pessoas “de fora” para se auto

nomearem e nomear um ao outro. Estes nomes têm relação com a posse da terra, uso e trabalho, modo de participação no sistema local de produção e relação da residência.

Nesta região, ser *sitiante* pode significar trabalhar na terra e viver nela; trabalhar na terra e viver na cidade ou simplesmente viver na terra depois da aposentadoria. Mas, são condições fundamentais ser “dono” da terra, trabalhar ou já ter trabalhado nela para ser *sitiante*. A pessoa que trabalha no sítio e vive na cidade é chamada de *pardal* nos momentos de “brincadeira”¹⁹, justamente por migrar diariamente durante o dia para o campo e voltar para a cidade ao anoitecer. As pessoas de mais idade que sempre trabalharam no sítio e que se aposentaram também são reconhecidas como *sitiantes*. Já a categoria *caipira* é um termo desqualificador e pejorativo²⁰, tanto que nas festas juninas do bairro os moradores se fantasiam de *caipiras* para dançar quadrilha com roupas esfarrapadas, calça curta na canela, terno xadrez, vestidos antigos e coloridos. Eles utilizam esta palavra para designar uma pessoa que não sabe falar direito, se veste mal e é considerada ignorante.

Uma pessoa pode receber mais de um nome, assim um *sitiante* também pode ser um *arrendatário*, ou seja, aquele que arrenda uma porção de terra e trabalha com a família²¹. Eles também podem ser chamados de *agricultor* ou ainda *agricultor familiar* principalmente pelos órgãos governamentais como, por exemplo, a Emater – Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural e IAP – Instituto Ambiental do Paraná. Mas, entre todos esses nomes, o que prevalece como categoria nativa é *sitiante*, nome usado no cotidiano para designar aquele que trabalha com a terra. Assim, “as pessoas a cada momento são uma combinação provisória de nomes e condições do trabalho em uma só pessoa; melhor, em um momento da vida de uma pessoa” (Brandão, op cit., 110).

A condição essencial para definir o *chacareiro* é a posse da terra, o uso é um aspecto secundário no sistema de classificação.

Em relação aos chacareiros, vários estudos relacionados ao tema são importantes referências para a compreensão da ruralidade contemporânea, suas idealizações do espaço e das relações sociais entre as pessoas da localidade e as “de fora”.²² Um ponto de convergência entre os autores é a constatação de que a natureza e o rural, além de um local de produção agrícola (o que também não deixa de ser uma elaboração mental), se transforma em um bem de consumo associado às suas representações e ao seu conteúdo simbólico. Outro aspecto, diz respeito à descrição desses autores dos valores idealizados pelos cidadãos, os quais muitas vezes apresentam aspectos semelhantes.

Os valores idealizados pelos urbanos são a proximidade da natureza e a vida no campo, neste caso é possível perceber que os cidadãos projetam a imagem de um “rural idealizado”. A procura é respaldada por valores como o ar puro, a simplicidade do modo de vida e o contato com a natureza, os quais são estimados e em alguns casos são percebidos como purificadores do corpo e do espírito profanados e contaminados pela urbanidade. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como uma opção de residência.

De Paula (op cit.) também considera o aspecto restaurador do campo para os males urbanos. Para esta autora, a busca pelo rural é acionada pela saudade de uma imagem de cidade idealizada, uma nostalgia associada ao passado (como era a cidade ou de algo perdido) e ao presente (como é a cidade hoje). Assim não é a “saudade da roça” que mobiliza a ida para o campo, pois “mesmo quando planta um pequeno roçado no sítio de final de semana, o

¹⁹ As brincadeiras nas relações de parentesco serão analisadas no último capítulo.

²⁰ Para os lavradores de Catuçaba a palavra *caipira* também tem o caráter de rebaixamento moral conforme demonstra Brandão (1995).

²¹ Algumas famílias do Vermelho arrendam terras no estado do Mato Grosso para o plantio de grãos.

²² Carneiro, 1998a; De Paula, 2005; Cristóvão, 2002; Paulino, 2005.

sentido desse plantio já está maculado por um olhar cidadão, o que torna esse plantio muitíssimo mais próximo da jardinagem cidadina do que da agricultura do lavrador” (p. 244).

Ao analisar o caso de uma colônia penal agrícola no Paraná, a autora considera que as evocações e tematizações de natureza e ruralidade são operadas pela cidade e em prol da vida em cidade²³. Em sua abordagem fica explicitado como o rural ganha sentido na cidade e como ele serve para sanar os problemas por ela evocados: excesso de estímulos sonoros, visuais e de informação, aumento de violência e criminalidade, recorrência de desajustes psicológicos, isolamento, disseminação de vícios, precariedade da vida urbana e assim por diante. Para reabilitar os indivíduos corrompidos pelo excesso de urbanização têm-se as colônias penais agrícolas, as clínicas de desintoxicação, os SPAs e clínicas psiquiátricas.

O desencantamento da cidade também é percebido na experiência temporária de fuga para o campo consubstancializada nas viagens de final de semana dos cidadãos. Neste caso, De Paula compreende que a motivação dos urbanos é movida pela “saúde de ‘algo’ que foi perdido, algo que está ausente na vida de cidade, algo que constitui uma falta, uma falta em relação ao que a cidade um dia fora ou ao que deveria ser”. Para ela o que é procurado no campo e na natureza é a idéia de urbanidade projetada na “qualidade de urbano; civilidade; cortesia; afabilidade” (p. 245). Elementos estes, possíveis ou ao menos representados nas áreas rurais e pequenas cidades do interior.

Embora a procura pelas chácaras do bairro Ribeirão Vermelho seja acionada pelo interesse comum em utilizar o espaço como local de lazer, os usos das chácaras são distintos entre o grupo. Foi possível identificar que alguns chacareiros são aposentados ou estão para se aposentar. Estes, geralmente, são de origem rural, mas quando jovens foram para a cidade e agora vislumbram a possibilidade de voltar para a terra. Eles cultivam algumas lavouras para o consumo próprio, como: mandioca, milho, abóbora, quiabo, hortaliças e árvores frutíferas em áreas de aproximadamente 1.000 m². Costumam ir para a chácara todos os finais de semana e pretendem se mudar para ela. Esses chacareiros enfatizam o “gosto de mexer na terra” e “ter um pedacinho para plantar”. Em seus discursos, eles demonstram-se insatisfeitos com a vida na cidade, em particular, com o barulho e a violência. Nesse sentido, o que mais destacam como atrativo da chácara é o sossego. Percebo que esses estão interessados no “modo de vida” dos sítiantes e associam suas práticas na chácara a esta representação.

Outros chacareiros dizem que vão para o lote, essencialmente, para “comer, beber cerveja e ouvir música” (geralmente com o volume alto). Esses, na sua maioria são de origem urbana. Muitos deles também dizem estar à procura de sossego. Mas, o que parece mais evidente é a busca pela “privacidade” que a chácara lhes proporciona. Outra de suas justificativas é poder “sair da cidade” e “esquecer os problemas do cotidiano”. Eles costumam passear de barco e pescar com mais assiduidade do que o grupo anterior.

A partir das entrevistas realizadas com os chacareiros foram elaboradas algumas tabelas para um melhor entendimento sobre este grupo. É pertinente lembrar que realizei 10 entrevistas e obtive informações referentes ao casal responsável pela chácara. Essas 10 entrevistas representam ¼ do total de lotes que têm casas construídas no bairro, sendo que essa amostra foi escolhida aleatoriamente durante o período da pesquisa de campo. Através da Tabela 1 podemos visualizar a idade dos chacareiros, é interessante observar que 55% dos entrevistados têm mais de 51 anos, sendo que somente dois casais estão na faixa etária que compreende a escala entre 30 e 40 anos.

²³ De Paula (2001) analisa em outro contexto como o rural é apropriado pela cidade através do estilo de vida *country*, ou seja, como “o rural se torna uma experiência urbana”.

Tabela 1 – Faixa etária do casal responsável pela chácara.

Idade	Quantidade (pessoas)	%
30 - 40	4	20,0
41 - 50	5	25,0
51 - 60	9	45,0
acima de 61	2	10,0
Total	20	100,0

Fonte: dados da pesquisa de campo.

As Tabelas 2 e 3 indicam respectivamente a cidade onde o chacareiro vive com sua família e a origem do casal em relação à procedência rural ou urbana. Como podemos perceber 60% dos entrevistados são da cidade de Londrina, sendo que cada uma das outras cidades da região respondem por 10% dos chacareiros. No que diz respeito à procedência, metade dos entrevistados são de origem rural e a outra metade urbana.

Tabela 2 – Cidade onde reside o chacareiro e sua família.

Cidade	Quantidade (casal)	%
Londrina	6	60,0
Bela Vista do Paraíso	1	10,0
Alvorada do Sul	1	10,0
Rolândia	1	10,0
Cambé	1	10,0
Total	10	100,0

Tabela 3 – Procedência do casal em relação à origem rural ou urbana.

Origem	Quantidade (pessoas)	%
Rural	10	50,0
Urbana	10	50,0
Total	20	100,0

Conforme os dados da Tabela 4, em relação à ocupação principal do casal responsável pela chácara, 40% dos chacareiros são comerciantes, geralmente proprietários de lojas na cidade de Londrina. Os aposentados representam 15% do total dos entrevistados. Das 10 mulheres, 2 são costureiras e 2 são donas-de-casa.

Tabela 4 – Ocupação principal dos chacareiros.

Ocupação	Quantidade (pessoas)	%
Comerciante	8	40,0
Aposentado	3	15,0
Orientadora educacional	1	5,0
Costureira	2	10,0
Serviços gerais	1	5,0
Cobrador interno	1	5,0
Auxiliar de escritório	1	5,0
Mecânico	1	5,0
Cuida da casa	2	10,0
Total	20	100,0

Na Tabela 5 vemos os principais interesses que os chacareiros atribuem à chácara. A tabela foi desenvolvida a partir do que os entrevistados consideravam como principal atributo que a chácara podia lhes oferecer e o que gostavam de fazer quando freqüentavam o local. O interesse em plantar foi citado por sete dos 10 casais entrevistados, ou seja, 70% da amostragem praticam o cultivo de pequenas plantações. Fazer festas, e isso inclui receber amigos, é apreciado por 50% dos casais que freqüentam o espaço e o utilizam para esta finalidade.

Atribuir à chácara um sentido de local de descanso é citado por quatro casais. O mesmo número de citações pelas pessoas que têm um interesse no modo de vida que eles projetam no sítio. 70% dos casais entrevistados interessam-se pela pescaria, um dos principais atributos da Represa Capivara e do município de Alvorada do Sul. Todos os casais citaram mais de um interesse pela chácara, sendo várias combinações possíveis, até mesmo plantar e fazer festa.

Tabela 5 – Principais interesses que os chacareiros atribuem às chácaras.

Interesses	Quantidade de citações (por casal)	%
Plantar	7	70,0
Fazer festas	5	50,0
Descansar	4	40,0
Vida no sítio	4	40,0
Pescar	7	70,0

Fonte: dados da pesquisa de campo.



Foto 4 – Chácara em que um dos interesses principais é o cultivo de hortas e plantações. Este chacareiro utiliza a maior parte do espaço disponível para esta finalidade



Foto 5 – Chácara em que um dos interesses principais é a realização de festas. Este chacareiro frequenta o local com bastante assiduidade. Na maioria de minhas visitas ao bairro a família estava festejando com parentes e amigos.

Considerações

Todas as transformações pelas quais passaram o bairro nestes últimos 70 anos alteraram significativamente a configuração do espaço, apesar disso, os sitiantes mantiveram traços de um modo de vida sustentado na agricultura camponesa. A recente ocupação da terra e até mesmo desse modo de vida trouxe ao bairro novos atores sociais interessados nas chácaras loteadas a partir do sítio de uma família local.

Como esse processo tem apenas quatro anos, até o período final da pesquisa de campo não pude perceber conflitos acentuados entre os dois grupos. Uma das explicações para isso é a proximidade entre os sitiantes e os chacareiros no que diz respeito a sua condição econômica, além disso, os chacareiros não projetam uma imagem negativa dos agricultores, como acontece em outros contextos. Outra explicação para a ausência significativa de conflitos entre ambos pode ser acionada pela distância no grau de parentesco, pois foi mais fácil perceber este tipo de relação entre os próprios sitiantes, os quais são parentes e convivem juntos há muito mais tempo.

No próximo capítulo apresento outro processo que alterou significativamente a organização do sítio e da reprodução social, trata-se da transmissão do patrimônio entre os sitiantes. Até o período atual foram realizadas duas divisões de herança entre as famílias do Ribeirão Vermelho, em cada uma delas foram acionadas estratégias distintas conforme o contexto de cada fase do ciclo de vida familiar e das condições de reprodução social destes agricultores.

CAPÍTULO II – TRABALHO, HERANÇA E SUCESSÃO

2.1 Organização social da produção: o sítio como espaço de trabalho

Neste item descrevo as transformações do espaço do sítio em relação ao trabalho e à produção desde o período da colonização do bairro. Considero como princípio que “o sítio é o lugar do trabalho por excelência. Mas ele é igualmente o resultado do trabalho, pois é um espaço construído (...) Esse espaço é resultado, também, de um processo histórico secular em que o ambiente foi alterado, com a gradativa eliminação da cobertura vegetal original e de todo o ecossistema que lhe era associado” (E. Woortmann e K. Woortmann, 1997; 27).

É difícil estabelecer uma data exata em que começaram a ocorrer as principais alterações no processo de produção na região estudada, desta forma, recorro o período analisado em duas fases, a primeira compreende o início da colonização (década de 30) até a década de 70 e a segunda até dos dias atuais. Embora pareça uma período muito longo, na fase de transição entre ambas aconteceram mudanças importantes no contexto nacional da agricultura. Entre elas: a instalação do modelo tecnológico denominado Revolução Verde que se trata de um estímulo governamental para a adoção de técnicas modernas de plantio com a utilização de insumos industrializados, máquinas e culturas de *commodities*, além do desestímulo à produção de café (geadas e plano governamental de erradicação desta lavoura), este recorte marca profundamente a alteração no sistema produtivo dos sítiantes.

Os primeiros sistemas de produção foram o café, mamona, algodão, arroz, feijão, mandioca, hortas, pomares, galinhas e criação de porco caipira. A princípio, as três primeiras culturas eram destinadas ao mercado. Posteriormente, o porco também passou a ser fonte de renda para as famílias, uma vez que foi necessário buscá-los a pé em outras cidades da região, assim como algumas vacas leiteiras destinadas ao consumo doméstico nesse período.

O feijão também era comercializado, mas conforme o *princípio da alternatividade* das lavouras de subsistência (Garcia Jr. 1983), as famílias procuravam equilibrar a venda e o consumo de acordo com a oscilação de preço e, no caso do Vermelho, a demanda por esses produtos, de forma a maximizar as chances de atender aos requisitos familiares. Caso o preço estivesse baixo demais ou não houvesse demanda, o feijão era destinado à alimentação dos porcos. Mesmo as culturas típicas do mercado foram difíceis de vender nos primeiros anos; seja pela escassa produção inicial em função das diversidades climáticas (principalmente geadas); seja pela falta de compradores. Uma maneira de amenizar a diferença entre a venda e a necessidade do consumo familiar de itens não produzidos no sítio era a compra dos armazéns com prazo de pagamento anual. O diálogo reproduzido abaixo ilustra as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros nos primeiros anos de instalação:

- Pedro: Não dava dinheiro, não se vendia nada. Eu, com meu irmão, colhemo 60 saco de feijão e eu dei 10 saco em troca de uma leitoa pra pode começa criar. Eu cozinhava feijão e pnhava de 20 litro de feijão num tambor e dava pra porco, não vendia. Não aparecia ninguém pra comprar nada. (...) A gente usava mamona pra engordar porco.
- Pesquisadora: E como conseguia dinheiro pra comprar outras coisas, querosene, sal?
- Pedro: Vendia porco. Eu matava porco e ia vender em Porecatu de charrete.
- Iolanda: Mas depois de muitos anos. Isso não foi no primeiro ano não. (Pedro Bazoni, 87 e Iolanda Bazoni, 85 sítiantes pioneiros).

Neste período o “sistema era na base da inchada”, o que significa dizer, que as atividades exigiam a intensificação de toda mão-de-obra familiar, inclusive das mulheres. A

direção do processo de trabalho ficava e ainda fica sob a autoridade do pai de família. Cabia à mãe, além das atividades na roça, o controle da casa. Os filhos eram orientados pelo pai e pela mãe no que diz respeito a todas atividades externas (roçado) e internas (casa), respectivamente. O café e o algodão eram as atividades que demandavam maior dispêndio de tempo e trabalho.

Os insumos eram provenientes do próprio sítio, neste sentido um sitiante observa que a “comida era mais saudável naquele tempo, a gente nem sabia o que era veneno, tudo era na base de adubo da roça mesmo”. A urina de gado, por exemplo, era utilizada para conter pragas da lavoura²⁴.

Os horários das refeições eram diferenciados dos horários atuais, eles acompanharam o processo de trabalho de cada uma das fases. No primeiro período, às 06:00 hs o sitiante já estava na roça; às 08:00 era servido o almoço, preparado pela mãe ou uma das filhas (geralmente a mais velha) e levado até o local de trabalho pelo filho mais novo. O cardápio era constituído da combinação de alguns dos alimentos citados: polenta (quase sempre grelhada), frango, peixe, porco, arroz ou lingüiça. Às 12:30 era servido o café acompanhado de pão, mandioca, bolo ou bolinho e às 17:00 hs o jantar composto por arroz, feijão e um tipo de carne.

O horário das refeições foi alterado conforme as novas necessidades do trabalho, obviamente que a descrição a seguir não é rígida, podendo sofrer alterações conforme a demanda por outras atividades, mas identifiquei esse padrão em duas famílias que permanecemos a maior parte do tempo durante a pesquisa de campo.

Pela manhã, próximo das 06:00 horas o marido ordenha as vacas e encaminha o leite para a mulher, esta fica responsável em fazer os queijos ou engarrafar o leite para venda ou consumo doméstico. Após esta atividade é servido o café, acompanhado de pão, leite, margarina, bolo e queijo. Em seguida, o sitiante inicia o trato dos animais, para o gado o principal alimento é a cana adicionada de farelo industrializado; para o porco de granja a alimentação é totalmente industrial. Depois de alimentado, o gado é solto para pastar e alimentar sua criação. Ainda no período da manhã, o sitiante cuida da limpeza da granja de porcos.

O almoço é servido às 12:00 horas (arroz, feijão, carne – maioria das vezes de porco – e salada). No período da tarde é feita a limpeza do pasto e do quintal. Geralmente, a horta é cuidada após o almoço (o homem é responsável por plantar e a mulher por colher para o preparo das refeições). Quando necessário, é na parte da tarde que os sítiantes se dirigem à cidade ou cuidam de pequenos consertos nas benfeitorias do sítio. No fim da tarde, o pai recolhe o gado e aparta o bezerro para a produção de leite durante a noite. O jantar é servido próximo das 17:00 horas e o cardápio é semelhante ao do almoço.

A carne de porco foi (e ainda é) o alimento mais valorizado pelos sítiantes. Considerado um alimento “forte”, ela podia ser frita e armazenada em tonéis com banha. Do porco “a gente aproveitava até o grito”, tudo podia ser utilizado, até mesmo as partes viscerais, descartadas no período atual. A lingüiça quando defumada podia ser conservada por um período maior e a banha deixava a comida mais “forte” e ainda podia “prevenir doenças”, “naquele tempo, a comida era feita na banha por isso ninguém adoecia”.

A partir da década de 1970 (segunda fase), acompanhando as mudanças do sistema de plantio, o espaço casa-quintal também foi modificado. Algumas casas foram reformadas e outras construídas para a acomodação do filho casado e escolhido como *sucessor*. A antiga casa de madeira, em certas famílias, foi substituída pela casa de alvenaria. Ao redor do quintal foram construídas as benfeitorias relacionadas à modernização das técnicas de plantio: paiol, granjas, pequenos armazéns para os tratores e para os produtos da roça.

²⁴ Ainda hoje, os sítiantes mais antigos utilizam este artifício para curar alguma planta que está doente.

As culturas de comercialização foram gradativamente substituídas por outras. A soja e milho (e posteriormente o trigo) foram os principais cultivos destinados à venda desde esse período até os dias de hoje. Uma parte da área de roça foi utilizada para formação de um pequeno pasto, pois nenhuma família tem uma quantia maior que seis vacas leiteiras e um touro reprodutor. O leite, assim como um de seus derivados, o queijo, passaram a ser objetos de comercialização pela família. A criação do gado introduziu a cultura da cana, destinada exclusivamente para alimentação dos animais com o adicionamento de farelos industrializados.

Outro item importante para comercialização neste período foram os porcos. Estes deixaram de ser criados soltos (porco caipira), para serem confinados em granjas, com isso a família conseguiu aumentar a produção se valendo de uma área menor que a anterior. Atualmente algumas “granjas”²⁵ estão desativadas, mas para certas famílias elas constituem ainda uma importante fonte de renda. Além da comercialização, a carne de porco continua sendo importante para a dieta familiar. No período da pesquisa de campo, constantemente ela nos era servida, até churrasco era feito exclusivamente com essa carne, pois sempre o sitiante tinha uma quantidade armazenada em seu freezer.

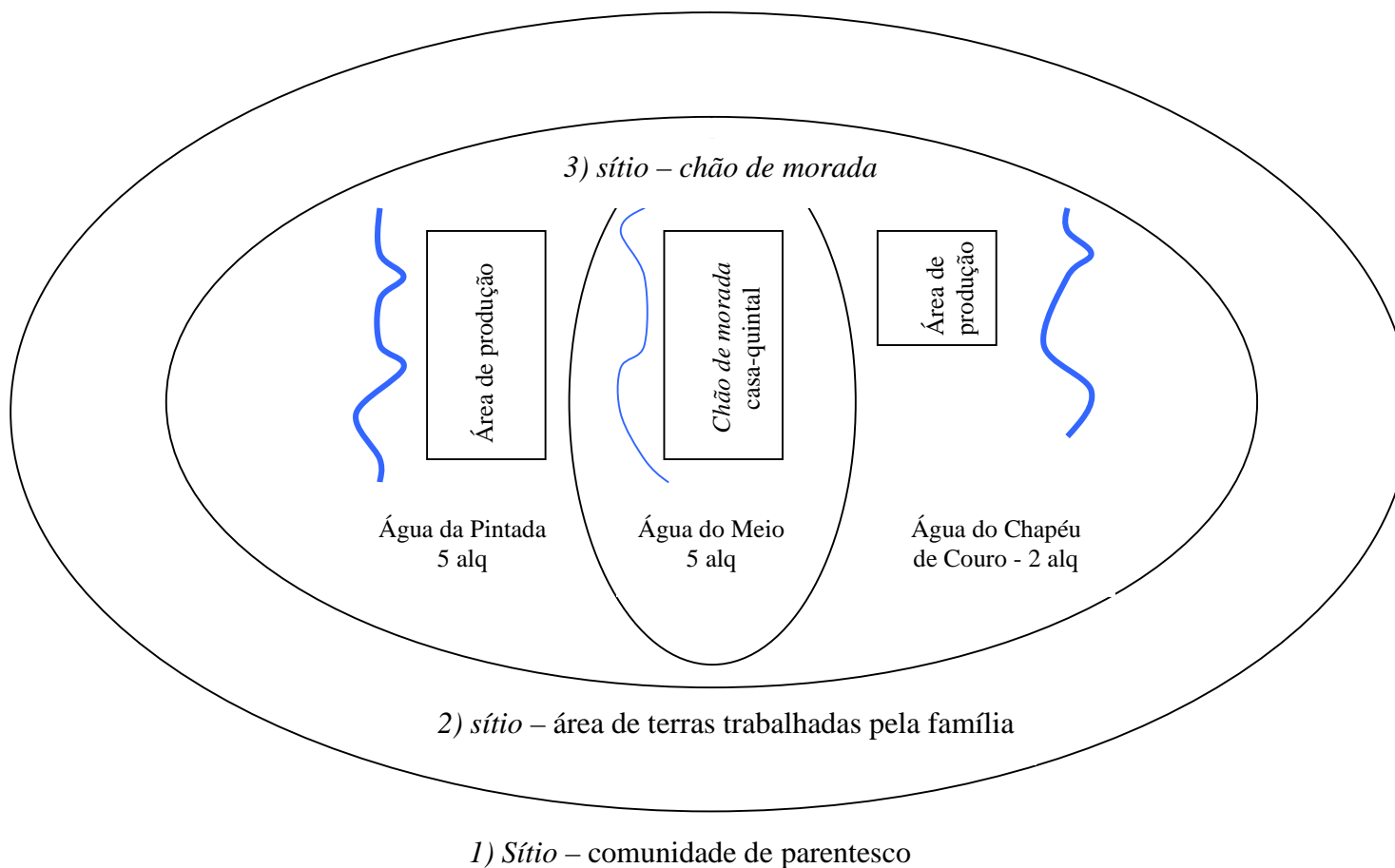
Algumas culturas voltadas para o auto-consumo permaneceram, entre elas, o feijão, a mandioca, hortas, pomares, galinhas. O milho verde também é consumido pela família. Um produto que perdeu espaço na roça foi o arroz, na fala de um sitiante “por que eu vou plantar se no mercado custa R\$ 6,00 um pacote de 5 kg, não compensa”. Assim, no cálculo da família camponesa, permanecem os cultivos que “compensam”, ou seja, produtos que não exigem uma demanda maior de trabalho e cujo preço de mercado seja inferior aos custos de produção.

No período da segunda fase, alguns sítiantes adquiriram seus primeiros tratores, se associaram às cooperativas e passaram a utilizar insumos comercializados. O cultivo de soja e milho foi intensificado. São duas safras anuais, as de inverno e de verão, praticadas com a utilização de máquinas, sendo que no ínterim de cada safra são feitas duas aplicações de fertilizantes e insumos.

No período da colonização os sítios tinham sua área contígua, porém após o processo de transmissão da herança muitas áreas foram fragmentadas, somente a área onde se encontrava a casa-quintal permaneceu praticamente inalterada. Podemos descrever a configuração atual dos sítios a partir da descrição que Woortmann (1990) apresenta para a categoria *sítio*. No primeiro plano de significados, *Sítio* (com letra maiúscula) representa um território de parentesco, definido pela descendência e pelas trocas matrimoniais, esta categoria é equivalente a de *bairro rural* utilizada nesta dissertação. No segundo sentido, *sítio* expressa uma área de terras trabalhadas por uma família localizada no interior do *Sítio* anterior, neste caso, *sítio* é o “patrimônio construído pelo trabalho da família e transmitido de pai para filho, segundo regras definidas” (p. 31). O terceiro sentido da categoria *sítio*, designa o conjunto casa-quintal, “aproximando-se em seu significado do de *chão de morada*”.

Assim, o primeiro sentido designa espacialmente o bairro, *Sítio* é equivalente a todo o território que compreende o Vermelho (as localidades de Água da Pintada, Água do Chapéu de Couro e Água do Meio). O segundo sentido de *sítio* pode ser atribuído ao conjunto de terras trabalhadas pelo sitiante, em um caso específico o sitiante tem 5 alq de terra na Água da Pintada, 5 alq na Água do Meio e 2 alq na Água do Chapéu de Couro. No terceiro sentido, *sítio* designa o espaço casa-quintal, área compreendida por 5 alq de terra onde o sitiante tem sua casa construída e vive com sua família. O esquema a seguir representa uma visualização gráfica dos sentidos da categoria *Sítio/sítio* segundo suas configurações espaciais.

²⁵ Granja é uma categoria local utilizada para denominar tanto as recentes granjas de frango implantadas após a integração dos sítios às indústrias de avicultura, como para nomear as granjas de porcos onde os animais ficam confinados.



No item seguinte, analiso as regras de transmissão de herança entre os sítiantes do bairro e as principais estratégias acionadas em torno deste processo. A partir da descrição da transmissão do patrimônio objetivo compreender melhor as transformações que alteraram a estrutura da região estudada e a situação atual da vida e do trabalho no Ribeirão Vermelho.

2.2 Estratégias familiares de transmissão do patrimônio

Neste tópico procuro analisar as diferentes estratégias de transmissão do patrimônio entre sítiantes do bairro Ribeirão Vermelho e buscar os significados dessa prática na relação entre as fases do ciclo de vida familiar e as condições de reprodução social destes agricultores. As distintas estratégias estão relacionadas com o peso que à agricultura tem para as famílias e ao significado da terra em cada contexto. As regras de herança são mutáveis decorrentes de dois fatores principais: os aspectos internos e externos da família.

Os processos de herança são flexíveis, o que não necessariamente quer dizer que seguem regras costumeiras e, muito menos, do sistema jurídico. Os vários tipos, modelos e desvios de herança (indivisa, igualitária, divisível, diversidade de bens, etc.) não possuem normas claras; são adaptações de estratégias familiares num jogo em que se combinam elementos internos e externos (Tedesco, 1999, p. 112-113).

Entre as características internas das famílias dos sítiantes do Vermelho podemos distinguir o número elevado de filhos, o reduzido tamanho da propriedade, as regras consuetudinárias da comunidade, a estratégia do pai para a compra de terras. Entre os fatores

externos temos a proximidade com a cidade, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho urbano e o Código Civil. Justamente por se tratar de uma prática sem um padrão único, mas com distintas possibilidades e combinações é que este estudo se justifica. Aprender o processo de transmissão de herança em um bairro rural, colonizado por italianos, pode suscitar novas questões acerca do tema, além de termos a possibilidade de conhecer outros arranjos e as condições que condicionaram o padrão de herança.

Na maioria dos estudos sobre a transmissão do patrimônio, os autores identificaram estratégias que evitam a partilha da terra entre todos os herdeiros. A integridade do patrimônio familiar está relacionada com a tentativa de manter a propriedade na interior da família permitindo que pelo menos um dos filhos tenha condições de garantir a reprodução social familiar e manter sua condição de agricultor. Alguns estudiosos indicam que diversos arranjos podem ser acionados conforme o contexto familiar, sendo os mais comuns a exclusão das mulheres, a venda entre irmãos por um preço inferior ao de mercado, a destinação de alguns filhos para o estudo na cidade ou para o mercado de trabalho urbano. (Carneiro 1998 e 2001, Seyferth, 1985, Moura, 1978, Woortmann, 1995, Tedesco, 1996 e Sant'Ana e Costa, 2004).

Em relação ao sítiantes do Vermelho, verifiquei que desde a primeira divisão de herança a prática adotada visa repartir a terra igualitariamente entre filhos homens e mulheres. Este fator ocasionou o parcelamento dos lotes de forma acentuada a partir da segunda divisão (década 80). Conforme veremos, a divisão igualitária da terra entre os filhos, desde a primeira geração de herdeiros, diminuiu significativamente o tamanho dos lotes, um exemplo é o caso dos pioneiros João Bazoni e Josefina Marque que adquiriram no período de colonização 45²⁶ alq, posteriormente, uma de suas filhas, Amábile Bazoni herdou 5 alq (lote dividido entre 9 filhos) e seu neto Oswaldo Martin, na divisão seguinte, herdou uma quantia de 0,5 alq. Assim em apenas duas divisões uma área de 45 alq, transformou-se primeiro em 9 parcelas de 5 alq e uma destas parcelas converteu-se em 10 lotes de 0,5 alq.

Um fator interessante e que serve como referência dos resultados desse padrão de divisão de terras é a quantidade atual de sítios existentes no Vermelho em comparação com a quantidade que existia no período da colonização. Na fase inicial, cinco casais adquiriram os sítios. Quatro famílias compraram lotes de 50 alq e uma de 100, totalizando uma área de 300 alq. Desde a colonização, os cinco sítios iniciais foram transformados em 27, o que corresponde à área média dos sítios, entre 10 e 12 alq. Cabe entender os fatores condicionantes, internos e externos à família, que possibilitaram a algumas delas permanecer no bairro, enquanto outras saíram impulsionadas por interesses próprios ou em decorrência da preservação do patrimônio familiar.

Três estratégias familiares podem ser reconhecidas nos processos de transmissão do patrimônio e reprodução social entre os sítiantes do Ribeirão Vermelho, cada uma delas relacionada com as divisões de herança realizadas ou em vias de se concretizar. Enquanto a terra se constituiu no principal meio de produção e renda, a herança, ainda que igualitária, tendeu a ser arranjada entre os irmãos de forma a evitar o parcelamento da terra e possibilitar a manutenção da unidade produtiva. Essa estratégia foi acionada no primeiro processo de divisão de herança ocorrido entre as décadas de 1950 e 60.

Na medida em que a agricultura deixou de ser a principal fonte de renda entre as famílias, devido principalmente à diminuição dos sítios e à valorização da terra para outros fins. O segundo tipo de estratégia de herança acionado (décadas de 1970 e 80) visava garantir a preservação da terra não somente como meio de produção, mas, sobretudo, como um meio identitário do agricultor. Neste caso, permanecer no sítio e no bairro tem outros significados além do aspecto econômico da produção agrícola, ainda que a terra tenha sido fragmentada, a

²⁶ As parcelas de terra compradas eram de 50 alq, mas na hora de demarcar o terreno, cada família ficou com uma área equivalente a 45 alq, os outros 5 foram destinados para a construção de estradas ou "roubados" pela pessoa responsável pela marcação dos sítios.

moradia no local e a tentativa de continuar na terra expressam o interesse do agricultor em manter os laços de parentesco e vizinhança já estabelecidos. Neste momento, uma vez que a área do sítio não era mais suficiente para garantir integralmente a manutenção da unidade produtiva e os sitiantes começaram a recorrer a outras fontes de renda (aposentadoria e atividades não-agrícolas, principalmente entre as mulheres)

A terceira estratégia encontra-se em curso no período atual e é voltada à inserção dos filhos nas atividades urbanas e à agricultura como manutenção de uma identidade social do agricultor e local de moradia, especialmente dos sitiantes mais velhos, que permanecem morando no sítio, mas recorrem a outras fontes de renda para a sua manutenção e da unidade produtiva (neste período relacionada com a chegada dos chacareiros). Neste momento, a maior parte das famílias não consegue obter da agricultura sua fonte principal de renda, mas, apesar disso, a terra constitui o elemento essencial como espaço de moradia e para os sitiantes manterem sua identidade de agricultor, principalmente através do trabalho, pois ainda que a agricultura deixe de ser a fonte exclusiva de renda, os sitiantes exercem diariamente todas as atividades necessárias para a manutenção do sítio.

Quando a agricultura era a base da reprodução social das famílias, ainda que a partilha fosse igualitária, as estratégias visavam que a terra permanecesse com o sucessor. Além da parte que tinha direito, o sucessor comprava a parte de seus irmãos(as) ou dos parentes de sua esposa. No entanto, quando a terra começa a perder seu valor como unidade produtiva, principalmente por sua insuficiência e através de sua valorização para outros fins, ela aos poucos deixa de representar o valor família, um patrimônio familiar, e deixa de ser visualizada como um bem indiviso. Neste caso, a agricultura não é mais suficiente para manter a família. Porém, ela não deixa de simbolizar um meio identitário para aqueles sitiantes que ainda mantêm uma pequena produção, mesmo que sua renda principal seja proveniente de outras fontes.²⁷

O quadro a seguir resume as gerações, os processos de divisão de herança e as estratégias acionadas em torno da transmissão do patrimônio. Convém destacar que esta representação não é rígida e pode assumir outros contornos conforme a família analisada, ainda assim, percebi esse padrão entre os sitiantes do Vermelho.

²⁷ No estado do Paraná, assim como em outros estados do Brasil, ocorreu uma expansão das atividades não-agrícolas e um declínio das atividades agrícolas, quanto à ocupação e renda da população economicamente ativa (PEA). A partir dos anos 90, o meio rural paranaense apresentou uma evolução consistente da PEA ocupada em atividades não-agrícolas com um crescimento médio de 7% ao ano. Enquanto a PEA rural agrícola sofreu uma queda média de 4,9% a.a. (Del Grossi e Graziano da Silva, 2002).

Quadro 3 – Geração, divisão de herança e estratégia familiar.

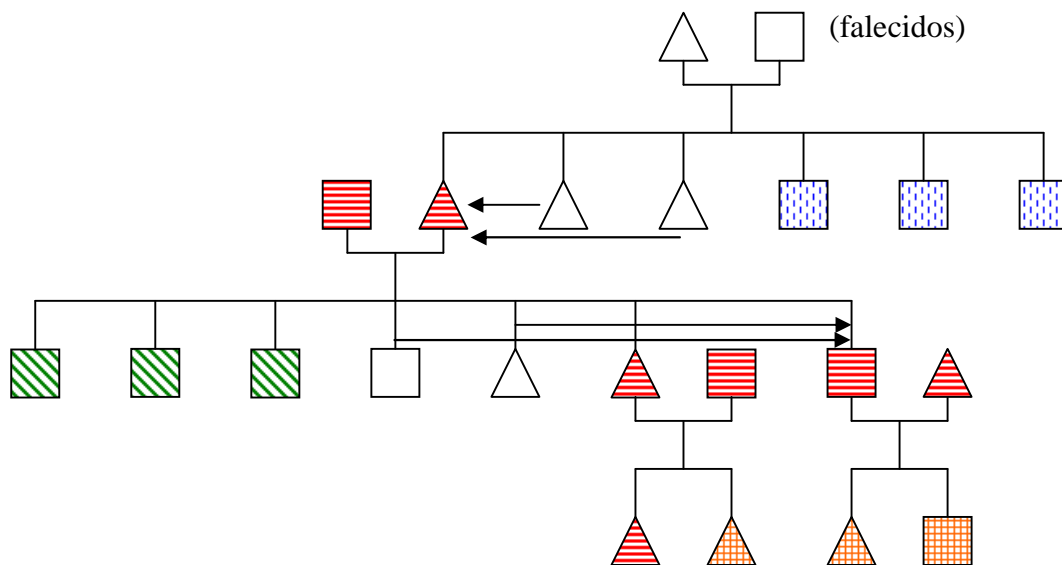
Geração	Divisão de herança	Estratégia
1 ^a - pioneiros (já falecidos)		
2 ^a - pioneiros (90 a 70 anos)	1º processo (décadas 50 e 60) Inventário	- Manutenção do patrimônio como unidade produtiva e econômica.
3 ^a - sitiantes (40 a 69 anos)	2º processo (décadas 80 e 90) Doação com usufruto	- Manutenção do patrimônio como unidade produtiva e meio identitário para o sitiante. - Outras fontes de rendas, a agricultura deixa de ser a fonte exclusiva de renda. - Encaminhamento dos filhos para a cidade.
4 ^a - filhos dos sitiantes (20 a 39 anos)	3º processo - ainda em curso	- Inserção dos jovens no mercado urbano. - Predomínio do sítio como espaço de identidade social e moradia para os agricultores que continuam vivendo e trabalhando nele, mesmo que não tirem dele o principal meio de sustento.

2.2.1 A manutenção do patrimônio familiar como unidade produtiva e econômica

No primeiro processo de divisão da herança constatei a tentativa das famílias em preservar o patrimônio como unidade produtiva e econômica. Nesta ocasião, alguns filhos conseguiram permanecer no sítio através da compra de terras daqueles que foram para a cidade ou saíram à procura de outros sítios no estado do Paraná e São Paulo.²⁸

Para facilitar a compreensão das três estratégias acionadas em cada fase da divisão da herança desenvolvi um diagrama genealógico a partir das informações de uma família. No primeiro processo de transmissão do patrimônio somente uma família permaneceu no bairro, esta conseguiu comprar a terra da parte de duas irmãs do lado materno, sendo que os outros irmãos venderam sua parcela da herança para parentes do bairro. Na geração posterior, o casal que permaneceu na terra, teve 7 filhos, dos quais somente dois continuaram morando na terra dos pais: um deles é o filho caçula escolhido como sucessor e a outra é a filha responsável pelo cuidado dos pais de idade avançada. Esses dois casais tiveram, cada um, dois filhos. Desses, somente uma mulher mora atualmente no bairro, mas na terra que o marido herdou.

²⁸ Não temos informações precisas sobre as famílias da segunda geração que foram embora do bairro nesse período.



Legenda:

→ Venda de terras para irmão (a) e saída do bairro



Permaneceu no bairro



Venda de terras para outros parentes e saída do bairro



Trabalham no sítio e moram na cidade



Ida para a cidade (estudo ou trabalho)

Os pioneiros chegaram ao bairro na década de 1930 acompanhados de seus filhos adultos, sendo alguns já casados. O trabalho como colono em fazendas de café no estado de São Paulo, associado à disponibilidade da mão-de-obra dos filhos adultos, possibilitou o acúmulo de renda para a compra de terras no interior do Paraná. Através do trabalho coletivo dos membros da família, os pioneiros mudaram-se para o bairro e concretizaram uma das condições fundamentais da identidade camponesa: o acesso à propriedade da terra.

Os colonizadores compraram as terras visando o estabelecimento de seus filhos e a garantia de reprodução social para a geração posterior, o que permitiu que sua prole consolidasse outra categoria nucleante do campesinato, dessa vez relacionada ao *trabalho*, ou aquilo que diria uma informante “você vai poder trabalhar no que é seu” (temos aí a relação entre as categorias *propriedade da terra* e *trabalho*). Neste período a família trabalhava em conjunto na derrubada da mata, na construção da casa, no início do cultivo das culturas de café, mamona, algodão, arroz, feijão, criação de porco caipira, contribuindo assim para a conformação do bairro rural.

O padrão de parcelamento igualitário da terra entre os sitiantes do bairro Ribeirão Vermelho é semelhante ao praticado em Nova Friburgo, RJ (Carneiro, 2001). A autora tem como hipótese explicativa que a falta de uma identidade coletiva de migrante e da reduzida relação entre o nome da família (do pai) e a terra como patrimônio desta família, não criaram condições para que a terra pudesse ser percebida como um bem simbólico e coletivo, ou seja, “a ausência de um valor moral atribuído à terra (associado ao valor família) é um dos fatores explicativos para a ausência de estratégias voltadas para a manutenção da propriedade familiar” (p. 49), esta condição está associada à fragilidade da agricultura como fonte de sustento da família.

A mesma hipótese explicativa da partilha igualitária não se aplica aos sítios do Vermelho, ao menos no primeiro processo de transmissão do patrimônio. Porém, a partir da segunda transmissão essa situação pôde ser verificada, visto que a diminuição excessiva da terra associada a sua valorização como *terra de lazer* criou condições para que a terra perdesse seu valor simbólico relacionado à família, enquanto seu valor material ganhava outros contornos.

Uma das explicações possíveis para a prática da herança igualitária está relacionada com o período de colonização do bairro (década de 30), marcado pela cultura do café que exigia intensa mão-de-obra de todos os membros da família, assim “as mulheres precisavam trabalhar que nem homem”. A teoria sobre transmissão nos indica que só tem direito a herdar a terra quem nela trabalha (Carneiro, 1998; Woortmann, 1995, Seyferth, 1985), desta forma, se justificaria que as mulheres que ajudaram a consolidar o patrimônio dos pais, também recebessem terra igualmente aos irmãos.

Após a morte dos pais (anos 50 e 60), os filhos que os sucederam foram alvo da primeira divisão igualitária das terras. Nesta ocasião, os lotes de 50 alqueires foram desmembrados em partes iguais entre os homens e as mulheres. Seo João e Dona Érica (o casal do diagrama representante da segunda geração) receberam uma parcela de 8 alqueires. Outra família, Seo Antônio Martin e Amábile Bazoni: 5 alq. Nestes dois casos foram as mulheres que receberam a herança de seus pais e continuaram morando no sítio.

Algumas famílias conseguiram comprar terras dos irmãos, um exemplo, é o de Seo João Búfalo que conseguiu comprar o lote de 8 alq. de duas irmãs de Dona Érica ficando com uma área total de 24 alq., os irmãos que venderam a terra mudaram-se para as cidades da região.

Identifiquei este padrão na maioria das famílias do bairro, ou seja, nenhuma distinção na hora da herança, com exceção do sucessor que recebe a terra onde se encontram todas as benfeitorias do sítio. A indisponibilidade de terras e recursos, associada à divisão igualitária do lote não permitiu que a maioria dos agricultores ampliasse seu patrimônio durante as gerações, assim o parcelamento das terras alterou a estrutura espacial do sítio, através da descontinuidade dos lotes. Mesmo para quem conseguiu comprar terras, nem sempre foi possível adquirir lotes contíguos aos que a família já possuía. Seyferth (1983/1984), já na década de 80, tinha constatado este tipo de mudança espacial na *colônia* em Guabiruba, SC decorrente da compra de terras e da herança, “uma família pode ter um pedaço de terra em três ou quatro locais diferentes. Só o espaço onde está a casa, o estábulo e a horta permanece imutável” (p.75-76).

Em relação ao sucessor, posso considerar que sua escolha é resultado de uma construção social. As alternativas encontradas para cada ato sucessório são determinadas pela situação legal e pelas possibilidades definidas pela conjuntura socioeconômica (organização da produção, técnicas disponíveis, industrialização da sociedade, etc). Não há uma predominância entre a ultimogenitura ou a primogenitura, diferentemente de outras comunidades onde existem padrões mais acentuados na escolha do filho sucessor²⁹. No Vermelho, cada família tem a opção de escolher o filho conforme a estrutura social familiar.

O filho sucessor não é determinado *a priori*, ele é construído no decorrer do ciclo familiar. Quem fica na terra/casa dos pais é aquele que mais se adapta ao contexto familiar.

²⁹ Em duas regiões estudadas por Carneiro (1998 e 2001) ocorre uma mudança em relação ao filho nomeado para ocupar o lugar do pai. Na primeira comunidade (Theys, França) o filho homem mais velho era geralmente o sucessor, porém mais recentemente “o princípio de primazia do primogênito não vai mais ser respeitado com tanto rigor, constatando-se uma preferência pela escolha do caçula para suceder o pai” (1998; 109). Da mesma forma ocorreu em Nova Pádua (RS), na 1ª e 2ª geração prevalecia a escolha do primogênito, mas na 3ª geração passa a predominar a ultimogenitura, teoricamente o filho mais novo é último a se casar e, portanto será o último a ficar com os pais.

No caso da primogenitura, temos dois casos no Vermelho, em uma família o filho mais velho era o que “não dava muito para os estudos”, em outra família o filho era o que “dava mais pro trabalho”. No caso dos filhos mais novos a explicação é condizente com a teoria sobre o processo de transmissão, estes filhos foram os últimos a saírem da casa e a se casarem. Esses processos de escolha são uma maneira de indicar, no decorrer do tempo, o filho mais “apto” para suceder o pai, ao menos enquanto este estiver vivo e não puder mais trabalhar. Neste caso, os irmãos em conjunto permitem ao irmão sucessor cuidar das terras mediante a obrigação de cuidar dos pais e oferecer a eles uma renda da atividade agrícola (nem sempre obrigatória).

No Vermelho, todos os filhos são herdeiros potenciais, pois a terra é, em termos ideais, partilhada igualmente entre todos os irmãos, embora nem todos consigam permanecer nela, somente um permanece na casa ou no *chão de morada* onde vivem os pais. Na região estudada, ser escolhido como sucessor significa herdar o *chão de morada*, o espaço casa-quintal.

A partilha igualitária não permite a todos os filhos continuarem no campo, mas ela não pode ser simplesmente tratada como um reflexo da perda da importância da terra como eixo central do valor camponês. O costume deste padrão de divisão do sítio vem desde a primeira geração de pioneiros e já indiquei que uma possível explicação para isso foi o trabalho conjunto realizado por todos os filhos (homens e mulheres) durante os primeiros anos de instalação no bairro, essencialmente na primeira e segunda geração. Frases do tipo: “essa casa foi construída graças ao trabalho da *minha mãe* e do *meu pai*” ou o trecho da entrevista a seguir nos fornece a dimensão do trabalho entre as mulheres nos primeiros anos de colonização:

- Seo João: Eu sei que eu trabalhei muito hein, Nossa Senhora como trabalhamos.
- Dona Érica: Eu trabalhava desde mocinha nova.
- Pesquisadora: A senhora trabalhava na roça?
- D. Érica: É na roça, eu com o Lindo Vertuan (primo) apanhava café. Aqui nós trabalhava, pegava as crianças levava na roça, levava uma bacia e um colchãozinho de pena e ponhava as crianças.
- S. João: Ponhava um só, os outros dois ou três ficava brincando.
- D. Érica: Nós trabalhava e o sol tava alto aí ele falava “você não vai em casa, não ta na hora de ir pra casa?”, eu dizia: “o sol ta alto ainda”. Na hora que via já tava de noite. (João Búfalo, 93 e Érica Vertuan Búfalo, 92 – pioneiros).

O reconhecimento do trabalho da mãe pelo filho como fundamental para a construção do patrimônio familiar e a insistência de Dona Érica para continuar na lida até anoitecer, mesmo após o marido recomendar que já estava na hora de voltar para casa, são expressões da importância do trabalho feminino entre esses sítiantes. Em uma família com filhos e filhas, todos deveriam trabalhar igualmente (a distinção ocorria entre os trabalhos considerados mais pesados e os mais leves). Um caso representativo é de uma família pioneira com filhos homens e três filhas, diariamente as meninas se revezavam, duas iam trabalhar na roça e uma ficava em casa ajudando a mãe.

Nesta primeira divisão da herança o modelo de residência adotado era virilocal (com algumas exceções) e a família era do tipo extensa composta de dois casais (os pais e os filhos casados) vivendo na mesma casa, assim como em outras comunidades rurais. Ao constituir o matrimônio, a esposa mudava-se para a residência dos pais do marido até ter condições de iniciar um novo ciclo de reprodução familiar. Os filhos solteiros trabalhavam sob a autoridade do pai e todo o dinheiro ficava por conta deste, em troca recebiam a habitação e alimentação. Para conseguir ter seu próprio dinheiro, os solteiros realizavam trabalho fora da propriedade familiar, quando lhes era permitido, ou seja, no período de não-trabalho no sítio. “A gente tinha que cuidar do que era da gente, depois a gente podia cuidar do que é dos outros”, na fala

de uma informante. As principais atividades realizadas fora do sítio eram a colheita de algodão e café.

O modelo de residência virilocal era uma regra com algumas exceções, como é os casos em que os genros foram viver com a família de suas esposas: Seo João Búfalo (93) e Antônio Martin (falecido). Estes já vieram casados no período da colonização.

Um fato que chama bastante atenção na geração seguinte e que está diretamente relacionado com o caso acima, é o do Seo João Búfalo. Ele recebe um genro em sua casa para trabalhar na propriedade junto com seus filhos. O mesmo acontece com o filho de Seo Antônio Martin que também realiza um *casamento de genro* (Carneiro, 1998). Esse tipo de casamento é viabilizado no caso do genro ser considerado como um *homem muito trabalhador*.

O período de residência nas terras do sogro facilitou o acúmulo de recursos para a compra de terras no bairro ou de casa na cidade. Esse mecanismo está relacionado com a estratégia de manutenção do patrimônio como unidade econômica e produtiva, pois a disponibilidade de mão-de-obra permitiu o acúmulo de recursos financeiros através das culturas que exigem sua intensificação. Esse mecanismo revela a importância da unidade de produção familiar e está associado à estratégia de tentativa de preservação do patrimônio como espaço de trabalho e fonte de renda.

Outro fator interessante associado a este tipo de casamento é a consolidação dos sobrenomes **Búfalo** e **Martin** que ocorreu durante estes últimos anos. Quando questionava sobre as famílias que adquiriram terras, eles não eram citados, mas quando questionava sobre as famílias que compõem a rede atual de parentesco do bairro os sobrenomes acima apareciam espontaneamente. Assim, pude constatar que o reconhecimento do sobrenome da família perante os moradores é uma construção social decorrente do *trabalho na terra*. É o trabalho, percebido como um bem simbólico, que consolida a identidade de sitiante (Woortmann 1995; Tedesco, 1999).

Enquanto os pais da esposa estivessem vivos, o genro precisava se subordinar à autoridade do sogro. Somente após a morte dos pais da mulher ele consegue ter autonomia sobre o processo de produção e das decisões referentes à casa e ao sítio. Nesta ocasião, ele passa a ser reconhecido entre as famílias do bairro como o proprietário da terra, o dono de seu trabalho e o responsável pela autoridade da casa. Na prática, o marido passa a controlar a propriedade via herança da mulher. Assim, o sitiante consegue concretizar as três esferas da condição camponesa: terra, trabalho e família. A combinação destes fatores foi responsável pela consolidação dos sobrenomes Martin e Búfalo. Desta forma, posso considerar que a identidade atribuída ao nome familiar é construída dentro de um sistema de referência simbólico que associa o sobrenome de família à posse da terra, à autonomia das decisões sobre o processo de trabalho e à passagem da autoridade do sogro para o genro.

As culturas deste período, associada à rusticidade das técnicas de plantio, exigiam o trabalho de todo grupo doméstico, nesta ocasião, os irmãos e irmãs solteiros que moravam na casa dos pais e o filho casado escolhido como sucessor juntamente com a esposa trabalhavam na propriedade pertencente ao pai. A partir da década de 70, este modelo de residência foi substituído pela família nuclear neolocal. Assim, o filho casado continuava na terra do lado paterno (considerando as exceções), mas em casas separadas. O motivo principal da separação das casas foi o conflito vivido entre a sogra e a nora no período de co-habitação. Ao mudar-se para a casa do lado paterno, a nora ficava subordinada à sogra. Ela não tinha nenhuma autonomia sobre as decisões da casa, sendo que a fonte maior de tensão era o domínio sobre a cozinha. A nora, além de não poder preparar a comida sem a determinação da sogra, também tinha restrições para receber visitas de sua família. No próximo tópico descrevo a mudança desse padrão de moradia.

2.2.2 Terra como produção e meio identitário e terra como mercadoria

A estratégia de manutenção do patrimônio como unidade produtiva associada ao valor que a agricultura representa como meio identitário é acionada no período da segunda divisão da herança (décadas de 1970 a 80), pois nesta ocasião as famílias constataram que o sítio se tornaria menor em vista do período anterior. A vontade de permanecer no sítio e a falta de capacitação para as atividades urbanas (fato que será alterado no caso dos jovens do período atual), contribuíram para que os sitiantes optassem em manter a inserção na comunidade e continuar com o modo de vida já estabelecido. A agricultura é o elemento que materializa e faz com que os sitiantes tenham um sentimento de pertencimento à localidade, tenham uma profissão e seja fonte de inserção social.

O segundo processo de divisão da herança tornou as parcelas que cabiam a cada herdeiro menor em relação à divisão anterior. Uma das conseqüências deste processo foi a diminuição da importância da agricultura para aqueles que tiveram que deixar a propriedade ou por iniciativa própria ou pela inviabilidade da manutenção do sítio. Alguns herdeiros optaram em não vender a propriedade para o irmão sucessor logo após a transmissão, posteriormente com a chegada das chácaras, houve um intenso processo de valorização da área utilizada para esta finalidade, fato que motivou a venda para pessoas “de fora” decorrente do valor oferecido. Uma das conseqüências deste processo é a conversão do patrimônio familiar em *terra como mercadoria*.

Temos assim dois processos que caminham juntos, de um lado, a tentativa de manutenção do sítio como terra de produção, associado ao valor familiar, acionado essencialmente pelo o irmão que permanece na terra, e, de outro, a terra como mercadoria operacionalizada pelo irmão que deixou o sítio e pela intensa valorização da terra como lazer.

2.2.2.1 Terra como produção e meio identitário

A manutenção do sítio como unidade produtiva é possibilitada por duas situações distintas: ser escolhido como sucessor ou receber apoio do pai / sogro para a compra de terras. Antes de explicitar esta situação, convém chamar atenção para a transição entre o modelo de residência virilocal/patrilocal e de família extensa do período anterior para o modelo de residência neolocal e nuclear predominante desde a década de 1980 até nos dias de hoje.

A transição entre a moradia conjunta e a separação das casas foi a construção de uma nova cozinha para a nora na mesma residência da sogra, onde todos os outros cômodos permaneceram com a mesma estrutura³⁰. No processo de separação das cozinhas ocorreu uma clivagem entre duas unidades familiares, ainda que todos os outros cômodos tenham permanecido imutáveis. A nuclearização das famílias dá-se principalmente sob o aspecto da organização doméstica.

Woortmann (1995) também verificou a passagem da família extensa para a nuclear como estratégia para minimizar o conflito entre as duas gerações e diminuir a autoridade da sogra sobre a nora. Com a separação da residência a nora consegue exercer a condição de *dona de casa* e ter a liberdade para decidir sobre a esfera do consumo, poder receber suas próprias visitas e manter a autonomia sobre o modo como criar seus filhos.

Especificamente no Vermelho, devido à divisão igualitária, temos um caso em que a filha junto com o marido constituiu residência uxrilocal, embora ela não seja a sucessora, pois seu irmão caçula, escolhido como sucessor, também mantém residência na terra dos pais, mas em casa separada e localizada em outra área do sítio. Desde casada, esta filha fixou residência na terra dos pais e nunca mais saiu (e diz que não sairá). Seus irmãos foram embora

³⁰ Situação análoga descrita por Carneiro (1998) para a região de Theys, onde a solução encontrada para amenizar o conflito entre sogra e nora foi a construção de uma nova cozinha.

para a cidade, mas continuaram trabalhando em conjunto no sítio através da doação pelo pai. A família explica que os irmãos quiseram sair, na maioria das vezes, incentivados por suas esposas. Temos um fato interessante em relação ao marido da herdeira que talvez possa auxiliar a compreensão sobre este modelo de residência.

Em uma de minhas entrevistas com o proprietário deste sítio (atualmente ele tem mais de 90 anos) questionei sobre os *filhos* que permaneceram no sítio, seja somente para o trabalho (filhos moram na cidade e trabalham no campo), seja como espaço de trabalho e moradia, o entrevistado, pacientemente, citou o nome de todos os filhos e por último o nome do genro. Este tipo de *consideração* do pai pelo marido da esposa pode ser um fator explicativo de por que entre 5 irmãos, foi permitido à filha e ao marido fixar residência na terra dos pais. Além desse genro ser considerado *muito trabalhador*, o sogro construiu uma relação de afetividade que lhe permitiu considerar o genro como um filho, além disso a filha é responsável pelos cuidados em relação aos pais.

Atualmente, no bairro Ribeirão Vermelho, não existe nenhum caso de família extensa, todas se tornaram famílias nucleares. Assim, duas unidades domésticas independentes passam a coexistir dentro de uma mesma propriedade. Podemos identificar o mesmo padrão de residência atual dos sítiantes do Vermelho do modelo de residência nuclear e virilocal analisado por Moura (1978) em sua região. Esse padrão onde vivem os pais e o sucessor em casas separadas, mas no mesmo *chão de morada* permite ao filho escolhido como sucessor manter a unidade produtiva, mas conforme veremos essa é uma situação de incertezas, visto que a segunda divisão da herança foi realizada por doação com usufruto pelos pais ainda vivos. Esse modelo de transmissão do patrimônio é realizado com a condição de que o filho sucessor (filho escolhido para morar no espaço casa-quintal) cuide dos pais, que continuam morando na mesma propriedade, em contrapartida, os irmãos que receberam sua parcela da herança permitem ao sucessor cuidar de toda a área do sítio e permanecer com a renda auferida.

Eventualmente, caso os pais venham a falecer finaliza-se a responsabilidade do sucessor no cuidado dos pais. Conseqüentemente, as parcelas do sítio que cabiam aos outros irmãos, anteriormente cuidadas pelo sucessor, retornam para o dono. Cabe ao sucessor comprar as parcelas, mas isso só possível se ele contar com recursos financeiros, caso contrário a compra e venda entre a família torna-se inviável e a venda para pessoas “de fora” possível. A *terra como mercadoria* começa a prevalecer nessas situações de incertezas, principalmente após a valorização das terras para chácaras, conforme será visto no próximo item.

Enquanto prevalece o costume de doação e os pais estão vivos, o sucessor em acordo com os irmãos cuida de toda propriedade com a condição de ser o responsável pelos pais e ceder a eles uma parte da renda obtida com a lavoura (se necessário). Nesta situação, a morte dos pais pode representar o fim do sítio para a geração seguinte, assim o sucessor terá que comprar as terras dos irmãos para dar continuidade à produção agrícola. Esgotada essa possibilidade devido à falta de recursos, não há outra saída a não ser repartir o sítio entre todos os herdeiros, ir para a cidade e cada irmão vender sua parte para um estranho, até mesmo para o loteamento de chácaras. Um casal que vive nessa condição já anunciou que deixará o sítio assim que seus pais falecerem, pois não disponibilizam de recursos para aquisição das parcelas pertencentes aos irmãos.

O direito definitivo sobre a posse da terra concretiza-se através da morte dos pais quando cessa a obrigação do filho para com o pai, assim como o arranjo entre os irmãos. Se o filho/genro conseguiu juntar dinheiro no período da residência virilocal/uxorilocal é chegada a hora de comprar as terras dos irmãos e irmãs. A condição de não pagar renda ou de ser um parceiro privilegiado do próprio pai/sogro permitiu que algumas famílias do bairro construíssem seu próprio patrimônio (semelhante à situação descrita por Sant’Ana e Costa,

2004). A doação provisória permite ao filho herdeiro-sucessor conseguir recursos para indenizar os outros irmãos, trata-se de uma tentativa familiar de preservação da integridade do patrimônio. Além disso, a doação por usufruto permite a garantia da autoridade paterna por um período maior de tempo e a segurança de ser cuidado por um dos filhos (Carneiro, 1998).

Esta é uma possibilidade de continuar no bairro, a outra ocorre quando um dos filhos, considerado “muito trabalhador” e o mais interessado de todos, recebe o apoio do pai / sogro para conseguir ampliar o sítio.

Dois irmãos do Vermelho conseguiram adquirir terras desta forma. O primeiro, após o casamento foi morar na casa do pai de sua esposa sem precisar pagar renda. Após dois anos ele conseguiu comprar uma área de 5 alq do cunhado, continuou trabalhando com o sogro por mais 10 anos até conseguir comprar outra área de 5 alq dessa vez da irmã da esposa, além de ter recebido após este período uma área de 6,5 alq da herança de sua esposa falecida, porém esta terra foi destinada aos filhos do casal.

O outro irmão caçula foi escolhido como sucessor e após o casamento continuou morando na terra dos pais, sob a mesma condição citada anteriormente. No período de residência virilocal, o filho conseguiu guardar dinheiro com a finalidade de indenizar os irmãos e manter o patrimônio indiviso (ou ao menos parte dele) após a morte dos pais. O filho sucessor comprou a área de cinco irmãos. Dos três lotes restantes, dois foram comprados pelo irmão citado no parágrafo anterior, pois este também tinha interesse em permanecer na terra e isto já havia sido sinalizado através do apoio recebido pelo sogro; e o terceiro continuou nas mãos outro irmão residente na cidade.

Caso não ocorra nenhuma destas possibilidades torna-se praticamente insustentável manter a posição de agricultor. Ainda assim, alguns filhos continuam trabalhando no sítio junto com o irmão que permanece na terra, mas sem fixar residência. A própria insistência dos filhos que continuam como sitiantes e visam manter o sítio como espaço de produção é expressão do valor simbólico que a terra representa, ao menos para quem dela e nela vive. Muitas vezes o irmão que vai para a cidade e volta para o sítio todos os dias para trabalhar é desvalorizado, já que não consegue se estabelecer definitivamente nem em lugar, nem em outro. O relato abaixo irá nos auxiliar sobre essa discussão.

A mãe realizou a doação com usufruto da parte que lhe cabia, pois a parte do pai já havia sido dividida por inventário. Quando o pai estava vivo, o filho mais velho já tinha sido escolhido como sucessor através da residência virilocal. Dos sete filhos do casal dois trabalham atualmente na propriedade: o filho sucessor e um filho que mora na cidade, mas volta diariamente para o bairro. No dia da entrevista a mãe e esses dois filhos estavam presentes.

- Pesquisadora: O senhor mora aqui [pergunta dirigida a Fortunato]? E o senhor [pergunta dirigida a Antônio]?
- Antônio: Eu moro na cidade.
- Pesquisadora: Mas trabalha aqui?
- D. Leontina: Vem trabalha no sítio.
- Pesquisadora: E o senhor saiu por quê?
- Antônio: Ah, eu sai porque eu casei e minha mulher não se deu aqui, ela era de lá e não se adaptou no sítio. E depois ela arrumou serviço lá de auxiliar de enfermagem e continua trabalhando até hoje. Então pra vim aqui e ela ir trabalhar, eu achei mais fácil eu vim trabalhar e ela ficar.
- Pesquisadora: E o senhor seo Fortunato ficou por quê? Por que o senhor não quis ir para a cidade?
- Leontina: Não! O pai não deixou sair tudo. Ele falou “um fica né”.
- Fortunato: O mês que vem vai fazer 60 anos que eu moro aqui. Nasci, me criei e to aqui até hoje.
- Pesquisadora: O senhor nunca pensou em ir pra cidade?
- Fortunato: Eu não! Eu vou lá pra cidade e depois volto que nem um pardal. Vai lá pra dormir e no outro dia cedo tá aqui de volta.
- Leontina: Não teve precisão. Até agora não teve precisão.

- Antônio: Mudo muito né. Que nem ele quer ir pra cidade então ele pega o carro dele e vai. Então tem conforto aqui também, não precisa sair.
- Leontina: Já a mulher dele [do Fortunato] trabalha oito anos na APAE, ela é cozinheira. Ela vai! (Leontina Alves Vertuan, 76; Fortunato Vertuan, 59; Antônio Roberto Vertuan, 48).

No caso apresentado, o filho sucessor ao explicar o motivo de não ir para a cidade, responde: “Eu não! Eu vou lá pra cidade e depois volto que nem um *pardal*. Vai lá pra dormir e no outro dia cedo tá aqui de volta”. Os sitiantes que moram no bairro costumam pejorativamente nomear como *pardal* aqueles que moram na cidade e vão diariamente trabalhar no sítio, em certos casos o uso da categoria é motivo de briga entre os homens. Talvez ele não tenha se dado conta, mas ao responder dessa maneira, considera o seu irmão como um *pardal*, já que este dorme na cidade e volta todos os dias para o sítio. Para a mãe, não “teve precisão” do filho mais velho ir para a cidade, mas ela reconhece que “até agora não teve precisão”, pois sabe que após sua morte tudo pode ser reconfigurado caso o sucessor não tenha condições de comprar a parte dos irmãos.

Para explicar o porquê da saída, algumas famílias procuram atribuir a responsabilidade ao próprio filho (ou ao irmão) pela escolha ou, na maioria dos casos, a sua mulher que “quis ir viver no conforto da cidade”. Moura (1978) descreve essa tensão como um problema estrutural e coletivo. Estrutural, porque diz respeito às dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar frente ao modelo que privilegia as grandes propriedades e à falta de condições que os pequenos produtores têm para acumular recursos e adquirir mais terras. Coletivo, porque subordina o interesse do indivíduo aos interesses da família. É necessário demonstrar perante a comunidade que a decisão em sair do sítio foi uma opção individual, mesmo que a motivação tenha sido a falta de oportunidade no campo e na agricultura.

A precariedade desta situação está diretamente relacionada com a falta de recursos até mesmo para construir e preparar os filhos que não tiveram condições de permanecer no campo através da oferta de estudos ou do preparo para atividades urbanas. Situação diversa da verificada entre colonos-operários por Seyferth (1983/1984), na qual, a partir de uma fase do ciclo familiar, os pais direcionam para a atividade nas fábricas os filhos que não se tornarão o sucessor do patrimônio familiar.

Temos aí uma proximidade com a situação verificada por Klaas e Ellen Woortmann (1993) entre sitiantes de Sergipe. Os autores identificaram a fuga antes do matrimônio como uma estratégia, aparentemente, individual, mas que, no entanto, é subjacente a problemas estruturais, tais como: a falta de recursos financeiros por parte do pai da moça para a realização da festa do casamento ou a falta de terras por parte do pai do moço para oferecer o *chão de roça* e o *chão de morada*. A fuga, de um lado, evita que a honra do chefe da família seja abalada perante a comunidade, já que ele não seria capaz de fornecer a festa e o dote de casamento, no caso da mulher, ou oferecer a terra no caso do homem; de outro lado, evita que ambos se tornem celibatários.

Mas se a fuga é uma encenação social que tem a finalidade de preservar a honra da família como “pessoa moral”, os autores não deixam de perceber o que ela representa para o indivíduo que foge, um sacrifício. Sacrifício das fantasias de um casamento não realizado na igreja e reconhecido pela comunidade em prol da necessidade de outro personagem social, a família. Por trás da experiência da fuga, assim como a atribuição da responsabilidade da saída do sítio ao filho que “optou” em viver na cidade percebemos uma ação/motivação aparentemente individual, mas que esconde uma estratégia de manutenção do nome do pai de família, pois a “culpa” é atribuída ao indivíduo e não a falta de recursos e possibilidades do grupo familiar em criar condições para a instalação de mais um filho na propriedade.

Porém, não podemos deixar de mencionar que em alguns casos a atração pela cidade impulsionou a saída dos jovens, neste caso opera uma lógica individual. A vontade individual pode prevalecer sobre o projeto coletivo em duas situações: 1) quando a agricultura perde a

importância como meio de produção; 2) quando os valores projetados no modo de vida urbana tornam-se mais atrativos.

2.2.2.2 Terra como mercadoria

A terra deixou de representar o patrimônio familiar para se converter em *terra como mercadoria* na medida em que ela perdeu o significado como meio de produção para os filhos que saíram da terra em decorrência da fragmentação excessiva e/ou do interesse em viver na cidade, ao mesmo tempo em que ela passou a ser intensamente valorizada após o loteamento para chácaras.

A valorização/significação da *terra como meio de produção* e da *terra como mercadoria* convivem simultaneamente. O significado atribuído está relacionado com a vontade de permanecer e a intenção de vender. Para ilustrar essa relação selecionei uma família em que a herança foi partilha no início da década de 1990 e mais de dez anos depois ocorreu a venda do lote pertencente a um dos herdeiros para pessoas “de fora”. Na ocasião da partilha, são feitos acordos “de boca” entre os irmãos sobre a localização do lote que cabe a cada filho. Aqueles que têm condições de comprar mais terras e já estão fixados no sítio recebem o lote mais próximo de sua propriedade. Para aqueles que vivem na cidade são destinados os lotes mais afastados.

Foi através deste tipo de arranjo entre os irmãos que o filho citado acima recebeu sua parte da herança. Como já residia na cidade, coube a ele o que naquele contexto era considerado o pior lote do sítio. Situado nas margens da represa, sua singela plantação era alvo constante de roubos. O irmão sucessor cuidava da área e repassava a renda ao irmão. Na ocasião da partilha da herança, ele se recusou a vender ao irmão sucessor, mas isso não representou um problema até o dia em que ele resolveu vender para pessoas “de fora”. Dez anos depois, a pequena área desvalorizada ganhou valor através de um intenso processo de loteamento realizado em todo município. O preço do alqueire de terra para chácaras chegou a ser três vezes superior ao preço para plantio. Frente à valorização da terra o irmão responsável pelo 0,5 alq. decidiu vender sua área para pessoas “de fora”. Neste momento iniciou-se o conflito entre os irmãos. O filho sucessor e sua esposa não admitiram este tipo de transação e sentiram-se traídos, outros dois irmãos mais velhos defenderam o herdeiro do 0,5 alq, para eles o irmão tinha direito de vender a terra como uma forma de ser indenizado por ganhar a pior terra na fase da herança. Na ocasião, o sucessor não disponibilizava de recursos financeiros para a compra da área.

Como o sítio do filho sucessor dá acesso à área das chácaras, ele resolveu não permitir a construção do carreador³¹ que dá ao loteamento e desta forma inviabilizar a venda para estranhos. No processo de discussão foi fundamental a interferência dos outros dois irmãos, pois eles se recordaram que no processo do inventário sobrou 0,5 alq. utilizado pelo sucessor com o consentimento de toda família. Para evitar o parcelamento do sítio, o sucessor permitiu a construção da estrada que dá acesso às chácaras, mas não sem se revoltar contra os irmãos através da seguinte sentença: “não quero que vocês apareçam na minha casa nem quando eu morrer”.

A explicação para o apoio que os irmãos deram no processo da venda é simples, mas significativa. “É como se todos os seus irmãos recebessem um carro novo e você um fusca, dez anos depois o seu fusca vale mais do que os outros, aí todo mundo quer o fusca. O M. (irmão sucessor) já ficou com a casa, com o poço, o paiol, tudo o que o pai tinha. Não é justo ele querer mais”.

³¹ Carreador é uma expressão local utilizada para nomear as estradas de terra localizadas entre os sítios.

O processo de partilha pode ser igualitário em relação à terra, mas não o é em relação à casa e às benfeitorias construídas na área de *chão de morada*. Numa situação de falta de recursos e descapitalização, a casa é um bem extremamente valorizado no processo de herança, pois garante, ao menos, a moradia para o casal que irá herdá-la. Os dois irmãos consideraram uma injustiça com o irmão que recebeu a pior área não poder finalmente receber uma parcela de dinheiro maior na situação atual e ser recompensado pelos anos que ficou com a terra mais desvalorizada. Mais injusto do que vender para um estranho em detrimento da terra como patrimônio da família, é um irmão querer receber mais do que já tinha recebido ao ser escolhido como sucessor e o outro ser penalizado mais uma vez.

Esta situação expressa o conflito entre os interesses individuais e coletivos no plano das representações entre os irmãos. No momento da herança, o filho que ficou com a terra considerada ruim (nas margens da represa) não quis vender para o irmão, ele preferiu continuar com a pequena área como uma tentativa de manter um pedaço do patrimônio da família em seu nome, ou melhor, ter a propriedade de alguma terra. Porém as coisas mudaram de rumo quando a área passou a ser intensamente valorizada e o sucessor não dispunha da quantia suficiente para adquirir a propriedade do irmão. O valor simbólico da terra foi substituído pelo valor mercantil para o irmão que passou a querer vendê-la, mas não para o sucessor, na concepção deste a terra deveria ser preservada no interior da família e a venda para estranhos evitada. O que está em jogo é a briga entre irmãos, sendo que existe uma retórica onde um dos irmãos assume o discurso da individualidade para desqualificar o outro que quis vender a terra para um estranho. Neste caso existe a convivência dos dois valores e há uma tensão decorrente desta situação. Sua esposa declarou o seguinte: “onde já se viu vender a terra que era do pai dele para uma pessoa ‘de fora’ (...) foi o pai dele quem construiu isso tudo”.

Moura (1978) tece dois comentários a respeito da relação entre irmãos(as) e cunhados(as) no processo de venda da terra em São João da Cristina (MG) que podem facilitar nossa compreensão sobre o conflito vivido pelos irmãos. Em primeiro lugar “após a morte dos pais diminui a interação fraternal, voltando-se cada um para sua família nuclear constituída ou em vias de se constituir (Moura, 1978; 58). Em segundo lugar, “quando não é possível que um irmão venda a outro, pode gerar um rancor recíproco, que escapa nos relatos [não no Ribeirão Vermelho]” (op cit.; 45). Temos duas circunstâncias que perpassam a situação relatada anteriormente. A diminuição dos laços de parentesco entre irmãos após a morte dos pais pode ser acionada para interpretarmos a venda para pessoas “de fora” ao invés da venda para um irmão. Com o tempo o sucessor deixou de representar o papel de guardião da propriedade familiar, além disso, a significação da *terra como mercadoria* permitiu sua venda.

Aqui o *principio de solidariedade* da venda de terras entre irmãos/cunhados descrito por Moura (op cit.) deixou de ser ativado³². A terra já não é mais percebida como um patrimônio familiar associada às gerações ascendentes. Assim, a fragmentação das terras está diretamente relacionada com a atomização das famílias no que diz respeito à preservação da integridade do patrimônio.

O rancor estabelecido entre os quatro irmãos (três a favor da venda e um contra a venda) ainda é percebido nos dias de hoje. Através da observação das relações entre as famílias dos sitiantes e por meio dos relatos dos moradores percebemos a rivalidade, muitas vezes dissimulada entre as partes envolvidas. Apesar desses irmãos e suas respectivas esposas

³² “As regras de herança só se consomem na sua especificidade porque se exerce um tipo de solidariedade entre irmão e irmã, entre irmãos e também entre cunhados. Essa solidariedade entre indivíduos de sexo oposto, mas irmãos entre indivíduos do mesmo sexo sendo ou não irmãos é a condição para que a propriedade se subdivida o menos possível e não se fragmente em áreas descontínuas” (Moura, 1978; 45).

retomarem o diálogo no decorrer dos anos, não identifiquei um relacionamento familiar condizente com o padrão de outras famílias do bairro, as quais reúnem-se constantemente para organização de almoços e celebrações de datas comemorativas.

Na região de Itajaí-Mirim (SC), estudada por Seyferth (1985), a venda de terras para irmãos costuma ser feita por um preço simbólico sempre abaixo do preço de mercado. Até pode ocorrer uma indenização real pelas parcelas dos irmãos, mas este fato é mais raro. Em São João da Cristina (MG), Moura (1978) também encontra a venda preferencial para irmão / cunhado a partir de um “preço para parente”, inferior ao valor comercial das terras, e um “preço para não parente” condizente com o valor das terras em vigor. Já na região de São Jose do Rio Preto, “a compra da família constitui-se em uma prática muito freqüente e quase sempre a aquisição é facilitada. Constataram-se casos em que o dinheiro sai do próprio trabalho na propriedade, além da ordem e o prazo de pagamento não ser fixo” (Sant’Ana e Costa, 2004; 673).

No Vermelho, o costume rege que o preço pago pela terra de um irmão, irmã ou qualquer parente seja de acordo com o preço de mercado. Esta prática é um tanto incomum nas comunidades rurais. Desde a primeira geração foi assim, apesar de no período atual essa relação se intensificar devido à valorização das terras para chácaras. O que sofreu mudança desde a fase inicial foi a forma de pagamento. Até meados da década de 70 a compra era feita na “bacia das almas” (expressão utilizada para designar venda a prazo), o pagamento poderia ser feito após a colheita em dinheiro ou com a própria colheita. A partir desse período, a compra começou a ser feita através do pagamento à vista ou com alguma garantia. Para obter esse dinheiro, as famílias recorreram a empréstimos da cooperativa.

A imposição do pagamento à vista em substituição do pagamento a prazo está relacionada à valorização das terras na região para loteamento de chácaras, à introdução do novo modelo tecnológico (Revolução Verde), à incorporação de novas culturas (soja, milho e, posteriormente o trigo). Estes fatores, baseados em um modelo de agricultura moderna, interferiram em uma relação de reciprocidade e confiança entre irmãos e cunhados por uma relação de ordem material, firmada na compra mediante a presença do dinheiro ou de uma garantia, ou ainda, pela falta de *consideração* em deixar de vender para parente (Moura, 1978), pois “se eu não tiver dinheiro, outro tem” (fala de um sitiante que adquiriu terra de um ex-cunhado – sua mulher já era falecida).

Essa relação de venda sustentada no preço de mercado e na venda à vista ou com garantia pode ser relacionada com a perda do valor da terra como meio de produção e sua valorização como *terra de lazer*, além disso, o dinheiro expressa a possibilidade da compra de uma casa na cidade, que dificilmente seria vendida na “bacia das almas”. A terra adquire o valor de mercadoria e deixa de expressar o valor de um patrimônio familiar a ser preservado. Se analisarmos sob a perspectiva do filho que teve de sair, a terra deixa de ser um meio de produção, ela perde o sentido para o sitiante que não conseguirá mais consolidar sua identidade de agricultor através da posse da terra e do trabalho. Porém, se considerarmos essa relação a partir do filho que consegue permanecer no sítio ou ao menos tenta, a terra ainda representa um bem simbólico associado à família.

A venda da terra para os irmãos ou para estranhos representa para os que saem a possibilidade da compra de uma casa na cidade e a garantia de um lugar para morar, em certos casos a família consegue comprar duas casas, sendo a segunda destinada à obtenção de renda através de aluguel ou utilizada para a colocação dos filhos ou dos pais com idade avançada e que necessitam constantemente de cuidados médicos. Foi assim no caso do filho que vendeu a terra para chácaras, com o dinheiro ele comprou uma casa na cidade e cedeu a moradia para a mãe de sua esposa. Esta estratégia também é acionada por aqueles que permaneceram no

³⁴ Situação análoga foi verificada por Carneiro (2001) no município de Nova Friburgo, RJ.

campo, uma vez que após a divisão igualitária da herança, se o casal não tiver condições de comprar mais terras e precisarem sair do sítio, eles já têm onde morar sem precisar pagar aluguel. Estratégia comum quando a agricultura deixa de ser o principal meio de sustento das famílias.

Na região catarinense estudada por Seyferth (1985), a herança partilhada amplia a possibilidade do camponês se transformar em um colono-operário e “o destino mais freqüente da renda acumulada pela família é assegurar meios para construir uma casa para cada filho” (p. 22). No Vermelho, a transmissão igualitária amplia a possibilidade do sitiante ir para a cidade. Esta alternativa é facilitada pela compra de casas na área urbana com o dinheiro obtido através de cinco formas possíveis:

- 1) venda de terras para o irmão (caso mais raro atualmente);
- 2) venda de terras para estranhos;
- 3) ajuda dos pais com recursos da família guardados na produção em conjunto;
- 4) ajuda dos pais através da construção de casa no interior do sítio (para o *sucessor*);
- 5) através de um período bom de colheita (preços altos e produtividade).

Um mecanismo acionado pelos irmãos que optaram em continuar trabalhando na atividade agropecuária, mas já não contavam com área suficiente no sítio para garantir uma produção mínima foi recorrer ao arrendamento. Este tipo de mecanismo é decorrente do sistema igualitário de herança adotado pelas famílias, responsável pela fragmentação excessiva da terra.³⁴

O arredamento de terras no Mato Grosso costuma ser praticado em parceria entre irmãos e cunhados. Os homens deslocam-se para o arredamento nos períodos de plantio, da colheita e para aplicação de insumos (duas ou três vezes por safra) e no final de cada atividade retornam para o bairro. Uma vez que o Ribeirão Vermelho é o espaço em que os sítiantes atribuem o sentido de pertencimento à localidade, onde fortalecem seus laços de parentesco e de inserção social.

As primeiras iniciativas ocorreram no final dos anos 1990, período em que a alternativa aparentava-se economicamente viável para as famílias de sítiantes. Entretanto, a desvalorização do preço das *commodities* nos últimos anos ocasionou o endividamento de algumas famílias do bairro. A consequência desse resultado para uma delas foi a necessidade da venda de uma parte do sítio para construção de chácaras. O pai (com mais de 90 anos), diante da necessidade, autorizou essa decisão para quitar a dívida que os filhos contraíram durante o arrendamento. Essa deliberação foi encarada com muito pesar pelo pai, “se não fosse as dívidas eu não teria vendido, vendi por causa dos filhos”. Dos 24 alq da família, 6 foram destinados ao loteamento.

Embora a venda da terras pareça negar elementos que definam um modo de vida camponês, como, por exemplo, ser dono da terra e do trabalho (Woortmann, 1990) esta prática, pelo contrário, objetivou preservar a honra da família e a hierarquia do pai.

Desta forma, a terra é embutida de valores que transcendem o valor-mercadoria, neste caso, a família e a manutenção de sua honra, no que diz respeito às dívidas, tem um aspecto essencial na decisão de converter um bem que é “expressão de uma moralidade” em dinheiro. Afinal, a história dessas famílias com a compra das terras, com a chegada no bairro e sua permanência no local demonstram todas as dificuldades e a importância que o sítio representa, expressa na figura do pai. Ao vender a terra “ela deixa de ser ordem de uma moralidade, como coisa que é também pessoa, para ser da ordem da racionalidade, como objeto, coisa radicalmente separada da pessoa” (Woortmann, 1990; 62).

Ao se desfazer de um pedaço do sítio, o sitiante não se separa apenas de uma mercadoria, mas também do local marcado por uma história de vida expressa na luta pela manutenção do roçado e da família. As dificuldades enfrentadas pela família nos primeiros

anos de colonização parecem ser grudadas na terra e esse sentimento de certa forma se desvanece com sua venda, principalmente se ela for feita para estranhos. Ainda que esteja em jogo a preservação da honra da família, a venda da terra é a única solução encontrada para quitar a dívida dos filhos e limpar o sobrenome do pai.

A venda de terras, enquanto pelo menos um dos pais ainda está vivo, não está somente associada às dívidas. Uma área muito pequena, sem um filho ou genro disposto a “tocar” e a ceder renda para o pai ou mãe (sogro ou sogra) e sem ninguém com condições de comprar, pode ocasionar a venda de todo o patrimônio para que a herança seja dividida através de doação.

Durante o período da pesquisa de campo presenciei a situação de um sítio que está chegando ao fim, ao menos para a família que irá se desfazer da propriedade. A dona do sítio, Amábile Vertuan Búfalo (76) vivia com a filha (portadora de necessidades especiais). Seu filho mais novo casou e mudou-se para a cidade no primeiro semestre de 2007 para trabalhar como tratorista. Sem condições de “tocar” o sítio, em função da idade e de problemas de saúde e sem a ajuda do fi/lho e dos genros, Dona Amábile colocou as terras a venda. Nenhum dos parentes ou mesmo outro sitiante do bairro tem recursos para adquirir esta propriedade. A área de 2,5 alq foi recebida através da herança deixada por seu pai e está localizada nas margens da represa. A entrevista abaixo foi realizada com a filha de Dona Amábile, no período da entrevista a mãe não havia se mudado para a cidade. Inicialmente estava interessada em verificar se a sitiante venderia o sítio para construção de chácaras, na seqüência a filha comenta sobre o caso da mãe:

- Pesquisadora: Vocês venderiam o sítio para fazer chácara?

- Não!

- Pesquisadora: Por que?

- Ah sei lá, por que se tirar um pedaço de terra daqui e **vender para outra pessoa estranha entrar no que é teu**. Que nem no caso da minha mãe, tá pra vender, igual eu já disse para você, tá pra vender não, vai vender! Mas não sei quando porque o valor tá muito pouco e a gente não pode ficar jogando terra fora. Então, o dia que falaram que o rapaz ali foi ver o sítio da minha mãe pra comprar, não para ele, pra outro amigo, aí eu já fiquei assim sabe, o coração já amoleceu, deu vontade de chorar, porque eu, praticamente, acabei de me criar ali. Então a gente lutou ali, não deixamos ninguém desamparado, minha mãe não tá desamparada, meu pai morreu ali e deixou o sitinho pra minha mãe, então eu tenho dó se fosse pra vender. Se ela vai morar em Alvorada e falar: não vou vender por enquanto, até que ela tá viva não vai vender, **a hora que ela chegar a morrer aí vai ter que vender**, mas eu preferia assim, deixar do jeito que tá e ela ir para cidade e meu cunhado que toca o sitinho dela, só que ele paga tudo.

(...) Então eu acho assim, **você vender o que você tem é duro**. Quem nem eles ali [parentes que venderam] lotearam tudo isso aqui, a melhor terra que eles tem eles lotearam, tudo por que? Dívida!

(...) **a gente tem amor nas coisas da gente**, igual tem amor no teu filho, porque você vê teu filho vai estudar fora você fica ali apavorada. Então assim é um pedaço de terra da gente. Tá certo, que nem muitos falam assim: “você morre e não vai levar a terra”, eu sei que eu não vou levar, mas enquanto eu viver eu acho que não desfazeria não. (Madalena Búfalo Martin, 59, sitiante).

A sitiante chama atenção para alguns aspectos relacionados à venda de terras e à herança. Em primeiro lugar, vender a terra foi a solução encontrada para a falta de filhos ou genros dispostos a “tocar” o “sitinho”. Assim, vender “o que você tem é duro”, ainda mais se for para uma “pessoa estranha entrar no que é teu”, pois o sítio foi espaço construído pela família, mas que também construiu a família, enquanto todos viviam ali ninguém ficou “desamparado”. O amor a terra é equiparado ao amor a um filho, acredito que ao fazer esta comparação, a sitiante leva em conta que ambos são responsáveis pela reprodução familiar do campesinato, a terra como fator de produção e o filho de reprodução. Em segundo lugar, mesmo se a família, alternativamente, conseguisse solucionar o problema da falta de pessoas interessadas em “tocar” o sítio, a venda da terra poderia ser evitada, mas somente enquanto a

mãe permanecer viva, pois “a hora que ela chegar a morrer vai ter que vender”. Dona Madalena já sabe o que irá fazer com o dinheiro da herança, ela pretende comprar uma casa na cidade.

O valor da terra está associado ao valor afetivo agregado a ela e esse valor está associado ao trabalho na terra. Quando morre o último a vivenciar esse valor sua venda torna-se mais possível, pois sem o valor afetivo o que resta será apenas seu valor mercantil. O valor atribuído a terra está associado ao trabalho investido nela, uma terra sem trabalho dificilmente representará o mesmo valor afetivo para o irmão que consegue manter uma unidade produtiva no roçado. Quando a família não tem mais condições materiais para reproduzir esse padrão, a terra vai aos poucos perdendo o valor associado à família que foi criada naquele espaço.

Enquanto a terra é um meio de produção e o valor família, expresso na figura do “pai de família” a herança, ainda que seja igualitária, tende a ser negociada entre os irmãos com a finalidade de manter a unidade produtiva. Com a chegada da represa, a valorização da terra para o loteamento de chácaras de lazer, a morte dos pais, a falta de recursos financeiros para compra de terras, a agricultura perde gradativamente seu valor associado ao nome familiar e a seu peso na manutenção da família, a partir daí as estratégias são outras e a fragmentação excessiva do sítio uma realidade concreta.

“Nós desvalorizamos nossa terra [através da venda] para as pessoas de fora valorizar”. A fala dessa sitiante expressa o sentido que a venda para as pessoas “de fora” representa: a “desvalorização” do patrimônio familiar. Por isso, especificamente neste caso, não considero nem a herança igualitária, nem a venda como sinônimo de desapego a terra, como falta do *afeto da terra*. Mas sim, como condição da descapitalização desses agricultores familiares, da falta de recursos para manter todos os filhos ou pelo menos os interessados como sitiantes.

2.2.3 Sítio como espaço de moradia: saem os jovens, ficam os pais

Embora a terceira divisão de herança ainda não tenha sido concretizada, percebo a relação da estratégia de inserção dos filhos no mercado de trabalho urbano como uma ação proativa da família, já que uma terceira divisão pode tornar o patrimônio significativamente menor em relação ao período anterior e, conseqüentemente sua inviabilidade como meio de produção. No momento atual constatei que a estratégia adotada pelas famílias visa manter o sítio como um espaço de identidade social e moradia, essencialmente para os pais, paralelamente ao encaminhamento dos filhos – todos os filhos em sete famílias do bairro – para a cidade. Para a maior parcela das famílias que vivem no bairro, a agricultura não é o foco principal de renda, mas o é para o trabalho.

Os sitiantes continuam exercendo todas as atividades necessárias para a manutenção de um sítio, mesmo que um sitiante tenha me dito “hoje a gente vive de aposentadoria”, diariamente ele acorda e passa todo o período de seu dia envolvido com as atividades agrícolas. A chegada dos chacareiros pode até mesmo revitalizar a importância da agricultura como fonte de recursos, pois algumas famílias começaram a perceber a demanda de seus produtos pelos novos visitantes. Inclusive, no final da pesquisa de campo um casal estava construindo um espaço para defumar carnes e linguiças, visando esse novo mercado consumidor. O trabalho na terra é importante para dar uma inserção social aos sitiantes, para que eles possam permanecer como agricultores, mas em termos da manutenção social, eles dependem de outras fontes de renda.

Uma estratégia encontrada após a segunda divisão da herança foi a redução da natalidade e o encaminhamento de todos os filhos (por algumas famílias) para estudar na cidade e aprender outras profissões urbanas (professores, secretárias, vendedores). Woortmann (1995) verificou a adoção da primeira estratégia entre os colonos alemães. Ao

contrário das gerações antigas, a redução do número de filhos é encarada como algo positivo, visto a redução da quantidade de terras. A segunda estratégia, não é exclusiva das gerações atuais, a diferença é que se anteriormente alguns filhos eram preparados para a cidade com a finalidade de garantir condições para o sucessor permanecer na terra e conseguir comprar a área dos irmãos que saíram, agora todos os filhos são criados para viver na cidade, ao menos nas famílias que não tem condições de comprar mais terras e a terceira divisão igualitária não permitirá a continuação do patrimônio.

O encaminhamento dos filhos para a cidade acontece simultaneamente ao fato de que os sitiantes não teriam condições de serem competitivos na agricultura dominante local representada pela soja, milho e trigo. Tais culturas, para serem viáveis economicamente exigem grandes áreas, investimentos e produção em larga escala. As famílias não têm condições de seguir esse padrão de competitividade estabelecido. Assim, a agricultura deixa de ser uma fonte de renda importante, mas não deixa de representar um meio identitário para os sitiantes da segunda e terceira gerações que vivem no sítio. O que define o sitiante é o *trabalho na terra* enquanto um valor simbólico.

A agricultura deixa de ser interessante para os jovens por dois motivos principais: o primeiro está relacionado com a diminuição da importância da terra como meio de produção. O segundo motivo diz respeito à valorização de um modo de vida projetado nos valores urbanos.

Com a diminuição do tamanho dos sítios, o envelhecimento da população local, a saída dos jovens e a chegada da aposentadoria, a terra converte-se em um espaço importante de moradia e de manutenção da inserção social do agricultor, pois ainda que ele não obtenha exclusivamente a renda através das atividades agrícolas, morar no sítio e já ter trabalhado nele é que classifica o sitiante perante a comunidade do bairro e de fora dele.

Vários sitiantes mencionam que atualmente na agricultura só dá para “empatar”, isso significa dizer que a renda proveniente desta atividade permite ao sitiante cobrir as despesas de produção e do consumo doméstico. Se no período anterior (primeira e segunda divisão da herança), a tentativa de acumular recursos através da agricultura permitiu ao sucessor a compra da parcela dos irmãos, no período atual essa possibilidade está comprometida por dois fatores: primeiro, a renda obtida com a agricultura permite ao sitiante cobrir as despesas do sítio e da casa; em segundo lugar, a valorização das terras para chácaras aumentou significativamente o preço do alqueire de terra na região. Esses dois fatores tornaram praticamente inviável a ampliação do patrimônio familiar.

A aposentaria e a venda de produtos do sítio para os chacareiros são as principais fontes de renda atual dos sitiantes. O recurso da aposentadoria associado à vida no sítio garante às famílias a sua reprodução. A produção de alimentos para subsistência permite um ganho financeiro ao garantir que determinados produtos não precisam ser comprados. Essa contabilidade é mencionada pelas famílias, “aqui eu tenho de tudo, ovo, leite, verduras, se quiser um porco ou uma galinha tenho, não preciso comprar”. Já a venda de produtos do sítio para os chacareiros e para alguns comerciantes da cidade garante uma renda mensal de até 250,00.

2.2.4 O papel da mulher na herança e na renda familiar

As mulheres são responsáveis pelo tipo de comércio relatado acima, assim como a renda auferida fica sob seu controle. São elas que produzem o queijo e os pães, mas são os homens que recolhem os ovos, tiram o leite e matam o porco para obtenção da banha e fabricação da lingüiça. A posse dessa renda pela mulher está relacionada com a não disposição da terra sob seu controle. Embora a partilha seja igualitária, quando as mulheres herdarem uma área do pai, essa passa direto para as mãos do marido, pois é ele quem irá

trabalhar na terra, ainda mais nos dias de hoje, onde uma única pessoa consegue realizar todas as atividades do sítio. A herança não chega às mãos da mulher, mas constitui um elemento de circulação entre homens, onde a mulher é um elemento de cálculo, de intermediação (Woortmann, 1995).

Tem-se a seguinte situação, apesar da herança igualitária privilegiar a mulher como herdeira e esta receber sua parte na mesma condição que seus irmãos, com exceção do sucessor que recebe a parte da terra onde se encontram todas as benfeitorias construídas, cabe ao marido o controle da produção e da renda auferida com esta atividade. Assim, temos um sistema que privilegia o homem no que diz respeito à posse da terra, essencialmente expresso na figura do marido.

Percebo que a posse da renda dos produtos vendidos no sítio pelas mulheres do bairro Ribeirão Vermelho é uma forma de compensação, já que elas não conseguem aproveitar a terra recebida para converter a produção em dinheiro e garantir uma renda autônoma. O destino do dinheiro obtido pela mulher é direcionado a ela e aos filhos: compra de enxoval, objetos pessoais, roupas, estudo. Já a renda obtida pelo marido é destinada à manutenção da casa e do sítio: pagamento de contas, compra de insumos e sementes, compra de alimentos para casa.

2.2.5 Casamento e herança

Em relação aos casamentos entre sitiantes do Vermelho não foi possível estabelecer nenhuma relação com os arranjos em torno da herança. Não existiam casamentos preferenciais relacionados à manutenção do patrimônio, mas existiam casamentos preferenciais associados a razões étnica, religiosa, e também por considerações acerca dos valores camponeses expresso, principalmente, no valor família (honra e hierarquia). Para honrar o nome da família e respeitar a hierarquia do pai era necessário que tanto o filho, como a filha escolhessem seus pares preferencialmente entre os moradores do bairro Ribeirão Vermelho.

O casamento ideal é o de endogamia territorial e homogamia étnica e religiosa. A grande maioria dos matrimônios do Vermelho foi realizada sob estas condições, principalmente na segunda e terceira gerações, fato que será significativamente alterado a partir da quarta geração. Os “brasileiros” (também chamados de “caboclos”) eram desqualificados como cônjuges de muitas formas. Eles eram considerados pelos imigrantes italianos e seus descendentes como sem tradição do trabalho, sem apego à terra, indivíduos sem raízes, ou seja, pessoas de inferioridade social e étnica. Fora destas normas não há uma regra fixa de casamento, apenas as disposições acima deveriam ser respeitadas. Assim, os casamentos não eram acordados entre os pais, “eles davam certo, dava certo de um gosta do outro”, mas os pais tinham autoridade para não permitir ou ao menos tentar impedir, caso o casamento não fosse desejado. O melhor casamento era o interno e com pessoas da mesma etnia, especificamente a italiana.

O primeiro casamento com pessoas “de fora” foi realizado na década de 40 por um filho de pioneiros e uma “cabocla”. Dona Leontina (esposa) relata as dificuldades enfrentadas durante o período do namoro, o casal sofreu forte resistência das famílias de ambos os lados – os pais dele não aceitavam casamento com uma cabocla, os pais dela não permitiam o namoro com um italiano.

Os casamentos realizados até terceira geração tinham como prática a sogra presentear a nora com enxoval, vestido ou acessório do vestido (véu e grinalda). As despesas da festa eram divididas igualmente entre as duas famílias, sendo algumas delas realizadas pelo costume do “picadinho” (carne moída e pão), principalmente quando a família disponibilizava de poucos recursos para oferecer uma festa mais apropriada. Após o casamento o novo casal

se instalava temporariamente na casa dos pais do marido, até conseguir construir ou comprar uma casa na cidade, com exceção do filho sucessor que permanecia definitivamente na casa e depois na terra dos pais.

As festas eram o principal local do início dos namoros, característica comum de outras comunidades camponesas (Woortmann, 1995; Carneiro, 1998). Também era bastante comum a troca de irmãos e irmãs, mas enquanto em determinadas regiões esta prática estava relacionada com a manutenção do patrimônio (ver Moura, 1978), no Vermelho “dava certo de um irmão gosta da irmã da cunhada”.

A partir da quarta geração, a relação inverte-se e a maioria dos casamentos passa a ser realizado com pessoas “de fora” do bairro, tornam-se exceções os casamentos endogâmicos. Nem mesmo a homogamia étnica consegue se sustentar com o tempo e os casamentos entre os filhos dos sitiantes e pessoas de etnicidade distinta são aceitos. Essa mudança do casamento preferencial para o casamento “sem distinção”³⁵ ocorre essencialmente após a saída dos filhos para estudar/trabalhar na cidade, desde então os pais não conseguem mais ter acesso às amizades que os filhos fazem e muito menos influenciar na escolha do cônjuge.

Considerações

De um modo geral, já foram realizadas duas divisões da herança. A primeira já estabelecida pela morte dos pais; a segunda, já anunciada através da doação com usufruto. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas em decorrência da fragmentação do patrimônio através da herança e da falta de condições para a ampliação do mesmo, observo um modo de vida e de organização centrada na família e na agricultura, ainda que ela não constitua a principal fonte de obtenção de renda atualmente. Neste sentido, o sítio é importante não somente do ponto de vista produtivo, mas também como um espaço de moradia e pelo valor que ele representa para o indivíduo que convive em um espaço construído por ele e sua família, onde as relações de interconhecimento são possibilitadas através da convivência no bairro rural.

Quando a atividade agrícola deixa de ser importante para a manutenção da família, a divisão da terra e sua venda ocorrem com mais frequência porque ela deixa de significar o peso familiar. Associada a isto, temos a falta de recursos financeiros para concretizar a venda entre irmãos. De um lado, a terra apresenta um valor moral associado à família, no caso do sitiante que quer comprá-la, de outro, a terra representa um valor mercantil para o irmão que deseja vendê-la. Neste caso, as duas lógicas operam simultaneamente em uma mesma situação – venda e compra da terra – fato responsável pelo conflito familiar.

Entre a segunda e terceira geração, percebo que a agricultura é representativa não apenas pelo o que ela produz, para estas famílias a agricultura é um elemento importante de inserção social, de manutenção de um tecido social e de um modo de vida. No sítio, estas famílias têm o sentimento de pertencimento a uma localidade, onde são reconhecidas e consideradas como “iguais” entre seus pares. O grau de diferenciação social e econômica entre esses sitiantes é mínima, o que seria completamente diferente se eles morassem na cidade. Eles se relacionam com pessoas e organizações da cidade, mas sua família, sua história de vida, seu trabalho, seu cotidiano e os eventos especiais estão embutidos de significados no contexto da vida em bairro. É no espaço do *Sítio* que se aglutinam e se misturam todos os elementos que dão ao sitiante a sensação de pertencimento à localidade, ao espaço do bairro.

³⁵ Alguns valores ainda prevalecem na aceitação de uma pessoa “de fora” como genro ou nora: “ser um homem trabalhador”, “ser uma mulher companheira e boa dona de casa”, “honrar o nome da família” são valores realçados na escolha do cônjuge.

Já para as famílias destas mesmas gerações que *tiveram que ir*³⁷ ou que *escolheram ir* viver na cidade de Alvorada do Sul ou em outras da região, o bairro não deixou de representar um espaço de sociabilidade, eles retornam constantemente para a participação de festas e eventos religiosos. Sem contar a vinda semanal para o costumeiro almoço de domingo. Tem aqueles que ainda utilizam o sítio como espaço de trabalho. Assim, o bairro mantém uma grande importância para as famílias que não moram mais nele. A participação dessas pessoas nas atividades do bairro fortalece a realização dos festejos lúdico-religiosos (discutidos no próximo capítulo), os quais são fatores importantíssimos para a existência e manutenção de um *bairro rural*.

A propriedade deixa de simbolizar a família na medida em que ela perde seu valor como meio de produção. Este é o caso do irmão que vende sua parcela da herança para um estranho. Como resultado, a preservação da integridade territorial não traduz mais um interesse familiar, as trajetórias individuais passam a serem orientadas por projetos dos indivíduos e não mais por interesses coletivos.

No próximo capítulo descrevo a sociabilidade entre os sitiantes do Ribeirão Vermelho, em quais circunstâncias os moradores se unem para organização de eventos e em quais momentos operam as disputas, ainda que estas sejam dissimuladas. As relações de parentesco, a história em comum, as trocas estabelecidas ampliam o sentimento de pertencimento à localidade e dão sentido à inserção social do agricultor e sua família no modo de vida estruturado no bairro rural.

³⁷ Mais recentemente alguns anciãos, representantes da terceira geração, estão mudando-se para a cidade, devido à saúde debilitada e à recusa em morar no interior da mesma casa com o filho que foi escolhido como sucessor. Para alguns destes, a ida para a cidade é uma imposição gerada pela necessidade de cuidados médicos. Na cidade, eles moram perto de outros filhos, mas nunca na mesma casa. Diferente daqueles para os quais a ida para a cidade foi impulsionada por interesses individuais.

CAPÍTULO III – DIMENSÕES DA VIDA NO SÍTIO: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E DISPUTAS

Neste capítulo procuro demonstrar algumas práticas de sociabilidade entre os sitiantes do bairro Ribeirão Vermelho, seus respectivos contextos e os possíveis significados de tais ações. Pretendo analisar as relações sociais vivenciadas entre os moradores do bairro rural, cujo aspecto central é a convivência de dois modos de vida, um sustentado na agricultura camponesa, o outro vindo da cidade através do loteamento para chácaras no interior do *Sítio*. O primeiro circunscrito aos sitiantes e à história comum de ocupação e colonização do bairro; o segundo, acionado pelos cidadãos interessados no espaço rural, significado como local de lazer e descanso.

Em relação à sociabilidade devemos considerá-la como resultante do processo dinâmico de relações interativas, que por sua vez constitui a base de toda vida em sociedade. A sociabilidade é desenvolvida pela vida social, mas, ela cria uma esfera própria de existência ou estruturas específicas, desprendendo-se dos conteúdos que a engendram.

Sociabilidade também pode ser percebida em um sentido mais amplo, entendida como o "resultado de um processo dinâmico e ininterrupto de múltiplas interações pelas ações dos indivíduos e grupos, envolvidos por intenções e interesses" (Almeida, 1997; 50). Essas interações são produzidas no interior do grupo, bem como nas relações dessas pessoas com grupos situados fora da comunidade, definindo desta forma um modo de vida específico para as pessoas inseridas no grupo.

O capítulo encontra-se estruturado da seguinte maneira: em primeiro lugar discorro sobre os "espaços de convivência" e de "participação", entre eles: a casa, a venda e algumas festas. Esses locais são embutidos de significados e é principalmente neles que consubstancializa-se a sociabilidade entre os sitiantes. Ainda trato de outras duas situações altamente representativas para a compreensão do modo de vida das famílias do bairro. Uma é referente à fofoca, outra diz respeito ao "tempo da política". Nestas circunstâncias opera com muito destaque a sociabilidade agonística de que trata Comerford (2003).

3.1 Espaços de convivência e de participação: a casa, a venda e as festas

No período da pesquisa de campo tive a oportunidade de “conviver” com várias famílias, tanto de sitiantes, como de chacareiros e de “participar” de muitos eventos promovidos no Bairro³⁸. Antes de iniciar a descrição desses momentos, convém ressaltar o sentido da “convivência” e da “participação”, para tanto utilizo a descrição de Carlos Rodrigues Brandão (1995; 155):

Espaços sociais de convivência [são] aqueles em que o motivo fundamental da associação de pessoas é a pura partilha da companhia e a fruição prazerosa das situações que ela cria. Espaços sociais de participação [são] aqueles em que o fundamento da afiliação, imposta ou voluntária, submete a experiência gratuita da convivência à necessidade ou à intenção de produzir bens, serviços ou significados, através de um tipo de trabalho coletivo, cujos efeitos resulta a própria atribuição do sentido do grupo, sua identidade de um **nós**, e a identidade de seus co-participantes,

³⁸ Ou ao menos observar tais espaços, pois eles são espaços restritos aos moradores do bairro, sendo um deles com maior possibilidade de abertura para as pessoas de fora.

igualados por serem dele, desiguais por participarem diferencialmente nele.

A partir destas elucidações, considero os espaços de “convivência” aqueles em que as pessoas sentem vontade de ficarem juntas, motivadas pela experiência gratuita do trato diário. Entretanto, essas situações não são totalmente desprovidas de regras e atitudes esperadas, como será analisado posteriormente. Pode-se imaginar que tais espaços sejam mais receptivos para as pessoas estranhas ao Bairro, como é o meu caso ou o dos “chacreiros”, pois a intenção principal de tal agrupamento é a vontade de estar junto, trocar informação, estabelecer trocas. Já os espaços de “participação”, são considerados aqueles em que as pessoas são submetidas a uma organização e uma hierarquia, são também momentos de prazer, mas pelo fato das pessoas estarem sujeitas a regras mais acentuadas, afinal o que está em jogo é a identidade de um “nós”, são também espaços de maior tensão entre os participantes. Os espaços sociais de “participação” são mais fechados e a inserção de pessoas de fora em seu meio é mais restrita, pois, nesses momentos opera a manutenção e/ou estabelecimento de significados e da identidade dos sitiantes e moradores do Bairro.

Os espaços de “convivência” analisados são os seguintes: a casa, a venda, as festas comemorativas de aniversário e bodas. Para o estudo dos espaços de “participação” foram escolhidas as festas típicas do bairro: os almoços beneficentes realizados na Capela e as festas juninas de São João Batista e Santo Antônio. Convém salientar que os lugares de “participação” também podem ser considerados como de “convivência”, se levarmos em conta seu caráter de associação prazerosa; a maior diferença entre os dois lugares é a acentuação das regras e a estreita ligação que o segundo tem com a identidade do grupo.

São justamente esses espaços e as relações entre os sitiantes que analiso neste capítulo. Além disso, verifico duas situações distintas de sociabilidade entre os sitiantes, mas que se complementam: a fofoca e o “tempo da política”. O foco da análise está concentrado nas relações sociais e no modo de vida dos sitiantes.

O primeiro destes locais é a casa, incluindo as atividades a ela associadas, tais como: participar das refeições, assistir televisão, entabular uma conversa, receber visitas. Os estudos sobre o campesinato, entre eles os de E. Woortmann e K. Woortmann (1997) e Heredia (1979), costumam destacar e distinguir os espaços da casa e do roçado, o primeiro entendido como unidade de consumo e o segundo como unidade de produção. Não posso deixar de considerar que os autores citados estavam preocupados em realizar uma etnografia do processo de trabalho no interior do sítio, diferentemente do estudo em questão, onde estou interessada em analisar a sociabilidade das famílias. Desta forma, a casa, além de ser visualizada como local de reprodução do grupo doméstico, também é percebida como um espaço de reprodução das relações sociais.

Neste estudo em questão, a casa é considerada como espaço de “convivência” dos membros da família e de algumas pessoas de fora nos momentos de visitação, deste modo, não estou preocupada em observar a casa como espaço de consumo, embora saiba que ela apresenta esse aspecto. Quando menciono a casa não me refiro somente a seus cômodos internos, mas também a seu cômodo externo: o quintal, ou, de acordo com os sitiantes o “fora da casa”, mas que a compreende. As casas dos sitiantes apresentam um certo padrão de construção e de decoração.

A dualidade casa / espaço público – mulher / homem (Carneiro, 1998) é extremamente aparente no bairro. A casa é local por excelência da visitação praticada essencialmente por mulheres, já a *venda*³⁹, considerada como um espaço público, é o espaço freqüentado por homens.

Em minhas visitas, o primeiro espaço de contato da casa foi o quintal. A “entrada”

³⁹ Venda é uma categoria nativa que designa um pequeno comércio de bebidas alcoólicas onde os homens encontram-se periodicamente, pode ser comparada a um bar.

sempre era pelos “fundos”, ou seja, pelo quintal em direção a cozinha. Após a passagem pelo quintal, muitas vezes ele mesmo é a cozinha ou ao menos parte dela, somos convidados a entrar, se no convite estiver incluída alguma refeição ou um café, para o lado de dentro da casa. Essa segunda etapa nem sempre acontece na primeira visita, é necessário um pouco mais de contato e confiança. No período da pesquisa de campo, foram raras as vezes que a porta da frente estava aberta, com exceção dos dias de limpeza.

De todos os cômodos, o menos utilizado é a sala. Possivelmente, em outros tempos a sala pudesse ter sido um local de maior utilidade e contato social, pois, conforme os relatos dos sitiantes mais velhos, era na sala que aconteciam as rezas e os namoros, sempre na presença dos pais. Atualmente estas práticas realizadas na sala estão em desuso, agora ela é o espaço de assistir televisão.⁴⁰

A cozinha e o quintal são espaços que recebem maior atenção no primeiro encontro, justamente por ser o local por excelência de recepção. Após um contato mais acentuado com a família, a sala também se torna um espaço de “convivência” para as pessoas de fora, principalmente nos momentos de televisão,⁴¹ ainda assim, sem receber tanta ênfase. O quarto é o último cômodo a ser mostrado (sempre pela mulher e para mulher), pois ele é o espaço mais íntimo da casa e é nele que ficam guardadas as melhores recordações da família, como fotos antigas e presentes recebidos (enxovais, roupas, acessórios). Além disso, de todos os cômodos ele é o mais individual e pessoal. Essa interiorização mais intensa durante o processo de pesquisa, isto é, conhecer toda a casa, aconteceu de fato em três famílias.

A casa, como espaço de “convivência” da família, é o local onde são travadas as conversas referentes ao dia-a-dia da lavoura, do bairro, do município. As “fococas” são atualizadas diariamente, os homens (pais e filhos), em certos casos e casas, são os principais responsáveis por essa tarefa durante um turno do dia, pois costumam ir para a venda a noite e ao retornarem estão cheios de “novidades”, as quais são relatadas durante o café da manhã para as mulheres (mães e filhas). Estas são responsáveis em atualizar os “comentários” no período do dia através das visitas, as quais são re-transmitidas para os homens durante o jantar antes destes irem para a *venda*.

A conversa entre marido, mulher e filhos, como atividade realizada no espaço da casa é algo prazeroso e gratuito, mas não o suficiente para que seus membros se restrinjam a ele, assim, as visitas e a *venda* complementam os espaços de convivência. A visita está para as mulheres, assim como a *venda* para os homens.

As mulheres costumam visitarem-se durante o dia, principalmente as que possuem laços de parentesco ou de afinidade mais intensos. O horário das visitas ocorre, geralmente durante a tarde, momento em que as tarefas da casa já estão cumpridas e sobra um “tempinho” para realizar a visitação. Pode haver ou não motivo para esta ação, mas este também pode ser inventado. O “fermento” das visitas costuma ser “colocar os assuntos em dia”, ou seja, comentar ou ficar sabendo o que foi comentado na venda na noite anterior, além de atualizar as informações durante o dia. Neste caso, a fococa é um elemento importante na vida social dos moradores do bairro, tanto que tal aspecto será tratado em um item específico.

Existem algumas “regras” na visitação ou como realça Comerford (2003; 118): “receber bem é uma arte. Visitar não o é menos”. Primeiro, ela não pode se estender por muito tempo e nem ser muito freqüente, pois isso pode gerar comentários tanto do dono da casa, como de outros moradores, para tanto é importante que ela seja moderada. Segundo, o assunto escolhido é o da ordem do dia, ou seja, sempre é referente ao último acontecimento

⁴⁰ A televisão merece uma nota, pois de acordo com os sitiantes ela é considerada a culpada pela diminuição das conversas e visitas. Possivelmente existe uma relação entre o desuso da sala, como espaço de relações sociais, a chegada da televisão e a transformação deste cômodo em um espaço mais individualizado.

⁴¹ Considero como momentos de televisão o telejornal visto após o almoço e após o jantar e a novela “das oito”; ao menos estabeleci essa periodicidade nas casas em que fiquei ou passei.

mais importante do bairro, os mais freqüentes são: a festa do dia anterior, um falecimento, uma doença, brigas entre as famílias, venda ou compra de bem, deslocamento para a cidade, recebimento de visitas (principalmente se elas forem de fora), também são comentados os ocorridos internos da casa, fato que amplia os temas das conversas, já que a visitante e a visitada “levam” essas novas descobertas para adiante, em outra visita. Ultimamente, os chacareiros também estão incluídos nas “fofocas”. Esse feitiço é muito importante, pois indica que eles estão começando a serem reconhecidos pelos moradores.

A venda, como local de “convivência” também tem um aspecto prazeroso e do encontro gratuito. É ali que os homens, nem todos do bairro, encontram-se durante as noites. Alguns tomam cerveja, outros jogam baralho, mas a maioria sai dali com certas “novidades” sobre os próprios moradores, moradores da cidade ou sobre chacareiros. A venda é o espaço de muitas discussões e brigas, principalmente no “tempo da política”, conforme os moradores relataram é também o local onde ocorrem as brincadeiras⁴².

Geralmente, a brincadeira ocorre entre homens, sendo que alguns deles estão mais propensos a receber provocações. Radcliffe-Brown (1973), numa comunidade da África, identificou o cunhado, por parte da esposa, como alvo principal, enquanto Comerford (op cit.) associou os homens jovens ou adolescentes, homens adultos solteiros ou alguém do grupo marcado por algum aspecto considerado negativo, como, por exemplo, ser “pão-duro”. Há aí uma aproximação com os “escolhidos” do bairro Vermelho, entre eles temos: os “solteirões” e os homens que apresentam alguma peculiaridade considerada ruim pelo grupo, como os que bebem demais, os que são considerados “loroteiros” e os “briguentos”.

Numa situação presenciada enquanto estava na venda, um homem apontado como “esquentadinho” foi provocado até ir embora. Ele vive na cidade e freqüenta o bairro durante o dia e, por apresentar este hábito outros homens começaram, pejorativamente, a chamá-lo de *pardal* – pássaro que fica durante o dia no campo e a noite retorna para a cidade – na tentativa de contornar a situação ele respondia às brincadeiras (ou pelo menos tentava). Entretanto, sozinho, não agüentou levar a série de jogadas adiante, pois o grupo de cinco homens o provocou de maneira assimétrica.⁴³

A brincadeira é uma combinação de amistosidade com antagonismo e uma relação de parentesco e amizade marcada pelo desrespeito aparentemente consentido. “Parentesco por brincadeira é uma relação entre duas pessoas [ou mais], na qual uma é, por costume lícito, e, em alguns casos, obrigatório, levada a importunar ou zombar de outra que, por sua vez, não pode ficar aborrecida” (Radcliffe-Brown, 1973; 115). Percebemos na situação acima que o provocado sentiu-se aborrecido, afinal ele foi embora do lugar onde estava. Mas, acima do aborrecimento existe uma grande tolerância motivada pela relação de parentesco e amizade, expressa na atitude deste homem voltar para o bairro no dia seguinte, demonstrar que não estava chateado (ou que pelo menos superou o ocorrido) e disposto a novas brincadeiras.

Na venda existem certas regras de “convivência” como, por exemplo: “saber brincar”, não brigar fisicamente, já que as discussões podem ocorrer entre os moradores, principalmente, quando tratam-se de questões referentes às eleições municipais, não beber em excesso. A venda é o local de encontro dos homens, mas algumas mulheres costumam freqüentá-la, essas ficam somente do lado de fora e na maioria das vezes são parentes do dono. No período da pesquisa de campo não cheguei ver os chacareiros freqüentando o bar, a

⁴² Segundo Comerford (1999) “brincadeira é uma forma de sociabilidade cotidiana, prazerosa, não-séria, supostamente igualitária (mas na prática, não tanto), atravessando a esfera do lazer e do trabalho, que guarda uma relação especial com a amizade”. Trata-se de uma interação caracterizada por provocações e respostas a estas provocações (p. 84).

⁴³ Para Radcliffe-Brown (1973) existem duas variedades principais de brincadeira, uma quando ela é simétrica, neste caso cada uma das pessoas importuna e zomba da outra, e a assimétrica, quando uma pessoa se diverte às custas da outra ou quando o provocado retribui apenas parte da zombaria. No caso exposto acima, a desvantagem numérica do provocado não permitiu que ele retribuísse integralmente às provocações.

não ser para comprar alguma bebida, embora eles fossem alvo das fofocas ali comentadas.

A foto na seqüência ilustra a venda e seu proprietário, é interessante observar a quantidade de troféus dispostos em sua parede. A venda, além de ser o local mais público do bairro, também foi motivo de disputa durante as rivalidades que ocorreram entre as décadas de 1950 a 70, as quais serão relatadas posteriormente. Em função das divisões do time - Vermelhão x Vermelhinho – a venda também teve que ser separada. Na verdade quem se dividiu foram seus freqüentadores.

A venda de Seo Waldemar passou a ser freqüentada somente pelo time do Vermelhinho e seus apoiadores. Os rivais então construíram na área do sítio de um de seus representantes outra venda, naquela época chamada de *armazém*,⁴⁴ destinada exclusivamente ao time do Vermelhão e a seus membros. Com o fim dos times, a aproximação entre as famílias, a chegada da Represa e a saída dos moradores do bairro e, principalmente dos colonos da Fazenda Lima, durante a década de 70, uma das vendas fechou. A queda da clientela foi o motivo econômico; o fim do time, o sentido simbólico. A venda que manteve-se até os dias atuais foi a do Seo Waldemar, hoje sem nenhuma associação às rivalidades daquela época entre os moradores: as taças expostas pertencem aos dos dois times.



Foto 6 – Venda do bairro Ribeirão Vermelho. Detalhe para os troféus adquiridos pelos antigos times de futebol Vermelhão e Vermelhinho, os enfeites do período da Copa de 2006 e Seo Waldemar, dono da venda e morador do bairro. A venda foi construída em 1952.

O terceiro espaço de “convivência” é os das festas comemorativas, tais como aniversários, casamentos, bodas de casamento e reuniões familiares para o preparo de alimentos. Tive a oportunidade de participar de dois aniversários, uma “bodas de prata” (25 anos de casamento) e de três ocasiões de preparo de comidas: uma de bolacha no forno à lenha, uma de melado no tacho e outra de matança de um porco e fabricação de lingüiça. Tais espaços são descontraídos e muito divertidos, embora marcados por determinadas regras, assim como os outros, essencialmente nos casamentos, aniversários e bodas: não convém beber muito, é importante controlar o teor da fofoca nestas ocasiões e sempre contribuir no preparativo da festa.

A maioria destas festas é realizada sob a prática do “junta panela”.⁴⁵ Para tais

⁴⁴ A principal diferença entre *venda* e *armazém* consiste nos produtos que são vendidos. Alimentos e bebidas: *armazém*; somente bebidas: *venda*.

⁴⁵ “Juntar panela” é o nome dado pelos moradores do bairro para as festas em que cada família leva um prato de doce ou de salgado. Participei de duas festas deste tipo. As mulheres procuram saber o prato que cada uma levou e constantemente olham para seu próprio prato para ver se já está vazio. Isso representa que sua comida foi

eventos, nem todos os moradores são convidados, somente os mais ligados à família. Em determinadas ocasiões alguns chacareiros também foram convidados, pois estes já haviam adquirido a confiança das famílias do Bairro.

Os espaços e atividades de “participação” são responsáveis por manter/estabelecer uma identidade “nós”, ou seja, uma identidade dos sitiantes e moradores do bairro. Tais eventos costumam serem mais restritos para as pessoas “de fora” e também são momentos de maior tensão, pois os participantes estão sujeitos a regras mais acentuadas do que nas situações de “convivência”. Eles compreendem a festa beneficente em prol da capela do bairro, a festa junina e os eventos da igreja, como novenas e terços.

As festas para arrecadar fundos para a capela são organizadas pelos moradores do bairro há aproximadamente 25 anos. São duas por ano sempre nos períodos de fim das safras de verão e de inverno (maio e setembro, respectivamente), pois são nestas datas que os moradores têm mais tempo para os preparativos, além de marcar o calendário agrícola. Cerca de 30 pessoas ajudam a organizar o evento e próximo de 500 pessoas participam do almoço. Os sitiantes realizam todas as atividades para o almoço, desde a compra dos alimentos até a venda dos convites. Um mês antes da festa, os ingressos já começam a serem vendidos em Alvorada e nas cidades vizinhas, como Porecatu, Centenário e Londrina.

É justamente na organização do almoço que as regras de participação tornam-se mais intensas, visto que é no dia do almoço que se concretiza a identidade dos moradores do bairro perante as pessoas de fora que o denominam de “almoço do Vermelho”. Portanto, é necessário que tudo ocorra perfeitamente, já que o almoço é reconhecido na cidade e na região. As tarefas são divididas entre os homens e as mulheres, os primeiros cuidam das carnes e da bebida e o segundo grupo dos alimentos como arroz, macarronada, saladas e maionese. A organização do barracão no arranjo das mesas fica por conta de ambos. Mesmo quem ajuda nos preparativos tem que comprar convite, fato acentuado pelos próprios moradores. Essa regra impossibilita que as pessoas venham ajudar por interesses pessoais, mas sim pelo benefício coletivo, ou seja, a manutenção da capela e o reconhecimento das pessoas de fora. No último almoço também ajudei nos preparativos da festa para que pudesse melhor apreender sua organização. Um casal de chacareiros que atualmente mora no bairro em uma das chácaras também foi convidado para ajudar, isto demonstra a inclusão dos novos moradores pelos sitiantes.

Entre os momentos de “participação”, outro evento que caracteriza a identidade dos moradores do bairro são as festas juninas de Santo Antônio e São João Batista (padroeiro do Bairro), pois ambas são realizadas desde os primeiros moradores. A festa de Santo Antônio é organizada pela família Nóbrega, descendentes de portugueses, José Maria de Nóbrega chegou ao Bairro por volta de 1941, nesta época o bairro já estava colonizado pelos antigos colonos e descendentes de italianos.

Devoto do Santo português e muito festeiro, José Maria realizava a festa anualmente em seu sítio. Porém, seu filho, Domingos de Nóbrega, embora devoto de Santo Antônio, era “pouco dado às festas” e não seguiu a tradição, assim a festa ficou 49 anos sem ser realizada. Nos últimos três anos o neto, Sidnei José de Nóbrega, em memória do avô e também do pai retomou a tradição. Todos os sitiantes são convidados e no esquema do “junta panela” cada um leva seu prato. O organizador da festa fornece quentão, milho cozido, pipoca e canjica. A tradição rege que o mastro do Santo seja erguido e em sua base seja enterrada uma garrafa de cachaça para o ano seguinte e desenterrada a do ano anterior. A garrafa desenterrada é servida

aprovada; levar o prato de volta para casa com comida é motivo de reparo. Como fui avisada de antemão que o salgado era preferível ao doce, preferi não arriscar.

Outra situação semelhante é o “picadinho”, neste caso, da qual também participei, as famílias se juntam para realizar uma festa e cada uma fica responsável em levar molho de carne moída para servir com pão. São duas formas alternativas e baratas de conseguir organizar uma festa e comemorar datas especiais.

aos participantes, cada qual toma seu gole e faz um pedido, atribuí-se ao líquido um aspecto milagroso. As mulheres solteiras são as que mais se interessam pelo Santo casamenteiro e pela cachaça, já que existe a promessa milagrosa de um bom enlace.

Antes de subir e enterrar o mastro é rezado um terço em frente ao altar com a imagem de Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida. A cada mistério do rosário é cantada uma glória e são estourados rojões. Este é um dos momentos mais emocionantes da festa. No final todos seguem em direção ao mastro cantando o Glória e estourando os fogos. Terminado o momento religioso da festa, segue o profano (Leach, 1974).⁴⁶ Chegou a hora de comer e beber a cachaça. Músicas antigas de festa junina e sertanejas mais recentes dão o ritmo das danças. De acordo com Brandão (1989) as festas excedem à lógica do cotidiano. Por isso, estes eventos são momentos importantes para analisarmos a sociabilidade entre os sitiantes do Vermelho. As fotos abaixo ilustram o altar e o momento em que a garrafa de cachaça é desenterrada para ser servida aos convidados, na seqüência uma nova garrafa é enterrada em seu lugar.



Foto 7 – Momento de desenterrar a garrafa de cachaça para ser servida aos convidados. Na ocasião o mastro (canto direito) foi retirado com a ajuda dos homens. Após ser enterrada uma nova garrafa e ser rezado o terço, o mastro é reerguido novamente.

⁴⁶ Leach (1974; 207), seguindo a teoria durkheimiana, realiza uma separação dos festivais entre o sagrado e o profano. Quatro fases distintas operam esse sistema: a primeira é o “rito de sacralização”, no qual a pessoa moral é transferida do mundo secular-profano para o sagrado; a fase seguinte, denominada “estado marginal” a pessoa permanece numa condição sagrada; na terceira, o “rito de dessacralização” traz a pessoa de volta do mundo sagrado para o tempo profano; e, na última, ocorre a permanência na vida secular normal.



Foto 8 – Altar de Santo Antônio preparado para a celebração da festa junina. O Santo Antônio pertencia ao avô do oferecedor da festa e a Nossa Senhora Aparecida (canto esquerdo) à avó. O Santo veio de Portugal junto com a família, ele pesa mais de 60 kg, são necessários dois homens para carregá-lo. Nossa Senhora Aparecida é uma santa muito cultuada no interior do estado de São Paulo e no Norte do Paraná. Além de ser devoto do Santo e este ser um dos motivos da festa junina, o oferecimento da festa pela família Nóbrega representa uma maneira desta família de origem portuguesa, diferente das outras famílias do bairro de origem italiana, se inserirem no bairro, uma forma de se colocarem como parte da comunidade.

3.2 “Em casamento e velório é todo mundo junto, no tempo da política é cada um pro seu lado”

Ouvi esta frase mais de uma vez durante o período da pesquisa de campo. Entender seu significado tornou-se um dos objetivos. Isso explica o interesse em investigar e apresentar o que apreendi destes momentos de sociabilidade. Entre as festas e a política, optei em incluir uma ação recorrente entre os moradores, trata-se da fofoca. No espaço da festa, ou seja, do “casamento e velório” opera a lógica da solidariedade entre os moradores do bairro, é o momento da união. No “tempo da política”, a união cede lugar a um rompimento temporário das relações de amizade e, até mesmo de parentesco. No meio disso tudo está a fofoca para provar que no tempo da festa também existem disputas, embora menos acentuadas.

3.2.1 “Tudo é motivo de festa”

De acordo com Antonio Candido (1975; 81) a estrutura fundamental da sociabilidade caipira consiste no “agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de pertencimento à localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas”. O autor apresenta um conceito de bairro sob dois aspectos, o primeiro é econômico (trabalho coletivo) e o segundo, religioso. Pela primeira

conceituação; “um bairro, poderia, deste ângulo, definir-se como o agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua” (Candido, 1975: 67). Pelo aspecto religioso, o bairro pode ser caracterizado “como o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos locais” (op cit.: 71). As duas definições apresentam em comum a “participação dos moradores”, tanto pelo trabalho coletivo, como nas festas religiosas.

Considerando a descrição de Candido, estou interessada em analisar as festas como um elemento formador do bairro rural e da sociabilidade dos sitiantes. No período da pesquisa de campo, fiquei impressionada com a quantidade de festas promovidas no bairro, além dos seus motivos e sua organização: almoço do mês de maio e setembro, festas juninas de Santo Antônio e São João, bodas, aniversários, festa do motorista, festa da padroeira, casamentos e mais outras festas. Festas para todo município, para o bairro ou somente para algumas famílias participarem. Em prol de alguém (doença ou casamento apressado)⁴⁷, de uma causa (APAE, creche, igreja) ou de um “motivo inventado”. Aparentemente, “tudo é motivo de festa” e a maioria está relacionada a temas religiosos ou datas especiais. Mas, nesse espaço de sociabilidade tão intensa nem tudo são flores. Neste caso também são vividas disputas não assumidas pelas famílias participantes. “Saber se comportar”, no caso das mulheres; “saber brincar”, no caso dos homens; na situação de “juntar panela”, ter sua comida apreciada; ajudar nos preparativos da festa. São alguns exemplos de disputas, onde o que está em jogo é o respeito, a tolerância, a aptidão e a participação.

O espaço da festa é caracterizado por alguns conflitos ocorridos entre as famílias. As disputas entre os sitiantes acentuam-se nos dias que antecedem a festa e mais ainda no momento da festa. Um exemplo é caso das mulheres durante a realização das atividades na cozinha. Cada uma tem seu método próprio de cozinhar e picar os alimentos utilizados no preparo das refeições e cada uma considera seu método mais eficiente que o da outra. Neste caso, o que está em jogo é a disputa pelo reconhecimento perante o grupo. Se alguma opina e propõe a outra um jeito diferente de cozinhar, a mulher que recebe a sugestão, imediatamente sente-se afrontada. Já teve situação da pessoa sentir-se tão ofendida a ponto de largar tudo e ir embora.

As festas são importantes eventos para entendermos as relações entre as famílias, pois elas acentuam alguns aspectos essenciais e críticos da realidade. Conforme Peirano (2002), os rituais e eventos extraordinários não são distintos do cotidiano e sim complementares. Os eventos são uma forma intensificada e dramatizada do usual. Peirano apresenta a seguinte descrição do que ela compreende por rituais:

Entendemos que rituais são tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já são recortados em termos nativos. Em outras palavras, tanto eventos ordinários, quanto eventos críticos e rituais partilham de uma natureza similar, mas os últimos são estáveis, há uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimentos cujo propósito é coletivo, e uma percepção de que eles são diferentes. Eventos em geral são por princípio mais vulneráveis ao acaso e ao imponderável, mas não totalmente desprovidos de estrutura e propósito (op cit.; 8).

Entretanto, conforme a mesma autora assinala, é importante considerar que não cabe ao pesquisador definir *a priori* o que são eventos/rituais, mas ter a sensibilidade de perceber o

⁴⁷ O casamento apressado está relacionado com a descoberta de uma gravidez no período de namoro. Caso isso aconteça, as famílias se unem para formalizar a relação a fim de evitar maiores constrangimentos perante a comunidade e a religião. Esta é uma situação atípica no bairro, mas há relatos de ocorrência.

que é reconhecido pelos nativos como tais, entre os diversos tipos de atividade social. Ainda assim, para Tambiah (citado por Peirano, op cit.), os eventos classificados como extraordinários pelos antropólogos possuem três aspectos comuns: 1) existe uma ordenação que os estrutura; 2) os nativos dão a ele um sentido de realização coletiva com propósito definido; 3) há uma percepção de que eles são diferentes dos eventos do cotidiano.

Outros dois autores que podem auxiliar na compreensão dos momentos festivos são Brandão (1989) e Leach (1974). De acordo com o primeiro autor, a festa não rompe, mas ela excede à lógica da rotina. Desta forma, ela força as pessoas ao “breve ofício da transgressão”. Assim, os eventos ordinários estão presentes nos eventos extraordinários, um compreende o outro, embora tenham significados distintos.

Para Brandão, por diversos motivos interrompemos a seqüência do dia-a-dia e demarcamos os momentos de festejar. A festa é uma *fala*, uma *mensagem* e uma *memória*. Desta forma, comemoramos aquilo que deve ser resgatado, posto em evidência e celebrado. “A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto” (Brandão, 1989; 17).

Para Leach (1974), em seu ensaio intitulado *O tempo e os narizes falsos*, a principal característica das celebrações festivas é *ordenar o tempo*. Entre os intervalos dos *ritos de passagem* (nascimento, casamento, morte, etc) e dos festivais (ano novo, carnaval, etc) são estabelecidos períodos que tem um nome, como por exemplo, “semana”, “semestre”, “ano”. Nestas ocasiões as pessoas vestem-se com roupas diferenciadas do dia-a-dia, comem comidas especiais ou ficam em jejum, dependendo da ocasião comportam-se de maneira comedida e solene ou condescendem em abusos.

Mas, o mais importante para o autor é que sem esses festivais toda ordem sairia da vida social, pois tais intervalos não existiriam. Deste modo, “falamos na medida do tempo, como se o tempo fosse uma coisa concreta à espera de ser medida; mas de fato nós criamos o tempo através da criação de intervalos na vida social” (Leach, op cit.; 207).

Sua análise baseia-se em Durkheim, pois vemos no ensaio *As formas elementares da vida religiosa* uma premissa semelhante sobre o conceito de tempo que é a seguinte: “as divisões em dias, semanas, meses, ano, etc., correspondem à periodicidade dos ritos, das festas, das cerimônias públicas. Um calendário exprime o ritmo da atividade coletiva ao mesmo tempo em que tem por função assegurar sua regularidade” (1983; 212). E ainda:

Não pode haver sociedade que não sinta necessidade de conservar e de reforçar, em intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade. Daí cerimônias que, por seu objeto, pelos resultados que produzem, pelos procedimentos que nelas são empregados, não diferem em natureza das cerimônias propriamente religiosas (op cit.; 230).

O Almoço do Vermelho, umas das festas do bairro, está relacionado ao calendário agrícola. Ele ocorre duas vezes por ano entre o período do término da colheita e antes do novo plantio, geralmente nos meses de maio e setembro. As festas são importantes não somente porque marcam o tempo, conforme aponta Leach, mas pelo seu significado, mesmo no período atual em que a agricultura não tem o mesmo sentido no que diz respeito à renda ou após a diminuição dos moradores do bairro, ela continua acontecendo. Isso demonstra a vitalidade social do bairro e de seus moradores, no sentido da preservação e manutenção de um modo de vida sustentado na agricultura camponesa e da convivência em um bairro rural.

As festas representam um momento de encontro entre as famílias de sítiantes, antigos moradores e parentes que vivem em outras cidades. Ela é um espaço de trocas e de brincadeiras e representa uma possibilidade de reunião das pessoas e de reforçar os laços de

parentesco.

Assim, com a finalidade de apreender um pouco mais da sociabilidade dos sitiantes e de seu modo de vida, selecionei três festas para descrever as ações dos moradores e suas narrativas sobre tais eventos. A primeira é a festa realizada semestralmente no barracão da capela; a segunda é a festa junina de São João, padroeiro do bairro; e, finalmente uma bodas de 25 anos de casamento.

“Almoço no Vermelho”

Duas vezes por ano, as famílias organizam um almoço realizado aos domingos, entre os períodos da colheita e plantio das safras de verão e inverno (maio e setembro). De acordo com os sitiantes tem um motivo para a escolha dessas datas: por ser o período de fim de safra, os moradores têm mais tempo para organizar a festa. No almoço participam cerca de 500 pessoas vindas de cidades da região, entre elas: a própria Alvorada do Sul, Porecatu, Florestópolis, Londrina, Rolândia e Bela Vista do Paraíso, além dos sitiantes e chacareiros do bairro. A festa é realizada no barracão da Capela São João Batista, localizada no próprio bairro e em prol dela.

Os preparativos começam com um mês de antecedência, através da confecção e venda dos convites, compra dos alimentos e bebidas e divulgação. Mas é no dia anterior da festa e no domingo que o trabalho se intensifica. Os homens são responsáveis pelo preparo do churrasco, do porco no tacho e do torresmo, além de cuidar do caixa e do bar. As mulheres ficam na cozinha e respondem pelo preparo do arroz temperado, macarrão, salada e maionese. No domingo, a maioria se prepara para o ápice da festa: quando é servida a refeição para os convidados, de mesa em mesa os sitiantes passam servindo todos os alimentos produzidos. Aproximadamente 30 pessoas trabalham na festa, entre elas, os próprios moradores (a maioria), parentes que se mudaram para a cidade e alguns amigos. O trabalho só termina no dia seguinte, quando as mulheres se juntam para lavar o barracão.

A festa dura o dia todo e é extremamente organizada, pois os sitiantes preocupam-se em manter a tradição do “almoço do Vermelho” realizado há aproximadamente 25 anos. A fartura de comida é tanta que algumas pessoas aproveitam para jantar. Depois da refeição, costuma ser formada uma roda de viola, uma roda de truco, uma roda de conversa e muita louça para lavar. Os primeiros almoços foram realizados debaixo de pés de eucaliptos, pois ainda não existia o barracão, o qual foi construído com o dinheiro arrecadado nas festas. Com o dinheiro os moradores também conseguiram comprar todos os utensílios da cozinha, além da manutenção da Capela.

Enquanto os mais novos trabalham, os anciãos do bairro sentam-se juntos, as mulheres em uma mesa e os homens em outra. Na maioria das vezes, este é o único momento de encontrarem-se durante o ano, pois alguns costumam sair pouco de casa devido à saúde debilitada. É também o momento de encontrar antigos moradores e parentes. A foto a seguir ilustra o encontro das anciãs e pioneiras do bairro.



Foto 9 – Encontro de algumas pioneiras durante o Almoço do Vermelho.

A organização da festa é motivo de orgulho para os sitiantes, existe uma grande expectativa sobre os comentários dos participantes, principalmente no que se refere à comida. Afinal, “pensa que é fácil organizar refeição para 500 pessoas”. Além de ser saborosa é importante que a refeição seja o suficiente para todos comerem o quanto quiserem e ainda poder sobrar. Para tanto são necessários 30 kg de arroz, 24 kg de macarrão, 80 kg, de carne de boi, 130 kg de porco, 66 kg de batata para a maionese, fora as saladas. A entrevista abaixo nos fornece uma descrição do que representa organizar o almoço para os sitiantes.

- Marina: Como que eu vou falar, como que eu vou dizer da organização nossa, assim vamo fazer um almoço pra capela aí todo mundo se ajunta. Assim é uma coisa legal que todo mundo trabalha, todo mundo paga e ninguém reclama. Porque se você não vai cobrar de alguém, você vai dizer “ah você trabalhou bastante eu não vou cobrar”, então o outro vai falar “eu também ajudei”. Então todo mundo pagando não tem o que reclamar. Só que dá trabalho né, você tem que ir atrás de fazer ingresso, você vai vender os convites, vai fazer compra, vai atrás de outra coisa.

- Dona Judith: Agora as mulheres do Vermelho são fera pra trabalhar, eu falo que o único lugar é aqui né, que as mulheres são unida, eu acho que na cidade não é assim.

- Marina: Você vê né, o pessoal de Porecatu agora tá querendo que a gente vai lá fazer um almoço, porque lá não tem organização. Eles fizeram o almoço da padroeira lá no ano passado, vendeu não sei quantos convites, quando chegou na hora não tinha comida. Daí não tem organização, porque você vai vender o convite na certeza né.

- Dona Madalena: Você vê que nós sempre faz comida a mais.

- Marina: Nós sempre tem de sobra né tia.

- Dona Madalena: Que nem domingo você ficou a tarde toda aí tinha janta né.

- Marina: Ainda nesse almoço não sobrou muito. Sempre faz 100 Kg de carne de boi, agora eu comprei só 80, eu achei que ia vender pouco convite. Mas tem vez que sobra carne e eles ficam até 10:00 hs da noite.

- Dona Madalena: Aí o povo vai comendo a carne que sobrou e bebendo cerveja. (Marina Pilvezana Búfalo, 45; Judith Moretto Vertuan, 84; Madalena Búfalo Martin, 59, sitiantes).

Esse almoço é um dos responsáveis pela identidade do grupo perante as pessoas de fora e um sinal disso é o empenho que as famílias fazem para que tudo ocorra bem. Conforme a entrevistada, o “pessoal de Porecatu”, numa prova de reconhecimento da organização dos moradores, convidaram os sitiantes do Vermelho para organizar um almoço. Além do mais, a

grande quantidade de pessoas, a cada ano maior, que freqüentam o “almoço do Vermelho” é um indicador do significado que ele tem, não somente para Alvorada do Sul, mas para os municípios da região. As próximas fotos demonstram alguns momentos da preparação da refeição pelos moradores.



Foto 10 – Preparo dos alimentos pelos homens, responsáveis pelo porco no tacho, torresmo e churrasco.



Foto 11 – Preparo dos alimentos pelas mulheres, responsáveis pelo arroz temperado, macarronada, maionese e salada. Através das fotos podemos visualizar uma segmentação entre as atividades dos homens e das mulheres: eles do lado de fora e elas do lado de dentro da cozinha.

Percebi a festa como um importante indicador da identidade dos sitiantes no dia em que uma emissora local foi até o bairro para registrá-la. Por um convite meu e após a apresentação de um *press release*, a imprensa realizou uma cobertura do evento denominando-o de “festa de italiano”. Neste dia em questão, observei um esforço dos moradores em serem reconhecidos como italianos. Até então, essa tentativa ficava por conta dos mais velhos que sempre me perguntavam se eu era “brasileira”.⁴⁸ Entretanto, no dia da reportagem esse esforço generalizou-se, algumas pessoas acentuavam o sotaque e mencionavam palavras em italiano diante da câmera. A festa é um espaço para que os sitiantes possam projetar a imagem que gostariam de si próprios, sendo que a identidade italiana é uma delas.

O “almoço do Vermelho” é marcado por um momento de tensão vivido entre os moradores no que se refere à sociabilidade. A preocupação não é só com as pessoas “de fora”, mas entre os próprios moradores. Os comentários, ou ainda, as fofocas acentuam-se nesse período. Mas, ainda assim, prevalece o sentido de organização e solidariedade nos preparativos.

Festa de São João Batista

A festa junina de São João Batista, padroeiro do bairro Vermelho, acontece todos os anos desde a chegada dos primeiros moradores. Antes de ser construída a capela, a festa era realizada na casa de um morador local, devoto do santo. Na última festa, a missa foi celebrada por um diácono chacareiro, o qual foi convidado pelos próprios moradores. A celebração seguiu o costume da igreja católica, mas, no final, os moradores, para a surpresa do diácono e minha também, se reuniram em frente ao altar para cantar uma Ave-Maria, foi um fato muito comovente. A música era cantada em refrãos alternados entre os homens e as mulheres, de acordo com os moradores essa é uma tradição antiga do bairro, mas que pode vir a desaparecer, pois somente as pessoas mais velhas sabem o hino. Mais uma vez, lembrando Leach (1974), após o sagrado segue o profano: “agora que nós rezamos, vamos festar”. Terminada a celebração, sob muitos fogos de artifícios, as pessoas se dirigem para as mesas, no esquema do “junta panela”, cada um com seu prato de doce ou salgado. A capela oferece o quentão, milho, pipoca, canjica e chocolate⁴⁹. Para finalizar a festa os sitiantes organizam uma quadrilha, da qual fui convidada a participar. Alguns dançam fantasiados de “caipira”, outros ficam do jeito que estão. Encerrada a dança, chega a hora do baile, que tanto toca modas antigas, quanto as mais modernas.

Bodas de prata

Recebi o convite para participar de uma bodas de prata de um casal do bairro. A instrução era que a festa ia ser sob a base do “picadinho”,⁵⁰ ou seja, cada um seria responsável em levar um pouco de molho de carne moída, o qual seria servido com pão, oferecido pelos donos da festa. Esse costume também é antigo no bairro, conforme foi dito anteriormente, trata-se de uma maneira alternativa da festa poder ser comemorada sem ter que gastar muito com isso, pois não basta somente a celebração religiosa, mas também é necessário o momento

⁴⁸ Categoria utilizada pelos pioneiros para denominarem os “cablocos” ou a pessoa sem descendência de imigrante, uma maneira de se diferenciarem. Eram designados como cablocos ou brasileiros as pessoas de origem mineira ou paulista.

⁴⁹ Bebida típica das festas do bairro, trata-se de um preparado de água e achocolatado.

⁵⁰ O picadinho recebe outros apelidos dados pelos próprios sitiantes. Um é “boi ralado”, outro é “corcundinha”, devido à posição que as pessoas ficam para comer, a fim de evitar derrubar molho na roupa é necessário inclinar o corpo para frente, como um corcunda.

festivo para o evento ser completo (sagrado-profano). Muitos casamentos, principalmente os sem recursos e os “apressados”, foram realizados no Vermelho com o sistema do “picadinho”. Isto possibilitava à família da noiva oferecer festa aos convidados.

Antes da festa, foi realizada a missa na igreja da cidade pelo padre responsável do município. Como de costume, o padre benzeu as alianças que foram utilizadas pelo casal durante 25 anos. Concluída a celebração, os convidados foram para o clube municipal: chegou a hora de misturar os molhos e servir o “picadinho”. Na foto a seguir, temos a imagem do preparo dos pães para ser servido com o “picadinho” já misturado num grande tacho.



Foto 12 – Preparo dos pães para serem servidos com o “picadinho”. Os parentes contribuem de diversas maneiras: levam o picadinho, misturam os molhos e servem os pães.

É tradição no Vermelho os moradores comemorem datas especiais como bodas, aniversários, missa de aniversário de falecimento acompanhada de um grande almoço ou simplesmente “inventar algum motivo” para comemorar, afinal: “tudo é motivo para festa”. As festas dão sentido ao bairro e representa um elemento da estrutura fundamental da sociabilidade (Candido, 1975). Além do mais, ela organiza a vida social através da estipulação de intervalos de tempo para a realização dos eventos extraordinários, conforme demonstrado anteriormente (Brandão, 1989; Leach, 1974 e Durkheim, 1983). Neste sentido, a festa é necessária, é um momento de intensa sociabilidade e de deslocamento do cotidiano.

As festas marcam o tempo na medida em que acentuam os eventos especiais dos eventos ordinários, além disso, ela intensifica a sociabilidade entre os moradores. Outra característica da festa é reforçar os laços de parentescos entre as famílias e isto está relacionado com a dimensão da festa. No Almoço do Vermelho, evento que abrange todo o bairro, fica claro uma relação em que “todo mundo é parente”, até mesmo para quem já morou no bairro e vem especialmente para o evento são incluídos nesta definição. Para quem frequenta a festa e não conhece a dinâmica interna da organização do parentesco, sai do bairro com a impressão de que ali realmente vive somente uma grande família, e de fato este é um dos sentidos que o Almoço do Vermelho tem para os situantes. Já a festa de bodas, também reforça laços de parentesco, mas numa dimensão menor, pois o sentido da família se restringe à consangüinidade e afinidade, somente os parentes mais próximos participam.

3.2.2 Fofoca: “falo da vida dos outros porque sei que falam da minha”

Durante a pesquisa de campo, a fofoca e os alertas que os sitiantes faziam sobre o perigo dela e como eram afetados por certas “calúnias”, chamaram a atenção para a importância e o significado que ela assume entre os moradores. Assim, cabe destacar como a fofoca se faz presente no bairro, pois, todos os espaços, sejam de “convivência” ou de “participação” são embutidos de fofocas e comentários.

São nos espaços da venda e da casa que os comentários atualizam-se, é destes locais que saem as notícias mais “frescas do momento” ou as velhas renovam-se. Através destes espaços e da circulação das fofocas entre eles, foi possível estabelecer uma configuração do ciclo da fofoca. Existem duas possibilidades dela ocorrer; quando ela é “de dentro” do bairro e quando ela vem “de fora”. No primeiro caso, os assuntos são provenientes das próprias famílias e dizem respeito aos moradores do bairro, das visitas recebidas por eles e dos chacareiros. Quando a fofoca é “de fora” ela faz menção aos parentes de outros lugares, aos moradores da cidade e as suas “personalidades” consideradas importantes, como, por exemplo, o prefeito, vereadores ou dono de algum comércio.

A fofoca “de dentro” circula em dois espaços, a venda e a casa, da seguinte maneira: durante a noite os homens (pais e filhos mais velhos) vão para a venda, neste local surgem novos temas ou novos desfechos para histórias antigas. No período do café da manhã a conversa é repassada para as mulheres (mães e filhas). Durante o dia, através das visitas as mulheres repassam as informações para outras mulheres do bairro, nesta ocasião podem surgir novos comentários ou informações complementares para as já existentes. No jantar, as mulheres transmitem o assunto do dia para os homens, os quais retornam para a venda durante a noite. A fofoca “de fora” acontece de duas formas: quando os “de dentro” saem ou quando os “de fora” chegam e se concretizam nos espaços da casa e da venda, a partir daí elas circulam da mesma maneira que as “de dentro”.

Comerford (2003) registrou em seu trabalho esse interesse peculiar das pessoas em realizarem um “controle informal” sobre todos e sobre tudo que acontece nas localidades por ele pesquisadas na parte norte da Zona da Mata, lá, assim como no bairro Ribeirão Vermelho “tudo é objeto de observação e comentários”, desta forma, opera-se uma “densa rede de interpretações e julgamentos centrados na avaliação das qualidades morais de seus ‘personagens’, que são pessoas que fazem parte de famílias, e no estado das relações dentro das famílias e entre elas” (p. 32). No Vermelho também percebi essa preocupação constante em comentar tudo o que acontece: receber visitas, ir até a cidade, pegar carona, comprar algo novo para casa, brigas familiares, falar de alguém; são alguns exemplos de ações que recebem atenção dos moradores.

O título deste sub-item nos fornece uma noção de como a fofoca, além de ser um importante fato social, é algo recorrente entre os sitiantes, tanto que a frase tem um caráter defensivo, ou seja, é melhor atacar primeiro porque o informante sabe que também será atacado posteriormente. De fato, as visitas foram marcadas por intensos comentários sobre valores morais, disputas entre famílias, brigas nas famílias, dívidas não pagas, traições conjugais e outros temas que a princípio não tinha interesse particular para o objeto da pesquisa. Entretanto, a recorrência da fofoca em cada visita chamou atenção para sua importância dentro do bairro.

Robert Paine (1967) considera que a fofoca é uma espécie de comunicação informal e um esquema intencional de proteção do interesse individual, mais do que o grupal. É o que acontece quando alguém do Vermelho procura provar sua reputação mediante a difamação de outra família. A fofoca é uma informação administrada com a finalidade de preservar a

imagem do indivíduo. Diferentemente de Gluckam (1963) que defende a fofoca como uma ação realizada para preservar a imagem do grupo, ou seja, através dela os valores do grupo são claramente afirmados. Para Paine, os apelos aos valores do grupo na hora da fofoca são utilizados para o interesse próprio, pois é o “indivíduo e não a comunidade que fofoca” (op cit.; 280). Mesmo que o interesse seja individual ou grupal, a fofoca informa. As vezes ela nos diz mais sobre um grupo do que uma resposta dada a uma pergunta formal de um questionário. Foi com esta intenção que adotei a fofoca como objeto de análise.

Conforme Paine (1967), a fofoca apresenta uma contradição, pois ao mesmo tempo em que ela promove a união do grupo e demonstra quem é seu membro, ela pode destruir essa unidade. As rupturas entre as famílias sitiadas do Vermelho não costumam serem definitivas, a não ser no “tempo da política”, quando as rivalidades tendem a se acentuarem por um período maior. Mesmo o caso das cunhadas que não se toleram, quando estas se encontram procuram demonstrar perante o grupo que não possuem nenhuma animosidade, ainda que o teor da conversa seja marcado por ataques sutis.

Segundo Elias (2000) “a fofoca, em outras palavras, não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias” (p.121). São, justamente, essas normas e crenças do Vermelho que determinam o teor da fofoca e quanto tempo ela pode durar⁵¹, seja ela “depreciativa” (presente na maioria das vezes) ou elogiosa. Por um lado, amparados por uma orientação religiosa do catolicismo, os moradores tendem, a princípio, a condenar a fofoca como algo ruim e imoral, “é feio falar da vida dos outros”,⁵² por outro, quando determinadas ações transgridem os códigos da vida religiosa, como, por exemplo, desrespeitar os pais, traição conjugal, roubo entre irmãos na divisão de herança, gravidez antes do casamento ou sair de casa para viver como marido e mulher sem ter se casado anteriormente são alvos justificados das fofocas. Assim, a descrição de Elias condiz com o caso do bairro, para ele “o padrão e o conteúdo das fofocas variam conforme a estrutura e a situação dos grupos e de pessoas que os circulam” (p. 129).

A metáfora utilizada por este autor para compreender a natureza e função da fofoca na comunidade de Winston Parva nos auxilia entender a utilidade do mexerico para os moradores do Vermelho. Para este autor as fofocas são as “rodas de um moinho”, são elas que dão sentido a identidade dos sitiados, é por meio delas que o bairro se movimenta e que determinados comportamentos são esperados e praticados a fim de evitar comentários depreciativos. Assim, é importante “andar na linha”, caso contrário a pessoa terá que suportar todos os mexericos a seu respeito. Como é o caso de uma moradora que saiu de casa para viver com um rapaz, contrariando os pais e sem se casar na igreja. Passados alguns meses, o relacionamento não deu certo e a moça de 18 anos teve que voltar para o sítio, exatamente durante o período da pesquisa de campo. Por muito tempo ela foi o alvo principal das fofocas entre os moradores. Num desabafo, ela nos disse que se tivesse matado ou roubado alguém não seria tão caluniada como está sendo por ter desrespeitado seus pais.

Este fato tem relação com duas categorias analíticas apresentadas por Woortmann (1990) como essenciais do universo camponês: honra e hierarquia (a terceira é reciprocidade). Ao sair da casa, a jovem fere a hierarquia do pai e rompe com a honra da família perante os outros moradores do bairro. O valor-família é superior ao valor-indivíduo, o qual muitas vezes precisa submeter-se a um comportamento esperado pelo grupo.

⁵¹ Alguns comentários duravam apenas um dia e logo eram esquecidos pelos moradores, mas houve caso da fofoca ser referente a pessoas já falecidas. O que determina o tempo de duração da fofoca na memória das pessoas é a gravidade da ação e do acontecimento. No caso em questão, a pessoa era um homem considerado muito ruim e que maltratava todos os filhos. De acordo com a nossa fonte, ele era avarento e preconceituoso, tanto que no dia do seu velório quase ninguém apareceu para velar o corpo.

⁵² Em várias ocasiões os moradores sempre começavam a conversa com a seguinte frase: “não é querendo falar mal, mas...” e em seguida descreviam o acontecimento. A frase é um indicador da fofoca como algo ruim, mas ainda assim a necessidade de descrever a situação ou tecer algum comentário é superior.

Fatos corriqueiros, que excedem os limites impostos pelos próprios moradores, também são comentados entre as pessoas do bairro, como exemplo, ir demais para a igreja, ser uma mulher que briga frequentemente com marido, ir demais para o bar. Discussões familiares logo são narradas e se tornam alvos de apreciação e depreciação. Tudo o que acontece é objeto de comentários.

Neste sentido, a fofoca pode representar um instrumento de neutralização das diferenças, seja de status moral, social ou econômico. Ela tende a colocar todos os sitiantes num mesmo patamar, quem destoa das qualidades e atitudes esperadas pelo grupo é alvo de fofoca. Os elementos de distinção tende a serem alvo dos comentários com a finalidade de serem neutralizados e de uma certa forma tentar manter uma suposta visão de homogeneidade que o grupo tem. Por outro lado, a fofoca reforça a diferença ao destacar as qualidades e capacidades familiares e individuais que são destoantes. Assim, a fofoca apresenta uma dualidade em relação à tentativa de neutralização da diferença, de um lado, e a seu destaque, de outro.

Os acontecimentos e as ações narradas pelos sitiantes sempre atentavam para possíveis desvios morais cometidos pelo “infrator” ou sua família, os quais mereciam serem alertados, pois a pessoa ou família em questão apresentava qualidades destoantes daquela esperada pelo grupo. A “sociabilidade agonística” descrita por Comerford (2003) é um elemento importante no componente da fofoca, pois as disputas entre as famílias perante a pesquisadora acentuaram a tonalidade dos comentários durante a pesquisa de campo. A sociabilidade agonística diz respeito aos conflitos, algumas vezes não assumidos, às provocações e à construção do respeito entre as famílias e dentro delas. Assim, uma das formas que os sitiantes tinham para demonstrar que sua família apresentava qualidades positivas, como união, respeito entre os membros da casa, idoneidade e honestidade era desqualificando outra família do bairro.

Ainda hoje, quando visito alguns moradores do bairro, novos casos são relatados, assim como os velhos são reapresentados sob outras perspectivas e desfechos. Na maioria das vezes, era esperado pelo relator um parecer da pesquisadora sobre a fofoca narrada, este fato me causou uma verdadeira situação de embaraço durante o período da pesquisa de campo, principalmente quando a narração terminava com a pergunta: “o que você acha?”. Não foi uma tarefa fácil manter a neutralidade perante famílias opositoras no bairro, já que algumas mantêm uma disputa “assumida”, mas dissimulada, durante anos, ocasionadas principalmente no “tempo da política”, ainda assim, sempre procurei não emitir opiniões pessoais sobre comportamentos considerados pelos entrevistados como imorais.

As brigas no Vermelho não são tão recentes assim, antes de mudarem-se para o bairro, as famílias pioneiras já disputavam politicamente em Itapuú. Após a ida para o Paraná, as brigas continuaram e da política se transferiram para os dois times de futebol organizados no bairro: Vermelhão e Vermelhinho. De um lado, as famílias dos Bazoni e dos Búfalos, de outro, a dos Pilvezana. Em função do futebol, as brigas se estenderam para os bailes e para a construção da capela. Atualmente elas se restringem às fofocas, o que considero como disputas não assumidas pelas famílias e ao “tempo da política”, período em que as brigas são esperadas e assumidas. É sobre esta questão que trato no próximo item.

3.2.3 O “tempo da política”

O “tempo da política” se circunscreve num período determinado, que é o período eleitoral municipal. Este momento é marcado por lógicas próprias, como, por exemplo, o aceite público do conflito, a divisão dos moradores em facções (partidos) e o respectivo posicionamento nessa divisão (Heredia e Palmeira, 2005; 455). “Nestas circunstâncias, mais do que uma escolha individual, acertada ou não, o voto tem o significado de uma adesão. Para

o eleitor, o que está em pauta em uma eleição não é escolher representantes, mas situar-se em um lado da sociedade” (Palmeira,1992; 27). Neste momento é importante declarar publicamente o voto.

É possível realizar uma associação à noção de “sociabilidade agonística” apresentada por Comerford (2003)⁵³, no que concerne a esta noção trata-se de um período ambíguo de tensão e vivência sentido e expresso constantemente em vários momentos do cotidiano e dos eventos especiais. O termo “evoca a centralidade da luta ou combate, que por um lado é inerente à vida, e que ao mesmo tempo possuiu dimensão de arte” (p. 23). A luta pode significar, por exemplo, a disputa por reputação ou reconhecimento, e a arte, a tentativa em dissimular essa luta e não permitir que ela encerre definitivamente as relações entre as famílias.

Antes de falar sobre política é necessário falar sobre o futebol. Pelo menos um tema sempre puxava o outro durante as entrevistas ou nas conversas informais. Quando questionava sobre o início das disputas políticas, alguns moradores diziam que tudo isso tinha começado por causa do futebol. Quando perguntava sobre a separação dos times de futebol no Vermelho, alguns me respondiam que era por causa da política. Conforme os relatos abaixo é possível perceber essa distinção⁵⁴:

1º Casal – ex-apoiadores do time Vermelhinho (família Pilvezana).

- Pesquisadora: Seo ..., fale da história do futebol, como começou?

- Entrevistado: Começou com um time só e depois com essa história de política. Acho que essa história já te contaram...

- Pesquisadora: Mais ou menos.

- Entrevistado: Depois de uma época de política um candidato a governo prometeu um campo e os outros já tinha um campo. Aí uma parte queria fazer um campo novo, aí começou essas rivalidades dentro do bairro (...) Começou nesse momento do Paulo Pimentel.

- Entrevistada: É foi aí que começou o problema com política. Porque antes era tudo unido, não tinha briga.

- Entrevistado: Porque o pai do Joãozinho, que era o João Pilvezana, ele já veio com a política no sangue, ele veio de Itapuú, ele era vereador lá. Ele veio aqui e foi nove anos vereador em Alvorada, era vereador que não ganhava nada.

- Entrevistada: Era voluntário naquela época.

- Entrevistado: Era vontade do espírito de fazer alguma coisa. Ele ia a pé em Alvorada nas reuniões da Câmara. Então ele era de um partido, nem me lembro, acho que era do partido do Ney Braga, agora não sei que partido que era do Ney Braga. Até me lembro que a campanha era com uma vassoura. Eu sei que era a campanha deles, eles andavam em cima do caminhão com uma vassoura, eles iam fazer o comício e punhavam a vassoura assim... Eu não me lembro do partido, mas começou ali. Então por causa do João Pilvezana e o Paulo Pimentel. E esse pessoal aqui, o seo Guerino Bazoni, o seo João Búfalo eles tinham muita amizade em Porecatu com o pessoal da usina que era do Lunardelli na época. Hoje é o Atala, mas o Lunardelli quem começou a usina e eles tinham muita amizade. E por através desses Lunardelli é que eles foram pro lado do outro partido, então aí dividiu, aí começou a briga.

- Entrevistada: Porque aqui eles eram o único que tavam do lado de Porecatu.

- Entrevistado: Porque o Paulo Pimentel era da família do Lunardelli, acho que era parente da mulher do Lunardelli. Então aí começou.

- Entrevistada: Aí ele prometeu o campo, prometeu um monte de coisa.

- Entrevistado: Aí ficou o lado do João que o era o da vassoura e eles foram do lado deles.

- Entrevistada: Então começou ali o problema do bairro. (sitiantes, 59 e 57).

⁵³ O autor fala em "sociabilidade agonística" de sitiantes quando se refere aos camponeses da Zona da Mata de Minas. Preocupado em analisar a organização sindical dos moradores da localidade estudada, o autor incorpora em sua discussão dimensões mais amplas da vida social das famílias, como relações de parentesco, política de reputações, formas de sociabilidade cotidiana, expressão simbólica de valores.

⁵⁴ Especificamente nestas entrevistas os nomes não serão divulgados.

2º Casal – ex-apoiadores do time Vermelhão (famílias Búfalo e Bazoni).

- Pesquisadora: O senhor jogava futebol Seo ...? Em qual time?
- Entrevistado: Eu jogava no Vermelho, no Vermelhão.
- Pesquisadora: Tinha essa disputa mesmo, essa rivalidade que algumas pessoas comentaram?
- Entrevistado: Vixe! Isso daí é uma história muito ruim, isso aí é até uma maldade. Isso aí foi implicância dos Pilvezana.
- Pesquisadora: Por questão de política?
- Entrevistado: Não, aqui começou, com os Pilvezana, em 50, quarenta e pouco. O Velho Pilvezana deu uma escolinha pra rapaziada, um campinho pra jogar. Depois o filho dele Silvestro implicou que a molecada ia beber água lá no poço, aí ele acabou com o campo. Agora meu tio Artur que era vizinho dele era muito chegado no esporte e da rapaziada. Aí ele falou: “o dia que tiver um pedacinho de terra eu vou fazer um campo pra rapaziada e quero ver quem manda”. Aí quando ele recebeu a herança do pai dele ele fez.
- Pesquisadora: Mas também não tinha a história do Paulo Pimentel de um lado e o Bento Munhoz de outro?
- Entrevistado: Então, mas daí que chegou. Daí veio o Paulo Pimentel e o João Lunardelli e fez o campo. Nós jogava no campo de lá, mas lá não tinha *ajuntório*⁵⁵ nenhum. Como meu tio era esportista, a rapaziada, todo o time inteiro, fomos lá pegar as coisas e jogar nesse campo de cá. Dá 300 metros um campo do outro.
- Pesquisadora: O Paulo Pimentel veio fazer o campo aí?
- Entrevistado: Em 65 foi feito o campo aí. (sitante, 60).

Para o primeiro casal de informantes a chegada da política, ou melhor, de outros políticos no bairro dividiu os times de futebol. Antes da vinda do Paulo Pimentel, o bairro já contava com um morador político da família Pilvezana. O segundo casal menciona que a “implicância dos Pilvezana” em querer controlar o campo separou os times do bairro e que somente depois veio a política. O fato é que os times acabaram, mas a política continua até os dias atuais, assim como as disputas em torno dela.

O time do Vermelhão era considerado o melhor na região, financiados pelo candidato a governador, tinham uniformes vindos de São Paulo e utilizavam chuteiras adequadas para o esporte. Esses ridicularizam o Vermelhinho, chamando-os de “paragatas”, devido aos sapatos alpargatas usados pelos mesmos. As rivalidades estenderam-se para os bailes, uma vez que nesse período as famílias realizavam dois. Também expandiram-se na definição do terreno para a construção da capela, impasse que teve de ser resolvido com a vinda do arcebispo de Londrina para o bairro.

Beatriz Heredia e Moacir Palmeira, em suas pesquisas constatam que no período das eleições municipais não se discute política com conhecidos, em especial com vizinhos e parentes (2005; 463). Já no bairro Vermelho, o tempo da política é o momento de intensas discussões, espaços públicos e abertos como, por exemplo, a venda, os comícios ou mesmo a rua, são locais de disputas, discussões e provocações. São palcos da expressão de opinião, da defesa do seu candidato e do ataque ao adversário. É importante ter argumentos, saber dos problemas pessoais que dizem respeito ao candidato adversário, sua família e aos seus cabos eleitorais. Temas como infidelidade no casamento, doação de dinheiro da família para a campanha, briga entre irmãos, traição da própria família na escolha do outro candidato são um “prato cheio” para a oposição. É importante desqualificar o adversário e toda sua família. O

⁵⁵ Esta palavra indica o sentido da falta de organização do time, de apoio e união entre os membros.

que está em jogo é a “disputa por reputação” (Heredia e Palmeira, op cit.; 464), ou melhor “disputa pela má reputação alheia”.

“Ajeitar” cargos para parentes e cabos eleitorais parece ser permitido e aceito pela comunidade. Isso não é uma questão a ser discutida nas campanhas. As famílias opositoras naturalizam e as apoiadoras contestam quando não são beneficiadas. Em uma conversa com uma moradora ela se dizia indignada porque seu parente político não “ajeitou” um cargo para sua filha no posto de saúde. Em uma outra eleição passada, a promessa foi cumprida, na ocasião, ele “deu um jeitinho” para que ela ocupasse um cargo temporário, mas dessa vez ele não honrou a palavra empenhada na hora de pedir o voto.

O velho Pilvezana foi um dos primeiros políticos do município, João Pilvezana, seu neto, resolveu seguir as trilhas do avô. Nas últimas três eleições ele concorreu com Adéssio Búfalo. Em 1996, concorreram Adéssio Búfalo X João Pilvezana – o Búfalo ganhou; em 2000 eles concorreram novamente, mas desta vez quem ganhou foi o Pilvezana; em 2004 o Pilvezana tentou a reeleição e o Búfalo saiu como vice-prefeito, nesta o Búfalo ganhou. Os familiares de ambas as partes reconhecem que nesta época as rivalidades se acentuam no bairro, conforme os relatos abaixo, o primeiro é de um casal parente do João Pilvezana, o segundo de um casal parente do Adéssio Búfalo:

1º casal

- Entrevistado: Olha eu vou dizer pra você que os times acabou justamente por causa das brigas. Aí veio os filhos, sei lá, as pessoas mais velhas parece que eram mais ignorante pra esse negócio de briga, de confusão. Era muito rígido, uma divisa aqui, aí se outro pisa outro daqui achava ruim. Depois que os filhos veio foram crescendo, foram fechando aquela confusão, foi unindo e os times foram acabando também .

- Entrevistada: Tinha essa rivalidade. Então foi acabando por causa disso mesmo, porque os filhos foram deixando dessa intriga pra trás. Hoje acabou tudo, hoje não tem mais nada, o povo é tudo amigo, faz festa tudo junto, festa aqui na capela.

- Entrevistado: Mas naqueles anos era complicado.

- Pesquisadora: Mas na época da política ainda tem alguma disputa?

- Entrevistado: Política ainda é até hoje.

- Entrevistada: Política tem, só que é assim: tem aquelas confusãozinha, cada um tem o seu candidato, mas não briga, na época de política cada um fica meio assim.... Mas quando acabou a política volta todo mundo amigo.

- Entrevistado: Porque aqui no bairro tem pessoas envolvidas, o Adéssio é daqui, já foi prefeito, já foi vice, hoje é vice. O Joãozinho é daqui de dentro da propriedade, já foi prefeito, já foi vereador não sei quantos anos, foi vice e tá envolvido. Então chega na hora da campanha todos eles passam [nas casas] em todo mundo. Mas na verdade todo mundo já sabe, os candidatos já sabem em quem um vota e em que o outro não vota.

- Entrevistada: Não é que a gente tem alguma coisa contra, que nem o Adéssio, mas sempre deu certo que o Adéssio é junto com o Joãozinho [na disputa] e o Joãozinho é da família aqui, eles lá não vão deixar de votar no Adéssio porque é da família deles, a gente não vai deixar de votar no Joãozinho porque é da família da gente.

- Entrevistado: O problema de ganhar é deles. A gente já fala quando eles vêm [que não vai votar], porque tem uma amizade né.

- Entrevistada: Tem aquela amizade.

- Entrevistado: Não tem nada a ver, mas a gente já esclarece: “olha ...”. Eles fala: “eu passo porque nós somos amigos”. Os dois têm falado: “se o meu primo não votar em mim eu vou achar ruim”. No caso do Adéssio ele veio aqui e disse: “eu acho uma injustiça você votar em mim e deixar de votar no Joãozinho, porque se meus primos ali falar que não vão votar em mim eu vou achar ruim”. (...) E vem a política de novo agora e vai o mesmo problema outra vez, porque eu tenho certeza que o Adéssio hoje é vice e ele vai ser candidato a prefeito. Ele fala que não, mas eu tenho certeza que é.

- Entrevistada: Ele não deixa a política.

- Entrevistado: O Joãozinho não vai ser candidato a prefeito, mas ele tem força política porque ele foi prefeito até agora, dois anos passado. Então ele não deixa de ter uma força política. Então ele vai tentar procurar um candidato. (sitiantes, 59 e 57).

A primeira família, ao explicar porque atualmente não tem mais time de futebol no bairro, menciona o fato dos filhos terem crescido, ou seja, eles consideram que os mais velhos eram os responsáveis pelas intrigas do bairro. Mas quando questionados sobre o tempo da política reconhecem que ainda hoje existe uma “confusãozinha”, “cada um fica meio assim...”. No “tempo da política” opera o que Palmeira denomina de “voto por adesão”, desta forma, “mais do que uma escolha individual, acertada ou não, o voto tem um significado de uma adesão. Para o eleitor, o que está em pauta em uma eleição não é escolher representantes, mas situar-se do de um lado da sociedade” (Palmeira, 1992; 27). Neste momento é importante declarar publicamente o voto.

2º casal

- Pesquisadora: Como o bairro fica no tempo da política, tem muita disputa entre as famílias?

- Entrevistado: Meu pai do céu, não quero nem que fale. Eu nem vou em Alvorada. O problema é depois que ganha, eles querem soltar rojão dois, três dias.

- Entrevistada: Eles ficam ali adivinhando, porque que nem tanto o nosso lado aqui eles querem que tudo vote naquele lado que uma pessoa tá, querem que vai tudo lá.... e tem gente que fala: “ eu não vou votar em fulano porque....” aí vira aquele comentário, onde vai, na venda, onde vai por aí é aquele comentário. Eles querem que votem tudo junto num lugar só. Não é assim, por exemplo, eu voto em quem eu acho que devo votar e fulano vota em quem ele quer, mas não, eles acham que é uma obrigação todo mundo votar naquele que ele tem família.

- Pesquisadora: A maior provocação é antes, é no dia ou é depois da eleição?

- Entrevistado: Ah! é depois.

- Entrevistada: Ainda mais se sabe que você votou num lado e o lado perdeu, quando é o lado da gente que perde. Vixe Maria! Aí o negócio fica complicado. (sitiantes, 60 e 53).

O segundo casal chama a atenção para as disputas que ocorrem após o resultado das eleições, conforme nos foi relatado por outro informante houve caso de um simpatizante do candidato vencedor soltar rojão por três meses na frente da casa da família do candidato vencido e até mesmo um caso de polícia, quando um rojão foi solto em cima de uma casa. As rivalidades e provocações se acentuam, principalmente, após a certeza da vitória. A entrevistada ainda realça a “obrigatoriedade” que o eleitor tem em votar no candidato da sua família, segundo ela não resta opção e escolher outro candidato seria pior, pois estaria sujeita aos comentários de seus próprios familiares e até mesmo da oposição.

No período das eleições “aparecem”, geralmente de madrugada, cartinhas anônimas dirigidas aos candidatos. O conteúdo delas é impressionante, pois elas fazem menção não só ao candidato, mas também a sua família. Termos do parentesco são empregados sem cerimônia, assim como a desqualificação moral do candidato e de seus familiares. Os financiadores (mercadinho, farmácia, padaria) da campanha, a dívida deles com o candidato e vice-versa e os “traidores” também são mencionados. Até caso de traição extraconjugal aparece.

Tive acesso a duas dessas cartas anônimas distribuídas no período das eleições. Seu conteúdo é impressionante e fornece uma dimensão da tonalidade do ataques neste momento. A primeira é intitulada “Carta à família ...”, a segunda “Agradecimentos aos meus amigos”. A primeira apresenta um conjunto de ataques aos membros da família e objetivam tornar públicas questões pessoais para os eleitores. A segunda trata-se de uma série de agradecimentos aos financiadores da campanha, escritos de forma irônica, como se o candidato eleito a tivesse escrito. Alguns exemplos do conteúdo destas cartas podem melhor

ilustrar como a fofoca é um elemento recorrente no tempo da política.

1ª carta

“Eu não queria mencionar na GRAMA [grama vendida de forma suspeita para financiar a campanha, segundo os moradores] que foi ‘roubada’, mas ... não quis dizer, que ele a vendeu para gastar com sua amada. Enquanto Dona ... acha que eles está cuidando dos papéis, ele se diverte é lá dentro dos MÓTEIS.

O Senhor ... é corno e sabe disso, por isso alerta a todos que pensem antes de fazer isso.

Vamos terminando esta que já esta muito longa, mas não deixo de dizer que ... rouba sem querer, ele pega emprestado dos irmãos e esquece de devolver”.

2ª Carta

“Agradeço ao **meu pai** por ter vendido sua casa por R\$ 60.000,00 e investido em mim mais uma vez.

Agradeço a minha **sogra ...** por no sábado ter aberto o cofre e me dado R\$ 26.000,00, eu não lhe disse que a recompensa viria.

Agradeço ao **... do mercado** pelos R\$ 18.000,00 em cesta básica, compraremos no seu mercado.

Agradeço a **família ...** que ajudaram com um pouco cada um, já serviu. E aos traidores como a ... não fizeram falta, pois é um cargo a menos”.

A constante menção ao parentesco nos indica que em Alvorada do Sul política é *questão de família* e mais do que votar, o que está em jogo é “aderir” a um candidato, ou melhor, à família do candidato. Assim, ao mesmo tempo em que o escritor anônimo agradece a família por ter apoiado a candidatura do prefeito, ele critica um dos seus membros considerado como traidor por ter ficado do lado do candidato concorrente. Entretanto, Bezerra (1995) alerta que não dá para reduzir o “jogo político” às relações entre famílias ou parentes. Pois, política e parentesco se influem mutuamente; as relações familiares fazem-se presente na política e vice-versa. As acusações acima são conhecidas pela maioria dos moradores, inclusive dados detalhados, como data e valores, mas ninguém consegue saber quem é o escritor, pois todos os candidatos não alvos das fofocas descritas nas cartinhas, o que existem são suposições e desconfianças, ainda assim elas sempre são esperadas durante as eleições.

3.3 Sitiantes e chacareiros: uma nova relação

Outro aspecto da sociabilidade é a relação entre os sitiantes e o grupo de novos atores que passou a frequentar o bairro nos últimos anos: os chacareiros. Embora esse contato ainda seja tênue, ele teve alguns avanços nestes quatro anos após a instalação do loteamento, além do mais acredito que a aproximação irá aumentar e até mesmo acionar algumas mudanças na estrutura do bairro futuramente. Desta forma, optei em incluir essa discussão, ainda que incipiente.

As relações entre sitiantes e chacareiros são esparsas e ocasionais, apesar dos avanços ocorridos no último ano. A maioria restringe-se à compra e venda de produtos do sítio. Alguns sitiantes costumam frequentar as chácaras, mas a maioria limita-se a observar atentamente o movimento de quem chega e sai, com que frequência vem e se trazem pessoas diferentes. Seo Oswaldo e do Seo Waldemar estão no grupo dos “frequentadores” dos lotes, o primeiro tem a casa mais próxima das chácaras e o segundo, responsável pelo loteamento. Estes, geralmente, dão uma volta nas chácaras nos finais de semana e acabam sendo convidados para comer, tomar uma cerveja e bater papo. Em algumas dessas visitas estive presente e pude perceber o conteúdo das conversas, nelas os chacareiros mostram-se muito interessados pela vida no sítio, procuram tirar dúvidas sobre datas para o plantio, o andamento da colheita e de como é morar no lugar.

Cheios de idéias preconcebidas da cidade, sempre idealizam o sítio como o melhor lugar para se viver, “eu acho que a vida no campo é a melhor vida que tem”, longe da

violência e perto da natureza e de uma vida considerada simples, sem os confortos que a cidade oferece, mas prazerosa. Como é caso de uma conversa gravada entre sitiantes e chacareiros. A moradora da cidade menciona que a vida no sítio é ótima, mas não teria condições de viver ali, pois seus filhos precisam estudar, logo em seguida a moradora do sítio argumenta que ali também tem escola e que o ônibus busca e deixa as crianças na porta de casa.

Alguns chacareiros também costumam freqüentar as casas dos sitiantes, as visitas são bem rápidas. As exceções são dois chacareiros: Seo Tão e Dona Rosa e Seo Arnaldo. O primeiro casal já era conhecido antigo das famílias, ambos viveram em Alvorada como colonos na década de 70, casaram-se e só então mudaram para Londrina. Seo Tão é tocador de viola e de Dona Rosa o acompanha na cantoria das modas, eles estão presentes em todas as festas do bairro, além disso, são convidados para festas de aniversário ou para algum churrasco de final de semana. Sempre ficam sabendo dos ocorridos no bairro através dos moradores. Seo Arnaldo tem um contato muito estreito com uma família de sitiantes. Em certas ocasiões ele passa semanas inteiras na chácara, quando isso ocorre, ele participa e auxilia o morador em todas as atividades do sítio: tirar leite, dar comida para os animais, moer silagem, matar e limpar porco, consertar cerca, preparar lingüiça. Estes são os casos de maior contato entre chacareiros e sitiantes verificados no bairro.

Outras ocorrências menos eventuais, mas muito significativas são as crescentes participações dos chacareiros no “almoço do Vermelho” e nas festas juninas. Eles sempre foram convidados, mas poucos freqüentavam tais espaços. No último almoço, um casal que mora na chácara foi convidado para organização, isto demonstra a inclusão que os sitiantes estão promovendo em relação aos novos moradores. Outro fato bem interessante e que diz respeito à inclusão das pessoas de fora (mas que aos poucos estão e querem se tornar de dentro) foi a celebração de uma missa por um diácono chacareiro. Ele foi convidado por um sitiante para celebrar a missa do Padroeiro São João Batista no dia da festa junina. No ato da celebração, ele abriu um parêntese para destacar a importância de realizar a missa, ali, junto de seus vizinhos, no lugar que ele também considera como “sua comunidade” e uma “grande família”. Nesta festa, estavam presentes outros chacareiros que foram convidados pelos sitiantes, os quais também entraram no esquema “junta panela” e dançaram a quadrilha.

Poucos foram os relatos sobre brigas ou problemas que os sitiantes tiveram com a chegada dos novos moradores de final de semana, quando informados, eles dizem respeito ao lixo deixado na beira da estrada e aos cachorros que os chacareiros trazem da cidade para o bairro. Segundo os moradores, eles são responsáveis pelo sumiço de galinhas e a única alternativa é dar fim nos cachorros (se necessário envenenando-os), afinal as aves são uma fonte de renda e consumo importante para as famílias.

Outra forma de relacionamento entre chacareiros e sitiantes dá-se através da compra de produtos dos sítios. Ovos, pães, lingüiças, queijo, carne de porco, leite, requeijão e galinhas são os principais produtos comercializados. Nos finais de semana, as casas de Dona Madalena e Dona Cleusa recebem uma grande quantidade de pessoas interessadas nesses alimentos, até mesmo encomendas são feitas, como por exemplo, a de requeijão. Para as duas, vender esses produtos é muito significativo para sua renda, pois mensalmente elas conseguem ganhar entre R\$150,00 e 250,00 “sem sair de casa”. Segundo a Dona Cleusa, o que oferecem para os chacareiros eles compram, “é só fazer que eles vêm tudo comprar”.

A contratação dos serviços dos moradores também representa uma forma de relacionamento. No bairro, duas mulheres trabalham na limpeza das casas dos chacareiros e dois homens trabalham no terreno do lote, estes são responsáveis pelo plantio de árvores frutíferas e pela capina do quintal. Para os sitiantes a oferta deste trabalho significa um incremento na renda e para os chacareiros a oportunidade de chegar para o fim de semana e tudo se encontrar em ordem.

Considerações

Um dos aspectos centrais deste capítulo diz respeito à importância que as festas têm como um elemento de vitalidade social do bairro e de manutenção de um modo de vida sustentando na agricultura camponesa. Apesar da razão econômica apontar a uma direção que indica o fim do bairro, dada a atual condição de diminuição do tamanho dos sítios e da falta de recursos para ampliação do patrimônio familiar.

O período das festas é marcado pelo estreitamento dos laços de parentesco. Nesta ocasião predomina a união entre as famílias para a organização dos eventos. Conforme a circunstância, a esfera da festa abrange todos os moradores do bairro e os classificam como “parentes”, uma grande família, diante das pessoas de fora; outras são circunscritas a um outro tipo de “parente”, expresso na família nuclear e consangüínea.

Enquanto o espaço da festa é caracterizado pela união entre os sitiantes, e isso não significa dizer que haja ausência de conflito nesta situação, o “tempo da política” é assinalado pela rivalidade entre dois grupos familiares do bairro, demonstrando que há união no interior de cada grupo. Acontece que o sentido de família é operado de uma maneira no período da festa, na qual é importante demonstrar internamente e externamente que “todos são parentes”, já no período que contempla a política municipal, ele é ressignificado, uma vez que existem dois candidatos do bairro, pertencentes a duas famílias distintas. Nesta ocasião é necessário posicionar-se diante da sociedade, pertence a um lado da família.

As disputas vivenciadas no cotidiano e as que são acionadas em torno dos eventos espaciais, geralmente são dissimuladas e controladas pelos moradores. O mesmo não pode ser dito sobre o “tempo da política”. Neste momento os moradores do bairro assumem e reconhecem o conflito, as provocações são diretas e não é preciso utilizar subterfúgios se a intenção for provocar e discutir com algum apoiador do candidato, geralmente membro da família. Só não é permitida a briga corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo traço um panorama da história do município de Alvorada do Sul e da colonização do bairro Ribeirão Vermelho a partir dos depoimentos dos pioneiros e das gerações subseqüentes dos moradores. Além disso, apresento as representações que os sitiantes e os chacareiros têm sobre os espaços do sítio e da chácara. Pode-se constatar que os atores sociais associam os significados dos lugares com suas práticas sobre o espaço.

O bairro sofreu algumas alterações em sua configuração espacial ocasionadas por dois processos distintos: o primeiro deles ocorreu na década de 1970 através da construção da Represa Capivara e da ocupação de parte dos sítios pela chegada das águas. Os sitiantes associam outros acontecimentos do período a esta fase, como, por exemplo, a saída das pessoas da localidade. O segundo evento que alterou a estrutura do bairro foi o loteamento de parte dos sítios para a construção de chácaras de lazer para cidadãos. Esta situação trouxe novos arranjos para a vida no bairro, como a chegada de outros atores sociais (os chacareiros) para dividir o mesmo espaço.

Não é possível dizer que o processo de chegada das chácaras no bairro Ribeirão e das pessoas de fora vindas da cidade a procura de lazer corresponde a um processo de urbanização do bairro. Embora esse processo seja recente ele não significa a falência de um determinado modo de vida e valores que sustentam uma sociabilidade tida como rural.

Vimos através do segundo capítulo como a herança igualitária pode inviabilizar a manutenção da propriedade no interior da família. O sistema igualitário de partilha entre os sitiantes do Vermelho foi responsável pela fragmentação excessiva da terra, além disso, pode gerar futuramente uma situação de ameaça estrutural à reprodução social e à manutenção das explorações agrícolas. Uma saída recorrente entre os sitiantes no período mais recente é o arrendamento de terras no Mato Grosso e o recurso da aposentadoria.

A herança igualitária gerou a fragmentação excessiva dos sítios. Este padrão de divisão não possibilitou que todos os filhos permanecessem na terra, aqueles que conseguiram continuar no sítio o fizeram a partir de duas situações distintas: ser escolhido como *sucessor* ou receber apoio do pai/sogro durante os primeiros anos após o casamento. Esse padrão de herança tem como viés para os sitiantes a igualdade entre os filhos, “todos tem o mesmo direito”, mas essa igualdade pode representar a impossibilidade da reprodução familiar.

Entendo que a partilha igualitária não é a principal responsável pela fragmentação indistinta da propriedade, mas, também, a falta de terras e de recursos econômicos desses agricultores. Apesar de a agricultura ter perdido a mesma importância econômica na reprodução social das famílias no período atual, decorrente da diminuição do tamanho dos sítios associado ao cultivo de lavouras que exigem uma extensa área para serem rentáveis, a agricultura é altamente significativa na manutenção da identidade social de sitiante. Identificar-se à categoria social de agricultor e, essencialmente, ser aceito como tal pelos demais é condição para ser reconhecido como membro do bairro, pertencer à localidade. Essa identidade pode ser acionada mesmo em situações que a agricultura não representa o principal meio de sustento da família, neste caso, é a propriedade da terra atrelada à trajetória familiar de origem agrícola e ao trabalho nela realizado que fornece a base social para o reconhecimento dessa identidade.

Atualmente, devido à fragilidade econômica da agricultura, as estratégias de manutenção dos grupos familiares do bairro Ribeirão Vermelho vão no sentido de manter o sítio como um espaço de moradia associado à obtenção de outras fontes de renda, principalmente da aposentadoria e do aluguel de casas na cidade. A permanência no sítio,

mesmo de uma área pequena (média entre 10 e 12 alq.), além de possibilitar acesso à moradia e às condições de produção para o autoconsumo, permite fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade, viver um em uma comunidade onde está construída uma extensa rede de relações pessoais e de parentesco baseada na solidariedade e em estreitos laços de interconhecimento.

Outro mecanismo acionado por algumas famílias diz respeito ao encaminhamento de todos os filhos para a cidade, primeiramente para estudar e posteriormente empregar-se em atividades urbanas. A tentativa de permanecer no sítio foi fortemente incorporada nos valores familiares até a terceira geração, ainda assim, não podemos generalizar esta vontade de permanecer na terra para todos os filhos, visto que alguns optaram em deixar o bairro e outros o fizeram a partir das estratégias familiares para evitar a excessiva fragmentação.

No último capítulo procuro demonstrar algumas práticas de sociabilidade dos sítiantes do bairro Ribeirão Vermelho e desta forma, analisar os tipos de interações construídas pelos moradores em determinados espaços e situações/ações, entre eles: a casa, a venda, as festas, a fofoca e o tempo da política. Busco verificar em quais circunstâncias opera o sistema de ajuda mútua e união e em quais vigora a disputa entre as famílias do bairro.

A casa é o primeiro espaço analisado, ela é considerada como um local de “convivência”, cujo motivo fundamental da associação de pessoas é a partilha da companhia e as situações agradáveis que ela pode criar. Através da convivência diária e da circulação em espaços distintos, a família nuclear (pai, mãe e filhos) cria condições de ampliar cotidianamente o rol de informações que movimentam o bairro. As mulheres freqüentam as casas de outras mulheres, enquanto os homens convivem com outros homens na venda. À mulher é destinado o espaço da intimidade e ao homem o espaço público.

Além da “convivência” familiar, a casa também serve como espaço de “convivência” de grupos de parentesco e de vizinhança, principalmente para as mulheres através das visitas constantes que elas realizam umas as outras. A visita é um momento importante de repasse das informações entre as mulheres, pois tudo que acontece no Vermelho é objeto de observação, comentários e julgamentos.

A venda é espaço destinado à “convivência” dos homens. Este local também é importante no que concerne à difusão das informações de todo o bairro. Os homens são responsáveis em levar os comentários da venda para casa e da casa para venda. A venda também é um espaço do encontro gratuito e prazeroso, cujas regras principais consistem em não beber em excesso, não brigar fisicamente e “saber brincar”. No “tempo da política” a venda é o principal palco de provocações e disputas entre as famílias dos candidatos opositores.

As festas são divididas entre as festas cujo caráter é o da “convivência” e as festas de “participação”. As primeiras são agrupadas nos encontros familiares e de amigos para a comemoração de aniversário, bodas, batizados ou preparo de refeições. Ainda que a principal intenção do agrupamento de pessoas nestes locais seja a fruição prazerosa da companhia, eles não são totalmente desprovidos de regras conforme demonstrei anteriormente.

Os espaços de “participação” têm como característica a submissão da experiência gratuita da convivência à necessidade ou a intencionalidade de produzir bens, serviços ou significados através do trabalho coletivo. A intenção desse agrupamento é a atribuição de sentido ao grupo, ou seja, a construção/manutenção de uma identidade nós perante as pessoas de fora. São analisadas três festas consideradas pertencentes a este grupo, justamente por serem organizadas por meio do trabalho coletivo dos sítiantes e para as pessoas de fora participarem. As festas escolhidas foram: o “almoço do Vermelho”, a festa junina de São João Batista (padroeiro do bairro) e a festa junina de Santo Antônio. Embora as festas sejam marcadas pela sociabilidade agonística, assim como outros momentos do cotidiano, o que mais impressiona é união dos sítiantes para sua organização e realização. O trabalho coletivo

para a organização da festa dá sentido ao bairro.

A união temporária para organização das festas cede lugar à ruptura temporária ocasionada no “tempo da política”. No bairro, não ocorrem nem separações e nem junções definitivas, a todo instante ocorrem arranjos familiares de acordo com os interesses em questão. A disputa política no Vermelho ocorre desde a primeira geração de moradores, quando as famílias assumiram posições distintas no apoio ao candidato a governador na década de 40. Dois filhos de pioneiros e moradores do bairro disputaram a vaga para prefeito nas últimas três eleições municipais. O “tempo da política” é marcado pelas brigas assumidas e aceitas como legítimas pelos sitiantes, neste período é importante posicionar-se e escolher um lado.

Como as “rodas de um moinho” a fofoca movimentada as ações, cria expectativas, gera interesses, disputas e possibilita uma maior interação entre os sitiantes no cotidiano e nos eventos especiais. Ela está presente nas situações apresentadas acima, porém com aspectos diferenciados em cada momento. No “tempo da política” a fofoca é intensificada, pois uma das estratégias utilizadas pelos candidatos e seus apoiadores é desqualificar a família do oponente através de difamações pessoais e de caráter familiar. No que diz respeito à venda e à casa, os “comentários” assim como os espaços são divididos entre os gêneros. A circulação dos homens e das mulheres em espaços distintos no dia-a-dia permite que as informações sejam repassadas constantes. As novidades da venda são transmitidas para as mulheres e as da visita são informadas aos homens. As festas do tipo “convivência” têm um teor menor de fofoca, pois elas são frequentadas geralmente pelos familiares e amigos. Diferente das festas do tipo “participação”, onde as regras são mais acentuadas e a sociabilidade agonística mais intensa.

O bairro rural Ribeirão Vermelho apresenta uma diferença em relação ao bairro rural pensado e descrito por Antonio Candido, na localidade estudada nesta dissertação, as chácaras trazem consigo a proximidade maior de um modo de vida amparado por valores urbanos. Ainda assim, um elemento muito importante aproxima este bairro da definição clássica de Candido, trata-se da união dos sitiantes para a organização das festas. Estes eventos são situações relevantes para reforçar as práticas de sociabilidade que integram a tradição do lugar e dão sentido à vida dos sitiantes. Além disso, reforça os laços de parentesco e reafirma as trocas entre os parentes e vizinhos.

O bairro Vermelho tem uma complexa rede de sociabilidade estabelecida entre seus moradores desde a chegada dos pioneiros. As interações sociais entre as famílias deram e ainda dão sentido à identidade dos sitiantes e ao modo de vida das famílias. Pois, ainda que o bairro Ribeirão Vermelho não apresente um dos aspectos apresentados por Antonio Candido como definidor do bairro rural, ou seja, o trabalho coletivo no sítio através da ajuda mútua entre os moradores, os sitiantes unem-se frequentemente para a organização dos festejos locais, outra característica definidora do bairro rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de. **A morada do vale: sociabilidade e representações**, um estudo sobre as famílias pioneiras do Heimtal. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.

BERREMAN, Gerald. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BEZERRA, Marcos Otávio. **Parentesco e política num estudo de comunidade**. Trabalho apresentado ao curso de antropologia política do programa de Pós-graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ, 1995 (texto não publicado).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. São Paulo: Geic/Cabral Editora, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 3ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CARNEIRO, Maria J. **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, 2004 (Relatório final do Projeto “Pluriatividade e ruralidade: identidades sociais em construção”).

CARNEIRO, Maria J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos feministas**, ano 9, n. 22, 2001.

CARNEIRO, Maria J. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, out., 1998a.

CARNEIRO, Maria J. **Terra de pobreza: um estudo da re-invenção das relações de dominação**. Rio de Janeiro: 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CEREZINI, Sandra R. **O significado atribuído à terra pelos moradores da vila rural Pedro Lopes Martins – Alvorada do Sul – PR**. Londrina: 2004. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina.

CHAYANOV, T. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva vision, 1974.

COMERFORD, John C. Brincando: um estudo sobre uma forma de construção social. In: _____ **Fazendo a luta:** sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: NuAP/Relume Dumará, 1999.

COMERFORD, John C. **Como uma família:** sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: NuAP/Relume Dumará, 2003.

CRISTÓVÃO, Artur. Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIEDL, Mário et al (orgs.) **Turismo rural:** tendencias e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul, SC: EDUNISC, 2002.

DaMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

De PAULA, Silvana. Quando o campo se torna um experiência urbana: o caso do estilo de vida *country* no Brasil. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 17, out., 2001.

De PAULA, Silvana. Natureza, ruralidade e experiência urbana. In: MOREIRA, Roberto José (org.). **Identidades sociais:** ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005.

DEL GROSSI, M. E.; GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural:** uma abordagem ilustrada. Londrina, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** Editor: Victor Civita, 1983.

DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In RODRIGUES, J. Albertino. **Durkheim: sociologia.** São Paulo: Ática, 1984.

ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GARCIA JR., Afrânio. **Terra de trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

GIULIANNI, Gian Mario. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** n. 14, ano 5, 1990.

GLUCKMAN, Max. Gossip and scandal. **Current anthropology.** v. 4, n. 3, june, 1963.

GONÇALVES, Camila R. **O turismo e a construção do espaço rural:** o *causo* do arraial de Conceição de Ibitipoca (MG). Rio de Janeiro: 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Centro de Pós-graduação em Desenvolvimento, agricultura e sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

HEREDIA, Beatriz M. A. **A morada da vida:** trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HEREDIA, Beatriz M. A.; PALMEIRA, Moacir. O voto como adesão. In: CANÊDO, Letícia Bicalho. **O sufrágio universal e a invenção da democracia.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

IBGE – **Alvorada do Sul – PR**: histórico. Disponível em:
<<http://www.biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em: maio de 2007.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LEACH, Edmund R. Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. In: _____
Repensando a antropologia. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOURA, Margarida. **Os herdeiros da terra**: parentesco e herança numa área rural. São Paulo: Hucitec, 1978.

PAINE, Robert. What is gossip about? An alternative hypothesis. **Man**, vol. 2, n. 2, june, 1967.

PALMEIRA, Moacir. Voto: racionalidade ou significado? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 20, ano 7, out., 1992.

PAULINO, Stefano Mendes. As cidades e as serras. Espaço e identidades sociais na construção da ruralidade. In: MOREIRA, Roberto José (org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005.

PEIRANO, Mariza Peirano. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: _____ (org.). **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: NuAP/Relume Dumará, 2002.

PIRES, André. **De rocinhas aos enclaves**: figurações do rural em Vinhedo, SP. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia Ciências Humanas, Campinas, SP, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmicas das relações bairro rural – cidade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RADLIFFE-BROWN, A. R. Os parentescos por brincadeira. In: _____. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Editora Vozes. 1973.

SANT’ANA, Antonio L; COSTA, Vera Mariza H. de Miranda. Produtores familiares e estratégias ligadas à terra. **RER**, Rio de Janeiro, vol. 42, n. 04, out/dez, 2004.

SEYFERTH, Giralda. Herança e estrutura familiar camponesa. **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, Antropologia, n. 52, 1985.

SEYFERTH, Giralda. Camponeses ou operários? O significado da categoria *colono* numa situação de mudança. **Revista do Museu Nacional**. São Paulo, Vol. XXIX, 1983/1984.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações. **Estudos CEBRAP**. n. 26, 1980.

TEDESCO, João C. **Terra, trabalho e família**: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EDIUFPA 1999.

TEDESCO, João C. Técnica, direito e moral: o cotidiano em conflito – transformação no meio rural da região de Passo Fundo. **Teor. Evid. Econ**, Passo Fundo, v. 4, n. 7/8, maio/nov, 1996.

WANDERLEY, M. N. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos, Sociedade e Agricultura**. n. 21, out, 2003.

WANDERLEY, M. N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (org.). **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. Passo Fundo: Editora da UPF, 1998.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec / Editora Universidade de Brasília, 1995.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da Universidade Brasília, 1997.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se negueia”: O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**. Editora Universidade de Brasília / Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen F. Fuga a três vozes. **Anuário antropológico/91**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.